LINGUA PORTUGUEZA

MEIOS DE EXPRESSÃO

E

ALTERAÇÕES SEMANTICAS

POR

M. SAID ALI

Professor do Collegio Pedro II e da Escola de Estado Maior

(1º Premio Francisco Alves de 1927)

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

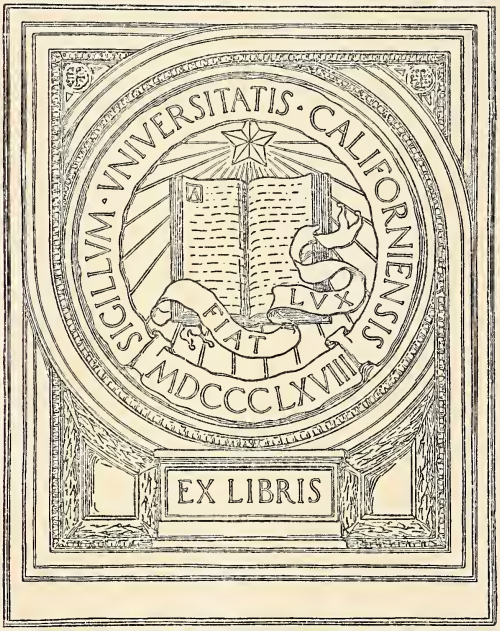
166, Rua do Ouvidor, 166 — Rio de Janeiro

S. PAULO
43-A, Rua Libero Badaró

BELLO HORIZONTE
Rua da Bahia, 1052

1930

UNIVERSITY OF CALIFORNIA
AT LOS ANGELES



MEIOS DE EXPRESSÃO

E

ALTERAÇÕES SEMANTICAS

PRINTED IN BRAZIL

LINGUA PORTUGUEZA

MEIOS DE EXPRESSÃO
E
ALTERAÇÕES SEMANTICAS

POR

M. SAID ALI

Professor do Collegio Pedro II e da Escola de Estado Maior

(1º. Premio Francisco Alves de 1927)

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
166, Rua do Ouvidor, 166 — Rio de Janeiro
S. PAULO
49-A, Rua Libero Badaró
BELLO HORIZONTE
Rua da Bahia, 1052
1930

Nº 488

PC
524
S15m

PROLOGO

O homem normal exprime o que pensa e o que sente por meio da palavra, acompanhada ou desacompanhada de mimica e de gestos. Supprem estes a linguagem verbal na conversação com surdos-mudos e entre individuos que, falando idiomas differentes, não se entendem um ao outro.

A mimica é expressão de affectos: vem geralmente espontanea, mas pode ser cousa estudada, como succede com artistas de theatro e cinema.

Considerados como elementos accessorios do discurso, os gestos e a mimica pouca attenção merecem do linguista. O seu estudo, sobre ser complexo, não prometteria muito fruto. A sciencia até agora não sente a sua falta na linguagem fixada pela escripta, onde nada mais apparece que os symbolos de phonemas. E no discurso falado tão perfeitamente podemos entender aquelle que a cada instante contrae musculos da face e agita mãos e braços, como aquelles que se abstêm de exhibição mimica ou pantomimica. Só o gesto deictico ou demonstrativo se torna necessario algumas vezes.

Não cuido desses elementos secundarios no presente livro. Os meios de expressão que examino são particularidades da propria linguagem falada, que em certas occasiões se manifestam como phenomenos regulares. Os principios de logica em que assenta o edificio grammatical não bastam para a manifestação de certas subtilezas do pensamento. O espirito recorre, sempre que precisa, a expedientes mais praticos e difficeis de explicar pelos processos tradicionaes.

O linguista de hoje investiga os factos sem preoccupar-se com a questão do que é ou deixa de ser correcto. Em geral procuro seguir o mesmo rumo; mas as

465241
SPANISH

duvidas desse genero podem prender-se a questões de ordem mais elevada e ahi encontrar solução. Outras vezes, a documentação geralmente respeitada em que fundo os estudos dará a solução incidentemente.

Acima do modo, antigo e exclusivista, de ver as cousas, está a indagação historica. E a investigação da evolução dos phenomenos não se ha de limitar ás mudanças de phonemas e formas grammaticaes, mas estender-se ás expressões que com o tempo se foram trocando por outras. Entra-se no dominio da psychologia e da semantica.

Em alguns dos capitulos consagrados ás acquisições novas, mostro que não ha razão para se julgar tão absoluta, como alguns apregoam, a pureza da lingua dos escriptores chamados classicos. O escasso conhecimento do idioma falado para lá dos Pyrineus não deixou penetrar muitos gallicismos na Peninsula; mas vieram sempre alguns que se juntaram aos já existentes arabismos, e vieram castelhanismos e italianismos. O denominado ouro de lei era, já muito antes dos tempos modernos, uma liga, posto que nella brilhasse com grande vantagem o quinhão herdado do latim. Por alguns casos muito caracteristicos se vê a facilidade com que se adoptariam estrangeirismos, desde que se offerecesse a opportunidade; mas o polyglottismo de outrora mal passava dos idiomas latim, portuguez e hespanhol.

Sempre que me é possivel, indico a epoca em que se usaram ou deixaram de usar certas expressões ou em que se alterou o sentido das palavras.

No trabalho ainda por imprimir apresentado com o prologo acima á Academia Brasileira de Letras não se achavam incluidos nem o artigo *Montar, Remontar,* nem os que adiante se lêem sob o titulo geral de Capitulos Supplementares. São estudos, alguns posteriores, outros publicados em jornaes e revistas em datas anteriores á epoca fixada pelas condições do concurso.

Visam entretanto ao fim que no prologo se explica e pode ser que despertem algum interesse. Reunidos em um só livro, facilitarão a consulta.

Said Ali.

MEIOS DE EXPRESSÃO

O accento em á

O costume de marcar com accento o vocabulo *á* em se tratando da junção da particula *a* com o artigo definido feminino, data do seculo XVI.

Do facto de se manter sempre o mesmo costume neste caso particular tirou-se inversamente a conclusão que o accento em *á* teria por objecto só indicar a dita combinação ou crase, como hoje lhe chamam os grammaticos.

Historicamente considerada, a conclusão é falsa. O signal em *á* não é nenhum expediente creado de proposito para mostrar a existencia de crase. A função propria do accento, tanto aqui como no final das palavras oxytonas *está, verá,* etc., é indicar a pronuncia de *a* aberto. A representação deste phonema nos casos em que a clareza o pedia é o facto geral a que

veio servir o emprego do accento. Ao facto geral estava subordinada a expressão *á*, a qual, soando como vogal aberta, diversificava da pronuncia de *a* artigo e tambem de *a* preposição, pelo menos quando esta não fazia parte de certas locuções adverbiaes. Naquellas locuções que se constituiram com a particula e um nome feminino singular só a pronuncia, e não a crase, póde dar a razão da graphia, iniciada no seculo XVI e generalisada a partir dos seiscentistas, de *á força, á força de, á mingua, á falta, á redea solta,* etc.

Nestes dizeres a particula desassimilou-se da pronuncia habitual, identica á do artigo, vindo a soar como vogal aberta. Deram lugar á divergencia certas proposições e frases que, proferidas como de costume, seriam motivo de equivocação. D'ahi estendeu-se a pronuncia alterada aos demais casos e ás outras locuções adverbiaes de formação analoga; e esta pronuncia alterada se indicou na escripta por meio do accento em *á*.

Se, em vez de simplesmente consultar o ouvido, os escriptores recorressem ao criterio da crase, esbarrariam com problemas para cuja solução não chegariam a accordo. Quem poderia ter a pretensão de acertar, sabendo-se, como se sabia, que, quanto ao emprego do artigo, variam de modo inexplicavel as locuções formadas com a referida particula ?

Porque se diz *sahir a occultas,* e entretanto *sahir ás escondidas?* Porque *sahiam, ás claras ou a occultas, de Portugal* (Herc. Inq. 3,313)? Como resolver sobre a locução denotadora de instrumento, formada com substantivo feminino singular, quando de uma parte

se diz *quebrar a martelo, a golpes de machado, perseguir a ferro e fogo,* sem artigo, e da outra, com artigo, *matou... ás punhaladas* (Barros, Dec. 1, 3, 8), *ás adagadas* o matou (Couto, Dec. 6,6,6), *ás dentadas* (Bern. N. Flor, 2, 39)?

Apparentemente foi na era quinhentista que se começou a pronunciar como vogal aberta a preposição nas locuções em que entra substantivo feminino no singular. Mas o portuguez antigo não se servia de accentos nem marcava de qualquer outro modo *a* aberto, quer no fim das palavras, quer representasse a preposição. Escrevia *fara* por *fará, esta* por *está* e bem podia escrever *a* por *á,* caso já então se proferisse a particula como vogal aberta. Empregava, é certo, a duplicação *aa,* porém esta nos casos de junção da particula com o artigo feminino. Soava como um *a* prolongado.

O costume de não indicar *a* final tonico não cessou de todo logo com a introducção dos accentos. Nos Lusiadas (1572) ainda occorrem numerosos exemplos de *sera* (2,85), *estara* (7,63), *vera* 2,55), *tera* (2,88), etc., a par de *serà, virá, mostrarà,* etc. E' natural que pela mesma razão muitas vezes se deixasse de marcar a particula em casos em que soava como vogal aberta; e se em alguma obra quinhentista apparece uma locução representada ora como *a* sem accento, ora com *á* accentuado, deve-se presumir que a pronuncia seria uniforme e em qualquer caso soaria a preposição como vogal aberta.

Feitas estas considerações, examinemos de mais perto, e á vista de exemplos, algumas das expressões.

Com relação a *á força de,* registrei os seguintes passos das Decadas de João de Barros (ed. princeps, 1552, 1563), todos sem accento: viram *a força de* remo ir tras elle aquelle grão numero de terradas (3,7,3); *a força de* ferro e feridas... se recolheu á fortaleza (3,9,7); primeiro que D. Lourenço chegasse *a força de* remo (2,1,4); *a força de braços* (2,2,1).

Porém já nos Dialogos de Arrais (edição de 1604) vem a graphia vacillante confirmar o que ha pouco dissemos relativamente á representação de *a* aberto: vosso pae Seleuco me trouxe aqui *a força de* rogos (Dial. 1,5); por mais que conquistasse *à força de* braço e ferro (7,12); Attilio Regulo, morto pelos Carthagineses *à força* de tormentos (7,12); a paciencia dos animos não pode ser conquistada *a força de* ferro nem de fogo (7,17); artes exquisitas com que sem ferida de morte fizessem arrancar as almas dos corpos *à força de* tormentos (7,18).

Na Historia de S. Domingos de Frei Luis de Sousa (edição de 1623) usa-se a expressão marcando a palavra *à*: fazendo-os entrar *à pura força* de verdades (1,462); tudo o que tiravão era pedra e *à força de* alavanca (1,299); *à pura força de* estudo (1,271); mandou-o quebrar *à força de* martello (1,234); foy ganhando *à força de armas* (1,347).

Vêm igualmente marcados na mesma obra os exemplos da simples expressão *á força* (sem complemento), equiparavel em significação a *per força*: foy buscada *à força* pera prelada (1,298); confessava que lhas [lagrimas] arrancava *à força* hũas vehementes saudades (1,302); aceitou [o cargo] *à força,* e exerci-

tou-o com humildade (1,4); fogio o humor nocivo do lugar como se o lançaram com a mão e *à força* e foy fazer defluxão debaixo de hum braço (1,118).

Do seculo XVII em diante torna-se geral o costume de escrever com accento *á força* e *á força de*: cavão e rompem *à viva força* (Vieira, Serm. 4,408); somos os que *à força de* persuasoens e promessas... os arrancamos das suas terras (ib. 4,532); o outro cepo... o haveis de fazer *à força* homem (ib. 1.488); *à força de braços* (ib. 5,487); apenas, *á força de* golpes, o cavalleiro negro abriu... uma larga clareira (Herc. Eur. 121); ordens para os filhos das familias hebreas serem arrancados *á força* do seio de suas familias (Herc. Inq. 1,130); não se podia dizer violentado quem, embora *á força,* tinha recebido um beneficio tamanho (ib. 1,223); *á força de* rogos (ib. 2,68); *á força de* negociações (ib. 2,100) e passim.

A julgar pelas expressões synonymas *a poder de, por força de, por força* (estas duas muito usadas em portuguez antigo), devemos interpretar *á força de, á força* como formadas por meio da preposição pura proferida como vogal aberta.

Tambem nas locuções *á mingua, á mingua de, á falta de* se dispensou a principio, ou podia dispensar-se, o accento sobre a palavrinha inicial.. Nas Decadas (1,5,9) encontramos: *a mingoa de* não ter cabedal deixava de tomar mais especiaria; *a mingoa de* cabedal não tomava mais carga. Porém em outros lugares da mesma obra: muitos dias no fogão dos navios *â mingoa de* lenha se queimaram frechas (3,7,3); duas naos della [pimenta] se gastaram *á mingoa de* não haver

outra na casa (3,6,7). Em Arrais (8,8): poucos pobres... se perdem *à mingua*. Como exemplos de escripta moderna apontarei: *á falta de* dinheiro para os soldados, mandou acunhar moeda de cobre (Bern., N. Fl. 1.518); ração curta para aprender a deixar-se estalar *á mingua* sem pedir esmola (Herc., Lendas e Narr. 2,208); *á falta de* dentes... contentam-se de fazer empolas (ib. 2,272); este lhe propoz désse o dote a sua sobrinha Joanna, *á falta de* outra mais digna (ib. 2,275); dizendo com as vossas costellas, *á falta de* botões (ib. 2,186); *á mingua de* todo o humano soccorro (ib. 1,282).

As expressões equivalentes *por mingua de, por falta de,* não autorisam a suppôr que haja crase em *á mingua de*.

Se a preposição em *a tiro, a pau, a machado,* se profere como vogal fechada, em *á bala, á faca, á espada,* etc., e outros dizeres semelhantes ella passa a soar como vogal aberta. De alguns exemplos de portuguez antigo se deprehende que, sendo do genero feminino o nome de instrumento, suppunha-se haver junção da preposição com o artigo feminino, apesar da ausencia do artigo em casos analogos quando o nome era masculino; e assim se explicaria o uso moderno: havia de morrer Christo *à espada* (Vieira, Serm. 4,114); não quiz... que morresse Pedro *à espada* (ib. 4,115); matão *à espada* os mesmos caseyros (Sousa, S. Dom. 1,152); e para as immundicias que os longos annos fazem crecer, se varre e alimpa *à vassoura* (ib. 1,334); para passarem *à espada* os seus

defensores (Herc., Eur. 168). Exemplos de portuguez antigo: jurando que todos aviam de morrer *aa espada* (Fern. Lopes, Dr. João, 237); mandou desfazer sua gramde baixella douro e de prata que trazia, e cortavamna *aa tisoira* (ib. 289).

Do uso regular do accento nas frases *morrer á fome, morrer á sede,* podem-se apontar centenas de exemplos, mórmente dos seiscentistas a esta parte. Nas Decadas de João de Barros ainda topamos mortos *a fome* (1,3,4); era muita gente morta *a fome e sede* (1,7,2). Contrariamente a estes, temos nos Sermões de Vieira: será bem que o mundo morra *à fome* (1,13); emfim se vé morrer *à fome* (1,321); os outros seccavam-se *à sede* (5,106); estalando *à fome e à sede* (8.188); meyo mortos *à fome e à sede* (8,368) e passim.

Escapa, e escaparia outrora, a toda a sagacidade, por mais arguta que fosse, descobrir se nas ditas frases os nomes levam ou deixam de levar artigo. Tanto podemos interpretar *mortos pela fome* como *mortos de* ou *por fome*.

Em portuguez antigo, nomeadamente em Fernão Lopes, chronica de D. João, encontra-se innumeras vezes o adverbio *a pressa, a grande pressa.* Escripto sempre assim, e não com *aa,* é evidente que a palavrinha *a* neste adverbio nada mais representa do que a simples preposição. Logo, no exemplo (Barros, Dec. 3,6,10) *á grande pressa* reformou toda sua frota de munições, o vocabulo *á* com accento não significa senão a dita preposição proferida como vogal aberta.

A locução indicativa de semelhança vem expressa nas Decadas por *á maneira de* e *a maneira de* a par da synonymia *ao modo de* e *a modo de*: tinhão feito [uma cerca de muro] *à maneira de* baluarte (3,1,3); *à maneira* de itinerario; *à maneira de* vendas: *à maneira de* pirames (tres exemplos encontraveis todos em 3, 2, 7); per industria dos naturaes trazem o habitado della *a maneira de* hũ pomár regado; *a maneira de* casa (igualmente em 3, 2, 7); *á maneira de* enseada (1,1,6); *á maneira de* cabo (1,1,4); *a maneira de* mitra cerrada; *a maneira de* brossado (1,4,8); *a maneira de* cossairos (1,4,9); huma cava *a maneira de* barbacãa (2,1,5).

João de Barros empregava tambem *a modo de* mas em geral preferia dizer com artigo *ao modo de*. Aponto quatro exemplos que vêm em um capitulo já citado (3,2,7) entremeados com outros em que se vacilla entre *á maneira de* e *a maneira de*, sendo de estranhar que *ao modo de* não revelasse ahi melhor a sua influencia: mensura itineraria, de que elles usam, que são tres, *ao modo* de estadio, milha e jornada, de que nós usamos; entre si se entendem quasi *ao modo dos* Gregos; *ao modo dos* carros de Frandres; contou noventa torres, que eram *ao modo de* baluartes.

Nos Sermões de Vieira encontramos: *à maneira de* pexes no mar se andão [as casas] sempre movendo e passando de hum dono para outro (5,19). Em Herculano: casarias irregulares... abertas para todos os lados, *á maneira de* simples telheiros (Lendas e Narr. 1, 228).

Desde que se escreve, attendendo á pronuncia, *á maneira de,* tambem se deve escrever do mesmo modo a particula nas expressões parallelas, hoje muito correntes *á semelhança de, á imitação de*.

Em *á instancia de,* intensificação de *a pedido de,* parecerá a alguns escriptores, vivamente impressionados com est'outra maneira de dizer, superfluo o accento. Mas o nome é feminino e a particula sôa como vogal aberta que se indica pela accentuação: Foy despachada [a bulla] trinta e dous annos adiante pelo Papa Clemente III *à instancia do* M. Geral da Ordem (Fr. Luis de Sousa, S. Dom. 1,56); *à sua instancia* lhe despacharam (ib. 1,95); foy esta ordem passada *à instancia* de Fernando o Catholico (Arg. S. Caet. 127); dignidade que elle aceitou *à instancia* do tio (ib. 123).

Parece-me sufficiente o que até aqui tenho exposto para mostrar que em linguagem moderna se accentua a palavra *á* nas locuções formadas com um substantivo feminino singular, explicando-se este facto, menos pela crase, do que pelo valor novo que adquire a pronuncia da particula. Resta agora dar esclarecimento sobre a variedade de accentos com que outrora se marcava a letra *a*.

Correndo os olhos pelas obras dos quinhentistas e seiscentistas, verificamos que reinava completa anarchia quanto á applicação dos accentos. Para um só fim tanto podia servir o agudo, como o grave ou o circumflexo: *está* (Lus. 2,5), *està* (1,28; 1,62;1,70) *estâ* (3,43); *má* (1,69), *mâ* (4,49); *prezàra, tomàra* (3,41), *perguntára* (3,9); *decente â Magestade* (Vieira,

Serm. 2,90); pedidas muitas vezes *à Asia* e *â America* (292).

A' imitação do portuguez antigo, muitas vezes se deixava de marcar com accento o final de palavras oxytonas. Assim, formas do futuro, 2.ª e 3.ª pessoas do singular, como acima vimos, vinham ora com accento ora sem elle.

A interjeição *oh* vem representada de quatro modos nos Lusiadas: E vos *ò* bem nascida (1,6); *ó* Rei (2,82); *ô Rei* (2,83); *o Rei* (3,3).

A vogal *e* das palavras oxytonas passa pelas mesmas vicissitudes: *crè* (Lus. 1,63), *cre* (1,33); *vê* (3,7), *ve* (3,22); *pês* (2,57); *vè* (Vieira, Serm. 2,110), *vé* (2,128); *dè* (2,106), *dé* (2,100), etc.

Tudo isto mostra que, introduzindo-se na imprensa os typos com as vogaes marcadas com accento agudo, grave e circumflexo, muito tempo se passou sem haver regras que discriminassem a applicação dessas letras marcadas. Todos os tres signaes serviam para denotar phonema que se distinguia de outros por ser proferido mais fortemente. Todos podiam indicar *a* aberto; nenhum tinha a função especial de differençar *e* aberto de *e* fechado.

A combinação da preposição *a* com o artigo definido feminino, cujo primeiro effeito foi a pronuncia prolongada de um *a*, representado na escripta antiga pela duplicação *aa*, teve como resultado final a pronuncia de um *a* aberto, que se marcava na escripta com qualquer dos accentos. Nos Lusiadas vemos já o uso de *à, â, á* a par de muitos casos em que se mantem a tradição antiga da letra duplicada: famosa gente

â guerra usada (3,81); aos montes ensinando e *âs* ervinhas (3,120); chegada *à* terra (1,45); *à* India vinha (2,101); affeiçoada *aa* gente (1,33); junto *aas* Ilhas (1,49); chegava *aa* desejada e lenta meta (2,1); acudia *aa* fraca força humana (2,30); quem podesse *aa* India ser levado (1,70), etc.

Ha tambem exemplos em que se deixou de distinguir da simples particula ou do simples artigo a contracção dos dous termos: Vão outros dar *a* bomba não cessando *Aa* bomba que nos imos alagando (6,72); E tambem sey que tem determinado, De vir por agoa *a* terra muito cedo (1,80).

A duplicação *aa* cahiu definitivamente em desuso na epoca seiscentista. Os tres modos de representar *a* aberto ficaram reduzidos a dous, *à* e *á*, no seculo XVIII, e a um, *á*, no seculo XIX.

Repugna ao bom senso responsabilisar os autores por tanta variedade e anarchia no emprego dos accentos. Escreviam sem preoccupação orthographica e seriam incoherentes neste caso particular como em muita outra cousa attinente á graphia. Mas não é crivel que representassem um vocabulo de um modo e logo em seguida de outro. O genio do poeta não desceria a extravagancias e vulgaridades a ponto de escrever na mesma estancia e em rima *prezâra e tomàra; informàra* e *perguntára*. Nem o espirito disciplinado do padre Vieira perderia tempo em cousas tão futeis como variar com a mesma pennada, e por mero prazer, a accentuação de uma palavra duas e tres vezes. Nem elle escreveria, nem mandaria escrever: abuzo contrario *à* natureza, *à* rezão, *â* virtude, e pre-

judicial *á* Republica (Serm. 2,117); pedidas muitas vezes *à* Asia e *â* America.

Collaborou naturalmente na misturada a inconsciencia dos typographos. Teriam, a par do caixotim com os typos da vogal simples, outro com os typos da mesma vogal munida de accento agudo, grave, circumflexo. A' falta de regra fixa para o uso destas diversas letras marcadas, o typographo utilisava-se do primeiro typo em que punha a mão. Muitas vezes, como no caso dos Lusiadas, nem recorria ao segundo caixotim. Não havia mal nisso. Ninguem reclamava. Tudo se entendia pelo contexto.

Reduziram-se com o tempo a dous, e finalmente a um, os modos de representar a vogal aberta; porém, bastante cedo se fixou a regra de marcar com accento a palavra *á*, quer provenha da combinação da particula com o artigo, quer denote a simples particula nas locuções adverbiaes formadas com substantivo feminino usado no singular.

Tendo os accentos na orthographia de hoje funções restrictas, podemos, quanto ao caso que aqui nos interessa, estabelecer o seguinte:

Escreve-se com accento agudo a palavra *á* quando soa como vogal aberta, e têm esta pronuncia: 1.º, a contracção da preposição *a* com o artigo definido feminino; 2.º, a dita preposição, pura e simples, nas locuções adverbiaes em que rege a um nome feminino, achando-se este no singular.

Existem expressões em que o substantivo do genero feminino usado no singular, vem precedido de *a* sem accento, sendo esta palavrinha o artigo, que soa

como vogal fechada atona, phonema para o qual não ha denotação especial na escripta.

Expressões adverbiaes desta categoria são *a primeira vez, a segunda vez* e outras analogas, *a semana passada, a semana proxima* e varias outras que o leitor conhece pela pratica e de que ha dizeres congeneres em idiomas estrangeiros.

Menos conhecido, e talvez sorpresa para mais de um leitor, é o caso de *a boca cheia.* Os que, impressionados ainda com a explicação exclusivista, imaginam depender o emprego do accento unicamente da crase, serão, me parece, os primeiros a proclamar aqui a existencia deste phenomeno linguistico. Logo, accento agudo em *á.* Por outra parte, se, divergindo desta explicação, classificassemos o primeiro vocabulo como simples preposição, ainda assim, pelo que acima ficou exposto, teriamos de dar igual voto quanto á necessidade do accento agudo.

Succede porém haver exemplos que contrariam de todo qualquer destes modos de ver. Em Vieira (Serm· 8,469) colhi: digamos pois *a boca muyto chea* que... se encheo o vaso de eleição· E em Frei Luis de Sousa (chrn. de S. Dom.) os seguintes: Tinha o Santo Frey Gil ganhado tal nome em toda a Ordem, que *a boca cheya* era nella celebrado por grande Santo (1,109); os mesmos Padres mercenarios *a boca cheya* confessão e reconhecem (1,9); pregoão *a boca chea* quasi todos os estrangeiros (1,140); assi podemos *a boca cheya* dizer que... vemos hoje cumprida a palavra dos Apostolos (1,167); *a boca cheya* demos por acertada a sentença (1,153).

Tratando-se de obra como a Chronica de S. Domingos, na qual só por descuido se deixaria de marcar com accento a crase ou a particula regendo, em expressões adverbiaes, um nome feminino no singular, a insistencia em escrever sempre *a boca cheia* sem marcar o primeiro vocabulo, mostra que aqui não se tinha outro sentimento senão o de estar-se fazendo uso do artigo definido.

Teremos o mesmo sentimento e faremos uso da mesma linguagem se subentendermos alguma palavra. v.g. os padres [*tendo*] *a boca cheia confessam e reconhecem.*

Esta omissão de um vocabulo necessario ao sentido da frase é commum em nosso idioma quando se descrevem partes do corpo. A pessoa que fala conta naturalmente com a intelligencia do ouvinte para supprir o que falta. Não necessito de apontar muitos exemplos. Basta lembrar o dos Lusiadas: hũa figura se nos mostra no ar, robusta e valida, de disforme e grandissima estatura, *o* rosto corregado, *a* barba esqualida, *os* olhos encovados, e *a* postura medonha e má, e *a* côr terrena e pallida, cheios de terra e crespos *os* cabellos, *a* boca negra, *os* dentes amarellos.

Rimas em frases feitas

A rima, que todos conhecemos como parte integrante da boa poesia feita segundo o gosto moderno, tambem tem applicação, embora muito restricta, em prosa, no falar quotidiano. Este phenomeno occorre não só em portuguez, mas tambem em outros idiomas. Vemol-o em frases feitas das quaes não se arranca nenhum dos termos rimantes nem se substitue por outro. A's vezes não fazem sentido quando examinados fora do conjunto.

Faz-se aqui uso de um meio de expressão em que se repete parte de um vocabulo, da syllaba accentuada em diante. Esta repetição parcial produz effeito analogo ao da repetição total. Deixa no espirito do ouvinte a impressão de reforço, de um conceito levado ao grau extremo, ou de cousas contrarias ou pontos extremos quando os termos rimantes pela natureza da frase devem denotar cousas muito differentes.

Quando de um individuo muito pobre dizemos que elle *não tem eira, nem beira nem ramo de figueira*, só o primeiro substantivo exprime cousa significativa referente á posse. Os dous outros conceitos,

considerados de per si, são difficeis de entender. Que tem beira com os bens de alguem? E desde quando se avaliam as possibilidades do individuo pela possessão ou não possessão de um ramo de figueira? Todo o valor das duas expressões está simplesmente na rima, cujo papel reforçativo nos suggere a idéa de pobreza extrema.

Na *promessa de mundos e fundos* é possivel que o segundo termo queira dizer os meios necessarios para a acquisição dos mundos; mas a verdade é que a frase não seria tão expressiva, se não fosse a rima. E' pelo effeito reforçativo desta que entendemos serem as promessas illimitadas. O francez chega ao mesmo resultado recorrendo á alliteração *monts et merveilles.*

Quem *corre séca e meca* anda por muitas terras ou cidades. *Meca* nesta frase feita parece ser tomado do nome de uma cidade da Arabia. *Séca* é um enigma. Logicamente deveria designar outra cidade. Pouco importa saber da origem deste vocabulo. Basta que sirva de rima antecipada a *meca,* com o que se fica entendendo que a pessoa viaja muito, percorrendo grandes regiões em todos os sentidos.

Fazer as cousas *a trouxe-mouxe* é executal-as muito desordenadamente. Ninguem tem duvidas sobre o sentido da locução e ninguem tem consciencia do que possam exprimir os termos componentes de *trouxe-mouxe.* O primeiro lembra vagamente certo substantivo feminino, mas a terminação differente afasta a hypothese de semelhante origem. O segundo não tem vida propria nem lembra cousa alguma. Exis-

te harmonia phonetica entre os componentes e isto é o que importa.

Na frase *misturar alhos com bugalhos* a linguagem ajunta duas cousas que na realidade nunca se misturam, um tempero de cozinha e noz de galha. A' primeira vista, parece que a linguagem quiz faceta traduzir um disparate com outro disparate maior. Não houve tal. Chegar-se-ia perfeitamente ao mesmo resultado dizendo, por exemplo, *misturar alhos com cebolas, com rabanetes, com aboboras,* etc. Faltava a rima, mas a linguagem facilmente se decidiria por qualquer destas comparações. Havia porém uma palavra com que se nomeava outro producto vegetal e cuja terminação harmonisava com a denominação do condimento. Juntaram-se as duas palavras e desprezou-se tudo o mais.

A' frase *andar a trancos,* isto é, aos saltos, accrescentou-se *e barrancos.* Lucrou a imaginativa e perdeu a logica. A imaginativa ganha, porque com a frase ampliada se pintam a mais os accidentes do terreno que acceleram e momentaneamnte sustam os tombos e saltos. A logica fica prejudicada porque não se devem ligar cousas heterogeneas. *A saltos* exprime a maneira de andar; adverbio de modo; *e barrancos* está por *e a barrancos.* Mas é adverbio de lugar. Devia nomear-se a preposição *por* em lugar de subentender-se *a.*

Alliteração nos Lusiadas

Entende-se em geral por alliteração a repetição, em vocabulos differentes, do phonema inicial das respectivas syllabas tonicas, como *a ferro e fogo,* fr. *monts et merveilles,* all. *Mann und Maus, Stock und Stein, fix und fertig.*

Quando a alliteração é vocalica, deve-se em rigor repetir a mesmissima vogal, como em *assim ou assado.* Ha comtudo um caso a que poderiamos chamar alliteração invertida, em que as vogaes podem diversificar, contanto que venham seguidas da mesma consoante.

A definição é demasiadamente restricta; para o ouvido, muitas vezes continua a existir alliteração ainda quando se repita o phenomeno em syllaba não accentuada.

Em allemão e em dinamarquez contam-se numerosas frases feitas com alliteração; em portuguez são raras. Poucos ou muitos que sejam os exemplos na prosa corrente, todos se escurecem ante o uso desta harmonia phonetica na poesia de outrora. Entre as

nações germanicas e scandinavas da idade media constituiu uma das bases da metrificação. Os poetas latinos não foram tão longe: mas em todas as epocas lhes serviu a alliteração de valioso recurso artistico. A principio usou-se e abusou-se deste recurso e a tal ponto que a alliteração cahiu em descredito. Muitas vezes o poeta não tinha outro fito senão o de mostrar a sua habilidade acrobatica em formar frases e orações com uma série de vocabulos em que se repetia sempre a mesma consoante. São celebres estes versos de mau gosto do poeta Ennio:

O Tite, tute, Tati, tibi tanta tyranne tulisti.
At, tuba terribile sonitu tarantara dixit.

Plauto usava da alliteração a cada passo. Dos exemplos que marquei basta citar os seguintes para satisfazer a curiosidade do leitor:

Nimio hominum fortunae minus miserae memorantur (Rud. 185).

Mihi, mortis metus membra occupat, edepol (686)

Nemo emat; suam quisque partem piscium poscant sibi (980)

Nunc adeo nequaquam arcessam, ne illis ignavissumis
Liberi loci potestas sit vetulis vervecibus (Cas. 535)

Nunc ego illum nihili, decrepitum, meum virum, veniat, velim (559).

Tibi qui screanti, siccae, semisomnae
Adfert potionem, et sitim tuam sedatum it (Curc. 116).

Egon salva sim, quae siti sicca sum (122).

Tuaque ut potior pollentia sis, vincasque virum, victrixque sies...
Vir te vestiat, tu virum despolies (Cas. 820).

Nunc vos aequomst manibus meritis meritam mercedem dare (Cas. 1015).

Continuo in genua astituto pectus pedibus percutit (930).

Na latinidade aurea tambem se compuzeram versos com o intuito evidente de repetir o mesmo phonema em vocabulos proximos ou pouco afastados uns dos outros, porém já agora havia mais discernimento; reconhecia-se neste processo um meio de produzir certos effeitos estheticos, e portanto não podia ser desprezado. Virgilio principalmente mostrou com a alliteração opportunamente applicada que adquiriam mais força as onomatopéas, e os quadros da natureza mais vida e colorido mais intenso.

Nem sempre este meio de expressão se usou com igual felicidade no periodo mais brilhante da poesia latina; mas em todo o caso a alliteração já não era um mero desporto como o fôra para os poetas antigos.

Camões aprendeu, e com muito proveito, na escola dos classicos latinos; lá educou o ouvido, e de lá trouxe o uso da alliteração no poema que o immortalisou.

Não sei se com igual ou maior habilidade a empregaram escriptores que ornaram as literaturas de outros povos romanicos. Faltam-me estudos especiaes neste sentido.

Alliteração rigorosamente onomatopaica como neste verso conhecido de Racine *Pour qui sont ces*

serpents qui sifflent sur vos têtes, no qual o phonema sibilante amiudado quer imitar o silvar das serpentes, não ouso affirmar que se encontre na epopéa lusitana. Em compensação topamos com descripções admiraveis, graças ao mesmo recurso phonetico.

De que modo vem a alliteração prestar serviço tão valioso ao poeta? Os phonemas em si, consoantes ou vogaes, nenhuma virtude possuem, são incapazes de operar maravilhas. A consoante, que em certa frase nos dá a impressão viva do acto de sibilar, em outra, como *assi no ceu sereno se dispensa,* nem por sombra nos faz lembrar tal acontecimento.

A cousa muda, porém, de figura quando o som vem associado a uma idéa, e para isso é necessario que elle faça parte do vocabulo que a exprime. A imagem que o espirito liga ao som pode estender-se ao mesmo phonema reproduzido em outros vocabulos proximos, resultando d'ahi a sensação de reforço da mesma idéa. No exemplo raciniano a sensação de sibilo despertada pela consoante inicial de *sifflent* reflecte-se no phonema contido em *sont ces serpents.*

A' primeira vista, parece que o termo principal da alliteração, o influenciante, deveria proferir-se sempre antes, seguindo-se-lhe os influenciados. O verso de Racine mostra bem claro a possibilidade do caso contrario. Outras vezes, achar-se-ão os influenciados, uns antes, outros depois.

O termo principal tambem pode achar-se latente. No verso *O pomo que da patria persia veio* qualquer leitor de certa instrucção percebe logo que a alliteração se baseia na palavra *pecego.*

Concorrem ás vezes na mesma alliteração duas ou mais idéas principaes. Actuam-se neste caso mutuamente: *Vi claramente visto o lume vivo.*

Junto da alliteração constituida com certo phonema pode achar-se outra differente: *em tempo de tormenta e vento esquivo.* Outras vezes cruza-se um systema com outro: *Os balanços que os mares temerosos Deram á nau num bordo os derribaram.* Aqui pertencem *balanços, bordo, derribaram* ao typo *b*, e *mares temerosos* ao typo *m*. Nos versos *Na cabeça por gorra tinha posta, Ũa mui grande casca de lagosta,* constituem alliteração *cabeça* e *casca* de uma parte, e da outra *gorra* e *lagosta.*

Estes dous processos, juxtaposição e cruzamento de systemas differentes, são de grande effeito artistico por darem juntamente a impressão de contraste e variedade.

Alliterações accumuladas, fatigantes, do genero das que pullulam nos poetas latinos antigos, não occorrem no poema lusitano. Debalde se procura aquella successão intermina e sem nenhuma transição de palavras iniciadas pela mesma consoante como em *partem piscium poscat, siti sicca sum,* etc. Nos Lusiadas desfaz-se a monotonia e dá-se relevo aos vocabulos alliterados com a interposição de termos ou de todo indifferentes ou pelo menos atonos quando tenham a mesma consoante. *A's costas com as cascas os caramujos.*

Alliterações immediatas, sem algum termo de permeio, nunca excedem a grupos de duas palavras,

constituidas as mais das vezes por um substantivo com o seu qualificativo: *fraco fio, gente generosa, molesta morte, noite negra, lenho leve, leve leme, remo rico, vulgo vil, sandalo salutifero,* etc.

Por vezes Camões faz a alliteração pondo em contacto a syllaba terminal atona de um termo com a inicial tonica de outro: *povo vão, sede dura, linda dama,* etc.

Que o poeta tinha prazer em utilisar-se da alliteração, vê-se pela repetição e frequencia excessiva com que algumas andam espalhadas por todo o poema. *A ferro e fogo,* frase sem duvida energica e digna de figurar em obra onde se narram feitos de heroismo e de crueza, occorre em 2,80; 3,128; 4,79; 6,48; 10,29; 10,147 e um pouco modificada em 10,65, 4,104 etc. A calma e a brandura vem expressa por *ceu sereno* em 5,80; 1,106; 4,60; 6,37. Mais dispensavel seria a repetição do trocadilho *fraca força,* que vem em *donzella fraca e sem força* 3,127, *hum fraco rei faz fraca a forte gente* 3,138, *emquanto é fraca a força desta gente* 8,50.

Algumas das alliterações camoneanas nos desagradam sómente por termos o ouvido educado á moderna; o que equivale a dizer que somos um tanto pedantes. O juizo acertado sobre pretensos defeitos da linguagem de outrora demandaria que nos transportassemos mentalmente para esses tempos. Quem escreveu aquelle soneto delicadissimo *Alma minha gentil que te partiste* bem podia pôr *fraco corpo, rica cama, pouca corrupção* etc., nos versos da epopéa em que trabalhou e limou tantos annos. De passagem,

notarei que os exemplos desta especie não são nada raros nos Lusiadas.

Valendo-se da alliteração, naturalmente combinada com outros meios de expressão, o poeta lusitano ora reforça certos conceitos, ora obtem effeito mais harmonico, ora pinta situações e quadros da natureza cheios de vida e não raro de uma belleza majestosa até hoje inexcedida. Com a alliteração dos sons nasaes, tomando por base os termos *onda, fundo, Neptuno,* produziu estes versos immortaes:

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas saem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde
Neptuno mora, e moram as jocundas
Nereidas e outros deuses do mar... (6,8)

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo.
Agora a ver parece que desciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do mundo.
A noite negra e feia se alumia.
Cos raios em que o polo todo ardia (6,76)

Em seguida dou, ordenados por categorias de consoantes, varias das alliterações usadas nos Lusiadas:

Bilabiaes (p, b)

Assi estragado o Mouro na vingança
De tantas *p*erdas *p*õe sua esperança (3,76)

Tudo o clemente *p*adre lhe concede
*P*esando-lhe do *p*ouco que lhe *p*ede (3,106)

...não vê melhor escusa
Que appellar pera o Padre omnipotente (10,114)

O prazer de chegar á patria cara,
A seus penates caros e parentes (9,17)

Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baxa e humillima miseria (4,54).

O pomo que da patria persia veio (9,58)

manda que não saia,
Deixando a frota, em nenhum porto ou praia (2,83)

Capacetes estofam, peitos provam (4,22).

Bramindo o negro mar de longe brada (5,38).

Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões aprende e cuida que he prudente (7,86)

Com cerimonias mil se alimpa e apura (7,38)

A vida que se perde e que periga (4,78)

e verei
Se nelles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei (3,128).

Dentaes (t, d)

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeio truculento (5,2)

Subitas trovoadas temerosas
.....
..... noites tenebrosas (5,16)

Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto (5,18)

E quando dece o deixa derradeiro (1,8)

As lacteas tetas lhe tremiam (2,36)

Mas o sabor do sal lhe *t*ira e *t*olhe (5,22)

Se inda dura o gen*t*io an*t*igo ri*t*o (9,69)

Olha as Arabias *t*res que *t*an*t*a *t*erra
*T*omam da gente vaga e baça (10,100)

Palataes (k, g)

Nisto Phebo nas aguas encerrou
Co carro de *c*ristal o *c*laro dia (1,56)

Os *g*olpes *g*randes de a*g*ua em si chupava (5,20)

Os furiosos ventos repousavam
Pelas *c*ovas escuras peregrinas (1,58)

Fazendo-se maior, mais carregada
Co car*g*o *g*rande da*g*ua em si tomado (5,20)

A's *c*ostas co a *c*asca os *c*aramujos (6,18)

*C*ozinheiro o*c*cupa e *c*açadores (6,67)

Não é sem *c*ausa não; o*c*culta e escura (7,30)

Ali em cadeiras ricas *c*ristalinas
Se assentam dous e dous, amante e dama (10,3)

Nos vasos onde em vão trabalha a lima,
*C*respas escumas erguem..... (10,4)

Qual o touro cioso, que se ensaia
Pera a *c*rua peleja, os *c*ornos tenta
No tron*c*o dum carvalho ou alta faia (10,34)

Denti-labiaes (f, v)

*V*i claramente *v*isto o lume *v*ivo (5,18)

Bebendo a recolheu na *f*onte *f*ria (5,21)

Ou*v*i! que não *v*ereis com *v*ãs *f*açanhas
*F*antasticas, *f*ingidas, mentirosas
Louvar os nossos..... (1,11)

Hei de soffrer que o fado favoreça (1,74)

Fuge das gentes perfidas e feras (2,62)

Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida (1,35)

... no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve (3,22)

Por onde o capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente (3,138)

Com torva vista os vê.... (4,35)

Mil arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indinadas (6,79)

Aquelle faz que fama illustre fique (8,37)

E' fumo, ferro, flamma e alaridos (10,36)

O mar todo com ferro e fogo ferve (10,29)

Sibilantes (s, z)

Abraçados, as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão (5,48)

Sacras asas e sacerdote santo (2,15)

Sempre alcançou favor do ceu sereno (1,25)

quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento..... (5,1)

o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio (10,120)

o lenho manda
Sandalo salutifero e cheiroso (10,134).

Linguaes (l, r, R)

Esta passada, logo o leve leme.....
Encommendado ao sacro Nicolao (5,74)

Do *r*osto *r*espirava um ar divino (1,22)

Da lua os claros *r*aios *r*utilavam (1,58)

Co fe*rr*o o du*r*o Py*rr*ho se appa*r*elha (3,131)

vinham tirando
Cos outros dous o ca*rr*o *r*adiante (5,61).

a *l*eda *l*assa frota
Com vento sossegado proseguia (6,38)

Abre a *r*omã, mostrando a *r*ubicunda
Cor com que tu, *r*ubi, teu preço perdes (9,59)

A *l*ingua vã de U*l*isses *f*raudulenta (10,24)

Nasaes (m, n, nh)

Da lua os claros raios rutilavam
Pelas arge*n*teas o*n*das neptu*n*inas (1,58)

Porque me deixas *m*isera e *m*esquinha (4,90)

Sem vermos *n*unca *n*ova *n*em si*n*al (5,69)

Grave e leda no gesto, e tão formosa,
Que se a*m*ansava o *m*ar de *m*aravilha (6,21)

Lagri*m*as são de *m*iseros a*m*antes (9,31)

Nem ta*n*to o grão To*n*a*n*te arremessou
Rela*m*pados ao mu*n*do fulmina*n*tes (6,78)

Selvatica gente, *n*egra e *n*ua (10,93)

E ainda, Ny*m*phas *m*inhas, não bastava
Que ta*m*anhas *m*iserias me cercassem (7,81)

Com ve*n*tos e torme*n*tas desmedidas (5,43)

Anacolutho

Expressão anacoluthica é a oração que começa de um modo e, em vez de ter o seguimento pedido pela syntaxe, termina por uma construcção nova. Resulta esta anomalia em geral do facto de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as idéas se succedem rapidas e tumultuarias. E' a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega direitamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atraz, procura-se a sahida em outra direcção.

Em momento de excitação exclama um defensor de D. Henrique de Menezes: *Quem quer* que disser mal de D. Henrique, *eu me matarei* com elle (Barros, 3,10,10).

O proprio João de Barros (Dec. 3,1,5) não se exprimiu melhor ao cabo de uma narração, accelerada como o decurso dos mesmos acontecimentos:

E não foi [a cidade] tão brevemente commettida, quão prestes foi despojada dos Mouros, e logo dos nossos, porque lhe mandou logo Lopo Soares pôr o

fogo, e deu ás trombetas que se recolhessem ás suas embarcações com mui pouco despojo, por ella o não ter em si, *e algum que havia, o fogo tomou posse delle*.

A falta de cuidado em expressar uma preposição a tempo e collocal-a em seu lugar competente, obriga o orador a juntar depois a preposição a um pronome pessoal pleonastico referido ao tal termo despreposicionado, sem o que ficaria a oração sem sentido:

Aquelles inimigos não havia poder-se pleitear *com elles* (Couto, Dec. 8,30).

Não havemos ser como meninos de teta, *que* para a mãi os ensinar a darem alguma cousa, lhes pega do bracinho e abre os dedos, nem como maus pagadores, *que*, sem sacador ou vara de justiça, nada se cobra *delles* (Bern. N. Flor. 4,377).

Ha obras *que para ellas* não bastam os poderes do bago em mão alheia sem a presença do mesmo pastor (ib. 1,96).

Alguns senhores e amos ha *que*, pertencendo tambem ao numero dos brutos, não vale *para com elles* este argumento (Bern. N. Fl. 1,521).

Quem mal governa sua pessoa e casa, não se deve esperar *delle* que governe bem as alheias (Barros, Dec. 3,1.10).

A omissão da preposição *a* antes do pronome relativo obriga a completar o sentido com o pronome *lhe*:

Eram dous irmãos soldados, *que lhes* ficara de seus pais herança grossa (Bern. N. Flor. 3,344).

Eram daquelles sujeitos *que* a Escriptura Sagrada para significar que são espirituaes... *lhes* chama homens virados para o seu coração (ib. 3,307).

Assim como, diz Plutarcho, o corpo *que lhe* falta alimento, o toma de si mesmo, consumindo-se, assim o jactancioso... em si mesmo o busca (ib. 4,348).

Oh morte, como amarga a tua memoria ao homem que tem o logro pacifico dos bens do mundo, *e que* todas as cousas *lhe* saem á medida do seu gosto! (ib. 4,315).

Quando uma oração é interrompida por outra ou outras de certa extensão, pode dar-se esquecimento da forma com que aquella vinha iniciada, resultando d'ahi um anacolutho:

Alguns vizinhos... se punham á espreita *para que,* tanto que algum daquelles animaes sahisse fora dos seus limites, *tomal-o* por perdido e *matal-o* (Bern. N. Flor. 1,370).

Estas arrancadas de linguagem, irreflectidas ou mal ponderadas, que levam o homem a expressar-se contrariamente ás normas da syntaxe, são evitadas hoje entre os literatos e entre as pessoas que se prezam de falar correctamente. Os escriptores de outrora eram menos meticulosos em apurar a linguagem que lhes vinha espontanea. Tambem não havia, como hoje, o perigo de critica, a espada de Damocles a ameaçar perennemente a reputação do escriptor. Tiveram, todavia, bom senso bastante para não se soccorrerem do anacolutho a todo o instante, a torto e a direito.

Nos casos apontados, a causa perturbadora da boa estructura oracional é a precipitação no falar;

reside no proprio individuo que expõe suas idéas. Outras vezes, porém, a causa vem de fora; pode estar na pessoa ou pessoas a quem as palavras são dirigidas.

Com effeito, o orador tem bastante intelligencia para comprehender que o cerebro do ouvinte não é simples machina receptora, que se deixe impressionar sem nunca reagir. Mentalmente, sem proferir palavra, o ouvinte fará por vezes um reparo, uma pergunta, uma objecção. O orador, adivinhando o que se passa e querendo atalhar, põe logo em evidencia a idéa do ouvinte e depois, ainda com sacrificio da logica e da syntaxe, prosegue na exposição dos seus pensamentos.

Adamastor narra longamente o seu namoro com a alta esposa de Peleu, repete ao Gama as palavras cheias de perfidia que a deusa lhe mandou dizer e conclue: Tal resposta me torna a mensageira. Neste ponto da historia o gigante percebe ter despertado a curiosidade inexpressa do capitão lusitano: (E tu? que fizeste?). Ao que o gigante: *Eu* — e lá vem antecipado o motivo da boa fé para explicar o fiasco — *encheram-me... o peito de desejos e esperanças.*

Tambem se pode interpretar a collocação do termo *eu* logo no principio como necessidade de chamar a attenção do ouvinte para o contraste entre o orador e a situação. Vieira no Sermão de S. João Baptista (vol. 5, pag. 556):

S. Lucas, porque escrevia para a memoria dos futuros, deteve-se neste lugar em contar a genealogia dos pais de S. João; *eu* que falo aos olhos dos presen-

tes, *não me é necessario* deter-me em tão sabido, como tambem não me é possivel em tão grandioso assunto.

No seguinte trecho de Bernardes (Nova Flor. 3,449) vê-se que Seneca chama a attenção para a sua personalidade, que não procede como os outros:

Seneca, falando de Harpaste, que era uma fatua de sua casa, que servia de entretenimento, diz: *Eu,* se quero rir e entreter-me com algum nescio, *não me é necessario* buscal-o longe; rio-me de mim mesmo.

A passagem de um termo para o começo pode ter por intuito dar outra direcção ao curso das idéas do ouvinte. Assim nos exemplos seguintes, nos quaes vai entre colchetes o pensamento latente que não vem expresso nos textos originaes:

Estes principios [vós imaginais por certo que fazem guerra como os demais; pois não fazem] *toda a sua guerra* são os apparatos della (Barros, Dec. 3,6,6);

Os officiaes da moeda [vós naturalmente pensais que tinham descanço, mas estais enganados] de dia e de noite *seus martelos* nunca estavam quedos (Zur. Ceuta 90).

E' de notar a pausa entre as duas partes da construcção anacoluthica, e depois da qual se pronunciam as palavras em tom differente. Aviva a attenção do ouvinte, de sorte que certas orações extensas muitas vezes agradam mais sob a forma de anacolutho do que dispostas regularmente segundo as exigencias da syntaxe.

A construcção anacoluthica pode exprimir cousa differente da construcção normal. Em *parece-me que Pedro não virá,* preoccupo-me com a vinda de Pedro

e manifesto simplesmente a minha preoccupação; já em *eu parece-me que Pedro não virá* significo que se quizerem ouvir opinião minha, direi que Pedro não virá.

A differença aqui é determinada pelo pronome em forma de sujeito collocado antes do verbo. O mesmo effeito se obtem em outros casos em que não ha propriamente anacolutho. Em *tu se quizesses... eu se soubesse...* se sublinha que o acontecimento de que vamos falar dependeria unicamente da vontade ou do conhecimento da pessoa. As construcções *se tu quizesses..., se eu soubesse...* tem mais applicação quando nos importa sómente declarar o successo dependente destas condições.

Os anacoluthos acima examinados têm de commum o achar-se transposto e nomeado em primeiro lugar um termo que se ha de pronunciar emphaticamente e que na realidade representa o complemento de outro vocabulo. Mas não só está este termo no principio senão que se enuncia sob a forma de sujeito. D'ahi o anacolutho.

Existe um caso, até certo ponto semelhante, a que podemos dar o nome de anacolutho disfarçado: o termo é emphatico, está no principio, fora de seu lugar, tem a forma de sujeito e serve realmente de sujeito a um verbo que vem adiante. Estão neste caso linguagens como *eu parece-me que não irei,* os supracitados *tu se quizesses..., eu se soubesse...* e bem assim os seguintes exemplos:

O principe D. Affonso, em quem as cousas da fé estavam firmes, como não *era* contente desta mu-

dança, e a todo seu poder defendia o que confessava, *começaram aquelles* a quem elle reprehendia de indignar el-rei contra elle (Barros, Dec. 1,3,10).

Os mercadores Indios *um* dos perigos que *rogam* a Deus que os guarde *é* dos baixos de Chilão (Castanh. 2,22).

Christo, Moysés e Elias, o que falavam e celebravam eram os excessos que o Redemptor do mundo havia de padecer em Jerusalem (Vieira, Serm. 8,68).

Para contentar a grammatica basta arrumar as palavras de outro modo. O exemplo de João de Barros ficaria: *Como o principe D. Affonso... não era contente desta mudança... começaram aquelles... de indignar el-rei contra elle.*

A construcção anacoluthica proveniente da precipitação da linguagem pode-se em geral corrigir sem grande difficuldade. Outro tanto não se dá com a construcção resultante do facto de se attender á situação, ao ouvinte, quando a modificamos segundo as normas da syntaxe. Ou não se expõem os pensamentos com igual intuito ou sacrifica-se o vigor e a clareza da expressão.

Como acode sempre ao espirito a celebre lamentação do ludibriado Adamastor, quando se fala em analocutho, vale a pena tentar a experiencia neste exemplo classico.

Fazendo abstracção da metrica e conservando as palavras na mesma ordem, Adamastor deveria falar deste geito: A mim que cahir não pude no engano... encheram-me... o peito de desejos e esperanças.

A emenda responde, entretanto, a outro pensamento. Estaria perfeitamente em seu lugar se se houvesse de fazer contraste entre pessoas expostas ao mesmo engano: A mim [e não a outro, que escapou por ser mais astuto] encheram-me o peito de esperanças.

Invertamos a ordem das proposições: Encheram-me... o peito de desejos e esperanças a mim que cahir não pude neste engano.

Alem de claudicar pela presença de *a mim*, denotadora de confronto, estoutra emenda tem ainda o grave defeito de deixar para o fim, como que arrastado, justamente o pronome da personalidade, e personalidade que, antes de mais nada, quer se fique sabendo ser creatura de boa fé; a consequencia, o deixar-se ludibriar, narra-se depois.

Para dar bem idéa da situação psychologica não havia, de facto, outro recurso senão sacrificar a usual syntaxe.

Vieira em Serm. 8,80 recorre a duplo anacolutho:

O homem que está em Deus, e *Deus nelle, nenhuma força,* ainda que seja do mesmo Deus, o *pode* derrubar, nem vencer.

Typo differente dos exemplos até aqui apontados é a construcção anacoluthica deste trecho de um dos sermões do Vieira:

Se *presumem* as filhas de Jerusalem que succederá a alguma dellas commigo o que a Bersabé minha mãi com meu pai David, *engana-se,* porque nenhuma haverá tão favorecida da natureza em todos aquelles

dotes que estima..., que a mim me haja de entrar no pensamento (8,98).

A condicional *se presumem as filhas...* fazia esperar o plural *enganam-se*, como oração principal; porem detendo-se o espirito do orador na discriminação de um facto isolado que poderia succeder a "alguma" das filhas, referiu sómente a esta o acto de enganar-se, esquecendo-se da pluralidade, no pensamento inicial, de pessoas que estariam enganadas.

Caso inverso, isto é, passagem da singularidade para a pluralidade, é este passo de Gabriel Soares (p. 41):

Quem quizer saber quem foi Francisco Pereira Coutinho, *leia* os livros da India e *sabel-o-a*: e *verão* seu grande valor e heroico feito.

Naquelles exemplos acima mencionados em que para o grammatico existe verdadeiro anacolutho, nota-se quasi sempre uma palavra, indispensavel ao sentido, porém de sobra se se dispuzerem as frases de modo que desappareça a anomalia syntactica. Em *eu... encheram-me...* será necessario ou supprimir *eu* ou transformal-o em *a mim* pleonastico. Se ageitarmos *algum que havia, o fogo tomou conta delle* em *o fogo tomou conta de algum que havia*, fica a mais a palavra *elle*. E assim por diante em outros casos.

Mas ha tambem anacolutho por mingua de alguma palavra ou frase. Quando a cotovia astuta (Bern. N. Flor. 1,91) diz para as outras: Agora sim, irmans, levantemos o vôo e mudemos a casa, que vem *quem* lhe doe a fazenda, a construcção ao chegar ao termo *quem* toma rumo differente daquelle que a syn-

taxe normal esperaria. Por via de regra, o sentido do pronome *quem,* sujeito do verbo precedente, completa-se com outro verbo a que serve de sujeito. Por exemplo: Mudemos a casa, que vem quem metterá a fouce em nossos ninhos e nos matará, pois lhe doe a fazenda.

No exemplo camoneano: E... me respondeu com voz pesada e amara *como quem* da pergunta lhe pesara (Lus. 5,49), o pronome *quem* entra em scena como sujeito de algum verbo, porém este verbo não apparece e salta-se, como na fala da cotovia, para uma construcção nova.

Existem exemplos mais arrojados do emprego de anacolutho com o mesmo pronome:

Furto, fraudulencia, inveja, pusillanimidade etc. são peccados de *quem* os cordões da bolsa *lhe dão* muitas voltas á roda e as suas arcas escusam chave (Bern. N. Flor. 4,385)

Nem o Senhor se ausentou de todo *de quem lhe* dão cuidado *suas* ausencias (ib. 1,228).

Mas como *poderá* obrar com gosto *quem* lhe *hão* de pedir conta de todas as obras? Como *poderá* falar com confiança *quem* lhe *hão* de pedir conta de todas as palavras? Como *poderá* nem ainda imaginar com liberdade *quem* lhe *hão* de pedir conta de todos os pensamentos? (Vieira, Serm. 9,454).

No seguinte exemplo temos *o que* em lugar de *quem*:

E sois ingratos e não reconheceis a mão *do que recebeis* o beneficio (ib. 9,73).

A definição do conceito anacolutho permitte que sob a mesma rubrica se reunam anomalias syntacticas de typos bem differentes. No estudo particular dos phenomenos, costuma-se entretanto restringir o dominio e considerar muitos factos sob outros aspectos.

Frequentes, sobretudo em proverbios, são anacoluthos cuja primeira parte é constituida por uma oração substantiva iniciada pelo pronome *quem*:

Quem é nervoso tudo o incommoda.

Quem cumpre o que Deus... manda e aconselha, o seu trabalho se lhe tornará em descanço (Bern. N. Flor. 3,18).

Expressões de situação

Figuram muitas vezes no falar corrente, e em particular nos dialogos, palavras e frases que parecem de sobra nas proposições quando estas se analysam com os recursos usuaes da grammatica e da logica. Todo o mundo as emprega espontaneamente, mas não a esmo, e sim em determinadas condições. Não são desnecessarias. Basta tentar eliminal-as, para ver que as proposições se tornam mais vagas e falhas de certo intuito que temos em mente.

Os grammaticos da antiga escola chamaram a estas expressões "palavras expletivas"; outros preferiram dar-lhes a denominação mais suggestiva de "palavras de realce".

Nunca pude comprehender bem a que proposito viria o nome *expletivo*, talvez por me ater muito á significação latina *explere*, encher. Se a oração já está plena, como é que ainda vem mais enchimento? Admittia, e admitto, esse nome para o allemão *es* no exemplo *es donnern die Höhen;* pois a syntaxe desse idioma requer que o verbo da oração expositiva oc-

cupe o segundo lugar, e o pronome neutro *es* vem preencher o primeiro lugar que se acha vago.

"Palavras *expletivas,* — explica o Diccionario Contemporaneo — as que se empregam para dar mais força, graça ou energia á expressão, mas que podem supprimir-se sem alterar o valor ou o sentido da frase, como nestes exemplos: Seja *lá* como for. Segure-*me* neste candieiro."

Isto de dar força, graça ou energia será muito bom, mas são termos muito vagos; e se perguntarmos qual das tres qualidades accresceu ao primeiro exemplo, e qual ao segundo, não será facil responder. As suppostas qualidades podiam-se reduzir a duas. Ainda não se definiu a differença entre força e energia de expressão.

A' restrictiva "mas que podem supprimir-se sem alterar o valor..." seria necessario accrescentar "grammaticalmente falando", pois, uma vez que se augmenta a força, graça ou energia, o valor da frase fica alterado.

Não insistamos emtanto nesta critica; os phenomenos da linguagem examinavam-se outrora apenas á luz da grammatica e da logica, e já era muito se a analyse reconhecia como palavras expletivas ou de realce os termos sobejantes unidos á oração ou nella encravados.

Hoje que a sciencia da linguagem investiga os factos sem deixar-se pear por antigos preconceitos, já não podemos levar essas expressões á conta de superfluidades nem ainda attribuir-lhes papel decorativo,

o que seria contrasenso, uma vez que rareiam no discurso eloquente e rhetorico e se usam a cada instante justamente no falar desataviado de todos os dias.

Uma cousa é dirigirmo-nos á collectividade, a pessoas desconhecidas, de condições diversas, e que nos ouvem caladas; outra cousa é tratar com alguem de perto, falar e ouvir, e ageitar a cada momento a linguagem em attenção a essa pessoa que está diante de nós, para que fique sempre bem impressionada com as nossas palavras.

E' esta situação ou, melhor, são as varias cambiantes de situação existentes no dialogo, na conversação, no trato familiar, que determinam o uso dessas expressões concisas, alheias, talvez, á parte informativa, mas capazes de conseguir intuitos que palavras formaes não conseguiriam.

Chamemos-lhes expressões de situação. Ellas attendem ora ao ambiente creado pela presença do ouvinte, ora á situação determinada pelos acontecimentos, ora á disposição do espirito em virtude de considerações anteriores quer da pessoa que fala, quer do ouvinte.

Nem sempre ha necessidade de vocabulos e frases introduzidas de proposito na oração; ás vezes basta a substituição de uma forma grammatical por outra e, até — *last not least* — basta o silencio, a pausa, a reticencia. A interrupção subita da torrente das palavras impressiona o espirito vivamente, assim como a cessação de todo e qualquer movimento prolongado e regular.

Todos estes recursos de linguagem nos acodem com uma presteza espantosa, cada qual em seu lugar. E o ouvinte com igual rapidez os percebe. Porem nem este nem o orador os analysam. São meios de expressão já do dominio do sub-consciente.

Não são frutos do acaso. Têm explicação; mas offerecem muitas difficuldades ao estudo. Fazem, ou fizeram, parte de pensamentos latentes. E' preciso restaural-os, restabelecel-os em palavras e então se verá como essas expressões de situação, expressões restantes, vêm a figurar juntamente com as idéas e pensamentos que se enunciam regularmente.

Dou, nas seguintes paginas, a explicação de varios destes casos segundo observações e estudos proprios quanto ao idioma portuguez *). Assignalo provaveis pensamentos latentes inexpressos, por meio de dizeres postos entre colchetes [ ], mas advirto que não se devem confundir taes restaurações com o phenomeno da ellipse. Applico ainda aqui o que já disse em outro lugar **): Comprehende-se que haja ellipse quando intencionalmente omittimos uma palavra que o interlocutor facilmente completa; ou quando, obedecendo á lei do menor esforço, deixamos de enunciar

---

*) Quanto ao italiano comparado com outras linguas, consulte-se *Die italienische Umgangssprache* de Leo Spitzer, obra altamente suggestiva. Grande numero de factos são ahi examinados com muita penetração pelo eminente romanista.

**) M. Said Ali, Difficuldades da Lingua Portugueza 2 pag. 127.

uma idéa que de facto se acha em nossa mente, certos de que somos comprehendidos.

Não é este o caso das expressões de situação que, segundo vimos, orador e ouvinte não analysam, e nem por sombra pensam em analysar.

Posto que a palavra *mas* presupponha, como as conjunções em geral, a menção anterior de algum conceito ou pensamento que ella vem contradizer, usa-se entretanto, em dialogos, muitas vezes a adversativa sem que se prenda a palavras proferidas quer pelo orador, quer pelo parceiro. Mas o sentido da particula não fica no ar; a referencia se faz á situação determinada pelo colloquio ou pelos acontecimentos.

Supponhamos que alguem bate á porta e a criada faz entrar a pessoa na sala de espera:

Dono da casa — Quem é?

Criada — E' um senhor.

Dono da casa — *Mas* quem é?

Da primeira vez a pergunta corresponde á natural curiosidade; da segunda vez a palavra denota já impaciencia e talvez censura porque a criada se limitou a dar informação que nada adianta. A resposta deficiente deu origem a uma situação, em virtude da qual o dono da casa emprega a adversativa *mas*: [O que você responde não é novidade], mas [o que me deve dizer é] quem é a tal pessoa.

Mas tambem pode indicar franca reprovação a palavras ou actos alheios:

Mas que lucrou você em contar a essa senhora a minha historia? (Din. Ser. 95).

Aqui, a adversativa procede da reflexão latente: Comprehende-se que alguem conte a vida de outra pessoa, quando d'ahi lhe pode resultar algum proveito; mas, no meu caso, você não lucrou cousa alguma; logo, procedeu muito mal.

Simples estranheza significa *mas* nas explicações entre Rubião e a comadre por causa de um cachorro que esta recebera para guardar.

— Ah ! não me fale nesse bicho !

— *Mas* que lhe fez elle ? (Quincas Borba 29)

E' como se dissesse: [A senhora mostra-se descontente], mas [eu não percebo a razão disso]; que lhe fez o cachorro, para contrarial-a assim?

Na exclamação *Mas* que bonita voz a da cantora! (Din. Ser. 102), o *mas* é de pura surpresa; significa que a voz da cantora ultrapassa toda a espectativa. O pensamento do admirador seria mais ou menos assim: Já tenho ouvido cantar bem, mas a voz desta cantora é extraordinariamente bonita.

Exclamações analogas são communs no falar quotidiano, amplificativas de impressões ora agradaveis, ora desagradaveis: *Mas* que lindo dia! *Mas* que chuva medonha! *Mas* que bom rapaz! *Mas* que malandro! *Mas* que felicidade! *Mas* que desgraça! etc.

No calor da conversa, quando ao orador ou ao ouvinte acode de repente que ia ficando em esquecimento cousa importante que cumpria fazer, ou quando de subito se repara em cousa ou facto estranho, interrompe-se o fio da narração com a palavra *mas* seguido do reparo á inadvertencia ou distracção.

Mas ainda agora reparo! eu esquecida a conversar, e sem avisar a minha tia e Christina da sua chegada ! (Din. Morg. 76).

Um individuo compra na boa fé uma cesta de frutas. Mais tarde verifica que foi enganado. Dirá: *Mas* estas frutas estão estragadas. A particula prende-se ao pensamento: [Cuidei que estivessem perfeitas] mas estão estragadas.

No exemplo anterior — o sentido será: [Estamos a conversar] mas [esqueci-me do essencial].

Quando nos encontramos com um amigo que chega de fóra, dirigimos-lhe a pergunta *Então como foi de viagem?* de preferencia a *Como foi de viagem?* Estoutra pergunta mais simples, proferida embora em tom amavel, tem sempre um quê de importuno, de exigente; ao passo que a palavrinha *então* abre a estrada para o amigo satisfazer de bom coração a nossa curiosidade. Sente logo o interrogado que estamos manifestando o nosso affecto, o nosso interesse pela sua pessoa. E' como se eu dissesse: "Como amigo que sou folgaria de saber se tudo lhe correu bem; você de certo não põe duvida em contar". Se houve peripecia na viagem, as comportas da loquacidade provavelmente não tardarão a abrir-se.

Então como foi isso? revela carinho e interesse de amigo dedicado, é a vontade pronta de acudir ou trazer consolo á pessoa que foi victima de grave desastre. E aqui, como em tantas outras situações analogas, a pergunta desperta a solicitude em prestar a informação desejada.

Mas esta função da particula veio secundariamente. Em *então* não está de todo desvanecido o conceito de tempo. Nada tem que ver o adverbio com a acção expressa na frase; mas relaciona-se com a situação, com um facto que deixamos inexpresso.

Eu não dirigiria a uma pessoa que chega pela primeira vez a esta Capital a pergunta *Então que lhe parece o nosso Rio?* sem presuppôr um passeio pelas ruas. Está claro que a interrogação se poderia fazer do mesmo modo sem o primeiro vocabulo. Porém *então* refere-se ao seguinte curso de idéas: Você já andou passeando pelas ruas da cidade; *então* já póde informar-me da impressão que teve.

Insisto com alguem para provar certa marca de vinho que lhe offereço e que reputo excellente. A pessoa aceitou, provou; *então* pode dar a sua opinião, E logo eu com a pergunta: *Então que tal acha o vinho?*

Em casos como os dous que acabamos de figurar, o papel de *então* será, por assim dizer, pleonastico.

Nos dialogos, a palavra *então* caracterisa a conclusão que se tira das palavras do parceiro. Em Morg. 1,81:

Magdalena — Rio-me daquella doença, tia. Pois já viu alguem padecer daquillo? Ora diga? — Pode dizer que não. E comtudo o primo Henrique não mente. Ha daquellas doenças na cidade, ha; mas na aldeia são tão raras que eu mesma as estranho já, eu que as vi em outro tempo...

Henrique — *Então* não crê na realidade dellas.

A conclusão que o parceiro deixou suspensa e que nós nos animamos a fazer-lhe ouvir em termos claros, pode ser expressa sob a forma interrogativa:

Pertunhas — O latim!... a mais destemperada e desesperadora lingua que se tem falado no mundo! Se é que se falou —

Henrique — *Então* duvida que se falasse latim?

Actos e successos expostos por outrem, ou pela mesma pessoa que fala, pedem ás vezes um esclarecimento final sobre o que succedeu ou o que resta a fazer. E' caso de applicar a palavra *então*:

A — Porque não compareceu á festa?

B — Se ninguem me falou em tal.

A — Mas eu escrevi-lhe.

B — *Então* a carta extraviou-se.

Um exemplo da segunda hypothese. Projecta-se um pic-nic á ilha de Paquetá. Depois de tudo mais ou menos assentado entre as pessoas que tomam parte na reunião, voz autorisada faz-se ouvir: Pois *então* é arranjar isso para domingo proximo.

Agora define o momento da acção expressa pelo verbo em orações como *o trem chegou agora, agora trabalhamos;* e não define tal nem tem relação com o verbo que se nomeia neste dialogo de despedida entre dous amigos:

— E *agora* quando volta?

— Eu sei lá? *agora*... só para agosto (Din. Morg. 2,44).

A particula aqui refere-se á situação: *agora* [que nos vamos separar, posso saber] quando volta? —

Agora [que vou partir, penso que voltarei] só para agosto.

No exemplo camoneano (Lus. 5,22):

> Vejam *agora* os sabios na escriptura
> Que segredos são estes de Natura

erraria quem imaginasse ser o adverbio mero determinante do verbo, isto é, "vejam agora e não mais tarde". O poeta descreve o fogo de Santelmo e, com todas as particularidades, a tromba d'agua, casos presenciados, claramente vistos, casos que os rudes marinheiros contam por certos sempre e verdadeiros

> E que os que tem juizos mais inteiros
> Que só por puro engenho e por sciencia,
> Vem do mundo os segredos escondidos
> Julgam por falsos ou mal entendidos.

Agora, porém, *agora,* depois que vimos com os nossos olhos esses casos espantosos, *agora,* que os sabios não podem duvidar da realidade, pois nós não somos rudes marinheiros, vejam se podem explicar estes segredos de Natura.

Agora representa a situação nova em que ficou o problema em virtude dos factos observados por gente fidedigna, e é para esta situação nova que se chama a attenção dos sabios.

A situação nova pode ser incentivo para certo modo de proceder, mas pode tambem dar lugar á reflexão, da qual resultem motivos para refrear ardores:

Prometti que te auxiliaria; *agora* não penses que o farei se levares vida desregrada.

Contei-lhe toda a triste historia; *agora* guarde segredo.

Não ha quem não perceba a differença entre *aqui chove sempre* e a asserção *depois de tantos dias de sol e calor hoje sempre choveu.* No primeiro caso *sempre* faz parte da proposição; significa "em qualquer tempo", "constantemente". No segundo caso, refere-se a cousa estranha á oração; quer dizer que o facto de chover desmentiu a espectativa.

Esta mesma referencia a uma situação anterior tem o dito vocabulo em *o ministro sempre despachou o meu requerimento.* Entende-se que custou muito a fazel-o, que o requerente já ia perdendo a esperança de ser attendido. Na noticia alviçareira *teu amigo Pedro chega sempre amanhã* a particula põe termo á duvida em que eu estava até agora. Se recebemos esta informação *o doente sempre escapou,* é que a molestia tinha sido tão grave, que já o davamos por irremediavelmente perdido.

A um individuo a principio irresoluto, que afinal se decide a proceder de certo modo, ou que ao cabo de algum tempo muda de idéas, dirigimos a pergunta: *Sempre quer? Sempre vai?* etc.

Não é necessario accrescentar mais exemplos. Vê-se que *sempre* allude a algum facto anterior, e facto que se prolongou, que durou *sempre* até o momento de effectuar-se aquelle que relatamos.

Como se teria encaixado na affirmação o extranho *sempre?* Talvez pela fusão de dous pensamentos: *Sempre* [pensavamos o contrario, mas] choveu; *Sempre* [estiveste em duvida, mas] o amigo embarca amanhan, *Sempre* [eu hesitava, mas afinal] resolvi ir.

Repare-se ainda no emprego de *sempre* neste dialogo entre Rubião e Quincas Borba:

— E que Humanitas é esse ?

— Humanitas é o principio. Mas não, não digo nada, tu não és capaz de entender isto, meu caro Rubião; falemos de outra cousa.

— Diga *sempre.*

Com este *sempre* Rubião pede que seu amigo em todo o caso se explique, que as suas palavras serão ouvidas com interesse e com aproveitamento. *Sempre* refere-se, ainda que com exagero, á hesitação, ao facto de custar a explicar.

Outro encaixe que nada tem que ver com o verbo da oração é o termo *felizmente,* bem como o negativo *infelizmente.* Se digo *felizmente* (ou *infelizmente*) *choveu,* não foi á chuva que tocou o contentamento ou desprazer. Estes sentimentos só os podia ter pessoa (eu ou outrem) a quem a chuva produziu proveito ou damno. *Os ladrões felizmente não arrombaram o cofre* quer dizer que houve felicidade para o dono do cofre, não para os ladrões. Do mesmo modo em *Pedro vive infelizmente com aquella mulher,* o termo *infelizmente* entra como uma reflexão, uma opinião minha relativa á vida de Pedro, o que é cousa muito differente de *elle vive infeliz com a tal mulher.*

Afinal, emfim, finalmente, expressões synonymas, annunciam, como as palavras estão dizendo, que o orador vai explicar como certos successos terminaram. Porém, muitas vezes o facto terminal não se prende immediatamente ao que se acabou de narrar. Calam-se acontecimentos que ficaram de permeio, deixam-se de exprimir reflexões e considerações pessoaes suggeridas pelos successos, e a esta situação, que fica em silencio, vem ligar-se a expressão *afinal*:

Esse homem matou o outro em defesa de sua honra... *Afinal,* quem não faria o mesmo?

Ao almoço, riu-se de si mesmo; achou-se mortificado em demasia. *Afinal,* que tinha que o outro désse aos seus leitores uma noticia que era verdadeira, que era interessante, dramatica, — e seguramente, — não vulgar? (Quincas Borba 125).

Eu perdôo-te por esta vez. *Emfim,* tu não tens experiencia da vida.

Quando damos conta de um procedimento, particularisando os factos e causas que o determinaram, é-nos agradavel ouvir a opinião daquelle a quem nos dirigimos e folgamos se esta pessoa apoia a nossa maneira de pensar. Se ao exposto accrescentamos a consulta — *Não é?* ou deixamos ao menos entrever o desejo de fazer consulta nestes termos, o ouvinte, não tendo motivos para contrariar, poderá responder laconicamente com *E'* ou *Pois é.*

A primeira formula pode satisfazer-nos; a segunda satizfaz com certeza, graças ao grande peso que tem a palavrinha *pois.* E' como se o ouvinte respon-

desse: Prestei bem attenção a tudo quanto acabas de dizer; entendi perfeitamente; e tudo bem considerado, não é possivel qualquer consideração em contrario, por insignificante que seja. A conclusão de tudo, *pois*, é isso mesmo que tu pensas.

Uma pessoa, decidida a principio a negar o seu nome a certa lista de assignaturas, assediada por supplicas e pedidos de amigos, cede por fim nestes termos: *Pois vá lá.* Do mesmo modo o negociante, quando o freguez lhe explica que não pode pagar acima de certo preço, deixa-lhe a mercadoria com esta resolução final: *Pois leve a fazenda.* Em qualquer dos casos a palavra *pois* significa o assentimento dado em consequencia das razões de outrem, que vieram amollentar e quebrar a firmeza primitiva. *Pois* é tranquillisador, é signal de boa vontade, finalmente.

E' do falar quotidiano a expressão *Pois sim,* proferida em tom convincente como resposta a pedido ou consulta. E' um assentimento simples e que muito nos apraz e em que a palavra *pois* nos faz sentir a maxima solicitude em attender ás nossas palavras:

Rubião convidou-os para uma revista militar no sabbado — *Pois sim,* sabbado, assentiu Falcão (M. de Assis, Quincas Borba, 344).

— Christiano tem projecto de o mandar examinar e tratar; mas, deixe estar que eu o apresso.

— *Pois sim.* Elle parece ser muito amigo da senhora e do Sr. Palha (ib. 302).

— E' sempre melhor desligarmos a sociedade com tempo (Seguem-se as razões).

— *Pois sim,* não tenho duvida, concordou o Rubião (ib. 247).

Em tom ironico *Pois sim* significa naturalmente a esquivança em realisar o desejo de outrem. Tambem se usa com o mesmo tom para manifestar duvida ou descrença relativamente a alguma affirmação ou supposição alheia:

— Sabe, Roberta, que se meu padrinho soubesse o que você fez havia de ficar muito satisfeito! Não viu como elle lhe ordenou que nunca mais falasse em tal ?

— *Pois sim;* com esses escrupulos ficavamos sempre nesta vida. A menina sem voltar á cidade, sem visitar ninguem, aqui mettida (Din. Ser. 95).

Vocês pensam que elle se sacrifica por nós? *Pois sim !*

Para assegurar pleno assentimento substitue-se muitas vezes *Pois não* a *Pois sim.* O paradoxo explica-se. A frase é o resto de uma dessas interrogações de espanto de que nos costumamos servir para desfazer qualquer sombra de duvida que possa haver no espirito de pessoa que pretende alguma cousa de nós: *Pois* [eu] *não* [accederia a teu desejo?] *Pois não* [estou pronto a fazer-te a vontade]. Aceitas o convite? *Pois não* [havia de aceitar ?].

Pois não tambem pode ter por intuito desfazer duvidas que alguma affirmação nossa porventura possa suscitar no espirito do ouvinte. Equivale a *pois não* [crê]:

Sabe que esteve para ser nosso parente? *Pois não?* quiz casar com Maria Benedicta (Quintas Borba 292).

Pois pode denotar uma conclusão tirada de palavras alheias na qual nos fundamos para que se execute uma acção no sentido que nós desejamos. Rubião (Quincas Borba) exalta as virtudes da fallecida mãi:

— Os escravos davam-lhe o nome de Sinhá Mãi, porque era, realmente mãi para todos. Deve estar no céu !

— Bem, bem, atalhou Sophia. *Pois* faça-me isto por amor de sua mãi; faz?

— Isto que ?

— Apeiar-me aqui mesmo.

O mesmo sentido tem a palavra *pois* nest'outro dialogo entre mulher e marido:

Sophia — Mas nunca esperei que um homem tão pacato, tão não sei como, se tirasse dos seus cuidados, para vir dizer-me cousas exquisitas...

Palha — *Pois* daqui em diante evita a lua e o jardim... (Quincas Borba 90).

No seguinte dialogo um pai, ao mesmo tempo que procura dissuadir o filho de projectos que reprova, tira do proprio curso de idéas do filho uma conclusão em direcção differente, com que julga poder contental-o:

— Meu filho, escolhe outra cousa, menos ministro.

— Diz que é bonito, papai; diz que anda de carro com soldados atraz.

— *Pois* eu te dou um carro (Quincas Borba 325).

A conclusão, tirada pela pessoa que ouve, pode estar em harmonia com o que pensa ou deseja aquelle

que lhe expoz os factos, como vimos precedentemente, mas tambem pode estar em pleno desaccordo:

— Não tem desculpa nenhuma. Um homem conta sempre com um amigo.

— Mas nestas occasiões...

— *Pois* nestas occasiões é que se agradecem os favores (Din. Serões 24).

Muitas vezes *pois* rectifica um juizo anterior, podendo vir ao cabo de factos expostos por nós mesmos. Denota uma conclusão dimanada não do que se acaba de dizer, mas de factos que se calam ou que serão explicados depois. Neste exemplo *julgaram que houvesse dinheiro na carteira; pois não havia* refere-se a palavra *pois* á circumstancia de ter sido aberta e examinada a carteira, não se tendo encontrado quantia alguma.

Em oração exclamativa ou interrogativa *pois* pode denotar sorpresa e facto em contradição com o que era de esperar:

Toda a minha vida vi tratar as bexigas com agasalhos e chás para fazer suar; porque, vê o senhor? com o suor saem cá para fora todos os maus humores e o veneno que anda na massa do sangue. *Pois,* senhores, não mandou o medico da minha terra, o Senhor lhe perdoe, abrir as janellas e arejar o quarto de um pobresinho que estava com bexigas? (Din. Ser. 277).

Ah! vaidades deste mundo! *Pois* não vi outro dia a mulher delle num *coupé,* com outra? (Quincas Borba, 250).

José Urbano, descendo á garrafeira, foi procurar o mais precioso vinho de que ella constava. No entretanto o major appareceu na sala de jantar, junto de Maria Clementina.

— *Pois* já está posta a mesa! — exclamou elle ao entrar na sala — E eu que vinha para a ajudar (Din. Ser. 76).

— O Sr. Major conseguiu fazer-me esquecer por algumas horas as mortificações da minha vida.

— *Pois* tambem tem mortificações ? (ib. 73).

— Que cachorro? O que lhe mandei. *Pois* não se lembra que lhe mandei um cachorro para ficar aqui alguns dias? (Quincas Borba, 28).

A diversificação na maneira de pensar, no modo de ser, nos nomes etc. tambem se costuma indicar com a palavra *pois*:

Você vai? *pois* eu fico.
Tu és monarchista; *pois* eu sou republicano.
Chamas-te Antonio; *pois* eu chamo-me José.

A interrogação *Pois então?* como resposta corroborativa a uma consulta equivale a *Pois então imaginavas outra cousa? Pois então não é assim? Pois sendo a situação como sabes, como podias então concluir cousa differente?*

Antepõe-se não raro o imperativo *olhe* (ou *olha* se se tratar a pessoa por *tu*) a considerações para as quaes se quer chamar a attenção do ouvinte, ainda quando esse cuidado não dependa da applicação dos olhos corporaes:

Traduz Virgilio de relance. *Olhe* que é Virgilio, e não Virgilia... não confunda... (Braz Cubas, 222).

Socegue, *olhe* que podem ouvil-a (ib. 181).

Póde ter sentido equivalente a "reflicta", "lembre-se":

Não deixe de levar o guarda-chuva; *olhe* que todas as tardes costuma haver forte trovoada.

Olhe que não estamos em Lisboa, primo Henrique. Repare para essas arvores e refreie o sestro galanteador, com que está (Din. Morg. 1,73).

Has de ver se queres mais roupa na cama. — *Olha* que está muito frio (Din. ib. 1,35).

A's vezes significa "tome cuidado", "acautele-se":

Olha que não vás adormecer sem apagar a luz (Din. Morg. 1,37).

Olhem agora se têm juizo. Vejam se querem que eu vá dizer á mamã que venha para aqui (ib. 1,63).

Outras vezes é usado na accepção de "fique sabendo":

Olhe que o Eduardito já escreve e já lê manuscripto como um homem.

Pois *olhe* que todos aqui lhe querem bem (ib. (2,122).

Eu d'antes corria a aldeia toda num minuto... agora... *olhe* que eu já tenho os meus annos! (ib. 2,178).

— Levou o tal cachorro?

— Não, senhor, está commigo; pediu que cuidasse delle, e chorou, *olhe* que chorou que foi um nunca acabar (Quincas Borba, 17).

Situações ha em que *olhe,* com o valor de *fique sabendo,* não é simplesmente informativo, mas traz alguma ameaça latente. O pai que reprehende o filho por levar vida irregular, poderá dizer como mera advertencia: *Isso não pode continuar.* Mas se lhe disser: *Olhe que isso não pode continuar,* fará sentir ao filho que a insistencia no caminho errado trará consequencias desagradaveis, e que elle pai está disposto a pôl-as em execução.

Referido a facto anterior sobre o qual podia haver alguma duvida, *olhe* exprimirá informação definitiva:

Olhe, eu resolvi não comparecer á festa.
Olhe, o seu requerimento não pode ser deferido.

Para quem vê os phenomenos da linguagem tão sómente pelo prisma da logica e da grammatica, a expressão *que quer?* que se costuma accrescentar á narração de algum facto deploravel, ou que possa ser causa de reparo, nada offerece de extraordinario. Mera simplificação da consulta *que quer que faça* [ou *fizesse?*].

E' esta, de facto, a origem e não raro se usa a interrogação por extenso; mas, apesar de tudo isto, a formula de consulta pode ser pura ficção. Consulta espera resposta, e, no caso especial a que me refiro, não se conta com resposta alguma; prefere-se, até, que o ouvinte fique calado e aceite as explicações accrescentadas a *que quer?* como argumentos irrespondiveis.

Ha sem duvida situações que exigem se tome *que quer?* ao pé da letra. Tal é o caso neste passo do romance de Machado de Assis:

Quincas Borba sentou-se na cama, deixando pender as pernas, cuja extraordinaria magreza se adivinhava por fora das calças.

— Que é, *que quer?* acudiu Rubião.

— Nada, respondeu o enfermo sorrindo (Q. B. 8).

Um mestre d'obras, chamado a modificar qualquer parte de um predio, perguntará, em face de alguma duvida: *Que quer que eu faça?* E a pergunta será tomada no sentido literal.

Já na situação que deu lugar ao dialogo seguinte, a mesmissima frase exprime impossibilidade de satisfazer a pretensão:

— Nunca na minha vida dormi uma noite ao relento. Arranje-se como puder; mas eu não saio d'aqui.

— Mas *que quer v. s. que eu faça!* Eu se soubesse...

— Não tem desculpa nenhuma (Din. Ser. 24).

A formula *que quer?* tem valor de um pedido de desculpa, e as explicações que a acompanham são a justificação do procedimento que por ventura contrariou o ouvinte:

— Roberta, já lhe disse que não queria que me falasse mais nisto.

— E não tenho falado. Agora, o que eu não podia era deixar de pensar tambem. *Que quer* a menina? Eu vi-a nascer, assim como vi nascer a mãezinha, e já que não pude dar áquella as venturas que lhe desejei

disse cá de mim para mim: Esta não ha de ter uma sorte infeliz, ao poder que eu possa.

Magdalena quer evitar que Henrique de Souselas, chegado de Lisboa, continue a dirigir-lhe frases conceituosas e bonitas, e depois de lhe expôr delicadamente isso mesmo:

Vive-se disso lá. Aqui acho-as affectadas e inuteis... *Que quer?* Influencias da scena. Ha tanta semcerimonia no campo! Aqui todos nos tratamos como parentes; ha de ver (Morg. 67).

A explicação que se segue a *que quer?* é sempre tal que fica dispensada a resposta:

— Mas v. ex. está resolvida...

— A evitar que Philippe commetta uma deslealdade. *Que quer*, major? Metteu-se-me na cabeça fazer de meu filho um perfeito cavalheiro...

A asserção *você* [ou *o senhor*] *sabe*, intercalada uma vez ou outra, e sempre em tom ameno, no discurso persuasivo, é signal de muita polidez, mas em geral é pouco sincera. Succede não raro ter o orador mais certeza do total desconhecimento do caso, por parte do ouvinte, do que do contrario; não obstante, lá vai o *você sabe*. E' que ninguem neste mundo gosta de passar por ignorante, e nada mais lisonjeia a vaidade humana do que o diploma de sabedor, sobretudo tratando-se de materia que a pessoa tem consciencia de desconhecer de todo.

Você sabe é, de facto, um fino estratagema para alcançar acquiescencia ou desculpa, para tornar aquel-

le a quem nos dirigimos disposto a aceitar mais prontamente as nossas explicações:

— Um escandalo! insistia o demittido. O proprio ministro dizem que não gostou do acto; mas *V. Ex. sabe,* para não desmoralisar o director... (Quincas Borba 189).

Proferida em tom de pergunta, a frase *você sabe* intercala-se nas narrações animadas para despertar a curiosidade do ouvinte. A repetição frequente observa-se sobretudo no falar das crianças e da gente bisbilhoteira quando em aranzel accelerado se mostram muito interessadas em contar novidades.

A formula de *sabe* interrogativo tambem pode vir, um pouco modificada, no principio do discurso:

Sabe de uma cousa, papai? Papai compra amanhan latas de conserva, ervilha, peixe, etc., e ficam guardadas. No dia em que elle apparecer para jantar, põe-se no fogo, é só aquecer, e daremos um jantarzinho melhor (Quincas Borba, 253).

Sabe que tenho uma grande noticia que lhe dar? (ib. 333).

Você *quer saber?* quando eu andei no Porto, conheci lá um frade que era pregador de nomeada. Pois não havia outro passaculpas como elle (Din. Pup. 78).

Valor informativo não tem o verbo *saber* nestes e outros exemplos semelhantes. E' apenas um artificio para despertar a curiosidade, avivar o interesse da pessoa ou pessoas com quem se fala.

Verdade é que é um modo engenhoso de antecipar-se o orador á objecção e reparo que o ouvinte naturalmente lhe deve fazer. Não que este se manifeste por meio de palavras e lhe interrompa o discurso; mas a objecção será mental e é necessario declarar que ella não é repellida e, havendo restricções a fazer, mostrar até que ponto tem bom fundamento.

Pode-se dar outra disposição ás orações, a saber: transformar a subordinada em principal e intercalar ou pospôr a expressão *é verdade*.

Nem sempre o reparo procede directamente da pessoa ou pessoas a quem são dirigidas as affirmações; o orador tambem figura o caso que a objecção poderia achar-se no intellecto de outrem que não qualquer dos individuos presentes. Quem quer persuadir ou convencer ha de inclinar-se diante da verdade, venha ella donde vier. E assim o faz o orador, pelo menos assim o julga o auditorio.

As concessões expressas por meio da linguagem *verdade é que* ou *é verdade* falam mais aos sentimentos, movem á sympathia; já a forma das orações concessivas (com as conjunções *ainda que, posto que,* etc.) dirige-se antes ao raciocinio:

Tão bom! tão alegre! Tinha impertinencias, *é verdade;* mas a doença explicava-as. Rubião enxugou os olhos humidos de commoção (Quincas Borba 20).

Virgilia era um pouco religiosa. Não ouvia missa aos domingos, *é verdade*... Mas rezava todas as noites (Braz Cubas, 161).

— Bem se vê que o senhor não é homem de commercio.

— Não sou, *é verdade;* mas as contas pagam-se quando se podem (Quincas Borba, 110).

— Levou o tal cachorro?

— Não, senhor, está commigo; pediu que cuidasse delle e chorou, olhe que chorou que foi um nunca acabar. *Verdade é,* disse ainda Rubião para defender o enfermo, *verdade é que* o cachorro merece a estima do dono; parece gente (ib. 17).

Mal comparando, é como a arraia miuda, que se recolhia á sombra do castello feudal; cahiu este e a arraia miuda ficou. *Verdade é que* se fez grauda e castellã (Braz Cubas 11).

A par de *verdade é* existe o emprego do verbo no conjuntivo *verdade seja que,* o que parece uma concessão feita com certo constrangimento:

Verdade seja que os defuntos ganham mais sepultados em um lugar que em outro (Arrais, 324).

E' verdade! exclamativo apoia emphaticamente as palavras ou a idéa que acode ao interlocutor. Adapta-se tambem á subita lembrança do proprio orador, como se ella primeiro devera ter acudido ao ouvinte ou a outra pessoa:

Eu moro na hospedaria. Acolá. E por signal que tenho por companheiro de quarto um originalão. *E' verdade,* se puder, appareça-nos esta noite. Jogaremos uma partida de voltarete (Din. Ser. 30).

Não se confunde *verdade é que* com *a verdade è que.* Esta segunda forma, com artigo, exprime, não uma concessão, mas a asserção de um facto que o orador tem por certo e verdadeiro e que contrapõe á duvida, ou opinião falsa de outrem:

Mas já são muitas idéas, — Mas *a verdade é que* este olho que se abre de quando em quando para fixar o espaço, tão expressivamente, parece traduzir alguma cousa, que brilha lá dentro. (Quincas Borba, 43).

Marcella suspirou com tristeza: *A verdade é que* eu me sentia pungida e aborrecida, ao mesmo tempo, e anciava por me ver fóra daquella casa (Braz Cubas, 119).

O cirurgião prolongou a sua visita e falou da campanha eleitoral. Assegurou que era certa a derrota do conselheiro — O herbanario escutou-o com admiração e sobresalto. Porque *a verdade era que* o herbanario sentia pelo conselheiro uma predilecção que a tudo sobrevivia, que nada podia destruir (Din. Morg. 2,239).

Quando alguem, por irreflexão ou ignorancia, exige ou refere cousa impossivel, mostramos-lhe o absurdo das suas palavras com resposta iniciada pela particula *se* ou *mas se*:

D. Victoria (queixando-se da ausencia das criadas). Aquillo é de proposito!

Christina — Mas a mamã não vê que as criadas estavam comnosco á novena?

D. Victoria — Pois que não estivessem. Quem tem serviço a fazer não pode ouvir novenas.

Christina — *Mas se* a mamã é que as mandou!

Outro exemplo semelhante é o do recoveiro Cancella, que, chegando a casa, morto de trabalho e com o estomago vazio, repara em estar o lar ainda apagado.

Hermelinda (accendendo depressa o lume) — Deixe estar, padrinho... Verá como isto se arranja depressa... Olhe; o lume já está acceso.

Cancella — Já o devias ter feito antes, Lindita.

Hermelinda — *Mas se* inda agora vim das presas, onde fui lavar a roupa?

O reparo que procuramos desfazer pode achar-se latente. No seguinte trecho ponho entre colchetes o que determinaria o emprego de *se*:

Veja como essa criança, que tem no collo, o está encarando com os olhos espantados. [Lena adivinha o pensamento de Henrique, que não vê razão para a criança espantar-se]. *Se* ella nunca ouviu falar assim aqui (Morg. 473).

A particula tambem serve para desmascarar mentiras. D. Pedro de Castello Branco (em Couto, Dec. 5, 8, 2), roubado por navios francezes, chega a Pariz e reclama del-rei a restituição de sua fazenda, porque fora roubado havendo pazes entre elle e el-rei de Portugal. "D. Pedro lhe conheceu umas estribeiras de ouro e uns anneis ricos. Estando um dia em praticas com elle, desculpando-se elle que se não achava rasto de cousa alguma, nem elle sabia donde aquillo podia vir, lhe respondeu D. Pedro: Como, senhor, dizeis isso? *se* as estribeiras que o outro dia levastes eram minhas, e esses anneis que tendes nos dedos eu os mandei fazer?"

Estas respostas com a particula *se* inutilisam mentiras e observações ou pretensões absurdas, ajudadas do tom interrogativo, ou pelo menos emphatico, com que são proferidas.

Junta-se-lhes por vezes uma interrogação, a qual, conforme o momento e as circumstancias, pode denotar desde a simples surpresa até o mais franco desafio a uma explicação justificavel. A. — *Não almoço agora*. B. — *Porque não? Se já está pronto?* Compare-se o caso acima: *Como, senhor, dizeis isso? se as estribeiras,* etc. A's vezes a pergunta serve de rebater outra pergunta: *Pedro*: — Porque não pagas? *Antonio*: — *Como queres que pague? se não tenho dinheiro?*

Não ha quem não perceba de golpe o translucido sentido de todos estes casos; não ha quem não se exprima da mesmissima maneira em se lhe offerecendo iguaes opportunidades. Só o que é difficil é dar a razão do uso da conjunção condicional. Parece-me a linguagem o resultado de se cruzarem pensamentos, transpondo-se proposições hypotheticas para o campo da realidade.

Assim no primeiro exemplo, e fazendo abstracção do reforçativo *é que,* a explicação *Se a mamã as mandou* presuppõe: *Se a mamã as não mandasse, teria razão de censurar a ausencia. Se a mamã as mandou* [*como, de facto, mandou*], *não tem razão de censurar.* Mas é justamente esta reflexão, esta forma hypothetica que queremos supprimir. O absurdo de exigir a presença da criadagem é tão grande, que é preciso contrapôr-lhe summariamente argumento de feição categorica. E por delicadeza, por tratar-se de mãi, deixa-se de accrescentar ao argumento a interrogativa com seu espinho de critica: *Se a mamã as mandou, como é que agora reclama a sua presença aqui?*

A interrogativa vem ora antes, ora depois da oração de *se*. De qualquer modo, tem por fim mostrar a desharmonia, a contradição entre um facto e a consequencia natural ou esperada. Usando-se *pois se, mas se,* em lugar do simples *se,* a interrogativa só pode vir em ultimo lugar:

Pois se o mesmo mundo o creou e fez de huma vez, estoutras obras suas, porque as não mostra em huma só visão, ou figura, senão em duas? (Vieira, Serm., 9,39).

Mas se ambas as idéas eram de Deus, porque foi necessario accrescentar a segunda sobre a primeira? (ib. 9,38).

Estes exemplos que de proposito extraio dos Sermões diversificam daquelles que acima se analysaram. Aqui já não ha linguagem dialogada. Mas ainda assim, o emprego de *se* dimana da relação entre o orador e a situação. O orador expõe os pensamentos como se fossem alheios ou opinião geralmente aceita, como se elle mesmo estivesse, ainda que por instantes, fora desse ambiente, e depois, faz em forma de pergunta, a observação propriamente sua.

Por vezes emprega-se o verbo com o pronome *se* como se fosse indefinido o sujeito, quando na realidade não pode haver a minima duvida sobre quem pratica a acção. São communs os casos semelhantes ao seguinte:

Não se dirá que este gabinete é de homem vadio; aqui *trabalha-se*. Você é testemunha que eu trabalho. Tudo para que? (Quincas Borba, 323).

E' uma allusão ao que succede de ordinario nos gabinetes de outros homens. Theophilo quer que se faça o confronto: lá não se trabalha; aqui trabalha-se.

Mas a mesma forma verbal tem applicação ainda em situação differente. Chego-me á mesa de alguem que está escrevendo com estas palavras: Que *se faz?* — *Trabalha-se,* me responderá o outro.

Polidez de interrogante, e resposta no mesmo tom. Perguntar directamente *Que está fazendo?* pode o outro pensar que peço conta de seu actos. E a comprehensão do saber viver leva o homem, em tantas occasiões, a não apontar com o dedo para as pessoas quando com a personalisação vaga pode muito bem chegar ao fim desejado.

Em linguagem familiar, e especialmente entre pessoas menos instruidas, é commum o emprego de *a gente* com referencia a pessoas bem definidas, em dizeres como *a gente* não tem dinheiro, hontem *a gente* foi ao baile, etc. Parece que por modestia se evita empregar o pronome *nós*.

A substituição do sujeito definido ao sujeito indeterminado, caso contrario ao que acabamos de ver, faz-se algumas vezes, sendo o intuito impressionar melhor o ouvinte. Assim, certas informações são dadas como se o proprio ouvinte entrasse em scena: A viagem pelo interior do paiz é bem penosa; em certos lugares *você* tem que lutar com os mosquitos, em outros com os carrapatos.

Curioso é que com o verbo na 3.ª pessoa do plural se designe o sujeito desconhecido quer seja unico,

quer haja pluralidade de individuos: *estão batendo; estão gritando; chamam-te* ao telephone. Talvez a forma do plural sirva de encarecer o facto que no momento nos sobresalta. Em todo o caso, não tem cabimento aqui a linguagem com o pronome *se*. Ninguem diria *está-se batendo*, etc.

Um modo interessantissimo de encarecer a importancia de uma informação é quando o orador, que na realidade está falando com um só individuo, pluralisa de subito o ouvinte, como se presente estivesse um auditorio numeroso e a extraordinaria noticia impor tasse não a um sómente, mas a todos. Esta situação imaginaria vem bem exemplificada nas palavras de tia Philomena (Din. Ser. 277):

Eu bem sei que sou uma ignorante; mas toda a minha vida vi tratar as bexigas com agasalho e chás para fazer suar; porque, vê o senhor? com o suor saem cá para fora todos os maus humores e o veneno que anda na massa do sangue. Pois, *senhores*, não mandou o medico da minha terra, o Senhor lhe perdôe, abrir as janelas e arejar o quarto de um pobresinho que estava com bexigas!

A pluralisação é recurso de linguagem cujo effeito varia conforme o caso. Examinemos este dialogo das Pupillas do Sr. Reitor (p. 150):

João Semana — Que diz você? Nada lhe fica mal? Então um cirurgião ou um medico pode lá ter essas liberdades? Onde é que se viu um homem da nossa posição fazer versos? Não tem vergonha.

Joanna — Ora adeus! São *rapazes*.

João Semana — E a dar-lhe! São *rapazes,* são *rapazes,* e acabou-se. Boa desculpa! Essas e outras é que deitam a perder a classe.

Quem commetteu o delicto de fazer versos foi apenas um rapaz; porém a criada para atenuar a má impressão, serve-se do plural, isto é, distribue o acto feio por muitos, não é cousa extraordinaria, e sim brincadeira propria dos demais rapazes. O mal fica diminuido, em vez de carregar sobre um só, fica dividido por muitos.

Do mesmo modo para desculpar o facto de uma mulher mandar cortar o cabello, basta o plural: *Ah, mulheres, mulheres.*

Nas formas verbaes, o uso da 1.ª pessoa do plural em lugar da 2.ª do singular é ficção segundo a qual a pessoa que fala se associa ao esforço e sacrificio que a outra pessoa deve fazer. Em portuguez, o caso mais usual é o da forma *vamos*:

Vamos, filho; é necessario que por uma vez acabem essas tristezas (Herc. M. de Cister, 4,1).

Este *vamos* usa-se principalmente para animar o ouvinte, para persuadil-o a mudar de idéas. Accrescido da palavra *cá,* é um meio suave de encaminhar o espirito do parceiro ao que é razoavel.

— Ora diga, a menina acredita deveras que o diabo lhe dê para embirrar com os gatos? Quem a persuadiu de semelhante cousa?

— Não sei. Vejo que não crê no que lhe digo. Pois faz mal.

— Mas *vamos cá,* a tia Philomela, então... (Din. Ser. 259).

Se a linguagem é constituida pelo seguimento encadeado de palavras que o ouvido percebe como expressão intelligente de idéas e pensamentos, então o silencio que de subito e inesperadamente interrompe essa corrente de sons é a ausencia, a negação da linguagem. No emtanto essa pausa brusca, esse eclipse total de poucos segundos pode significar muito, pode ser bem mais eloquente do que todas as palavras, do que toda a dialectica de um discurso alentado.

Em Diniz, Morgad. 1, um pai, vendo na filha o retrato da esposa querida que a morte lhe arrebatou, dá expansão aos sentimentos evocados pela saudade, calando com as reticencias de trecho a trecho muitas bellezas e virtudes que o ouvinte pode imaginar:

Não sei como o Senhor concedeu um anjo destes a um selvagem como eu. E' a imagem da mãi !... Ella tambem era poucochinho de si... miudinha e... Mas não pensemos nestas cousas.

O *Mas* que se segue á ultima reticencia e com que se salta de um curso de pensamentos para outro, dá a entender que a narração dos dotes da fallecida seria longa e de menos interesse para os ouvintes, e, além disso, o espirito acabrunhado quer mostrar-se ou fingir-se forte contra as tristes magoas que o vinham assoberbando.

O homem que fica muito impressionado toda a vez que lhe dão uma noticia má, confessa a sua fraqueza:

Salta-me cá por dentro o coração, que ninguem faz uma idéa; eu bem canto a ver se disfarço, mas...

Não obstante ficar aqui inexpressa e como que

cortada abruptamente a proposição que a particula adversativa solicita, a reticencia fala tão claro ou mais do que essa mesma proposição. E' como se dissesse: mas nada consigo e sei que vós comprehendeis perfeitamente a minha situação.

A este caso particular, em que a intelligencia do ouvinte facilmente suppre o que falta, dá a rhetorica o nome grego de *aposiopese*. E aposiopese é cousa de que nos servimos todos os dias na linguagem familiar. Muita gente só agora o ficará sabendo. M. Jourdain, tambem ao cabo de quarenta annos, veio a saber que falava em prosa.

A reticencia tambem pode significar a necessidade que se tem de interromper o discurso por acudir ao espirito uma idéa, um esclarecimento importante, que poderia ficar esquecido ou mal enquadrado se o deixassemos para depois. Na escripta representa-se frequentemente esta especie de interrupção por meio de parentheses ou travessões.

Outras vezes a subita interrupção e pausa de alguns momentos indica a necessidade, real ou fingida, de repouso para juntar idéas, para madurar um pensamento, e este será expresso em certo tom de gravidade.

Resposta ou explicação calculada para não irritar o ouvinte sae a jactos e em tom de timidez. As reticencias fingem embaraço e esforço para vencer a propria deficiencia intellectual. Na realidade, porém, se ha esforço, é que andamos a procurar no espirito palavras e frases com que dourar a pilula. A's vezes nada resulta desse tactear no escuro e passa-se a outro assento. Em Morg. 2.104:

Magdalena: Meu pai não tem crimes; meu pai não tem acções que o envergonhem; meu pai pode franquear a todos as portas da sua casa sem recear-se de indiscreções. Pois não é assim?

Henrique: Por certo prima, mas... na politica ha actos que... sem serem criminosos...

Magdalena: A politica! Sim, é isso! Eu devia prever que essa palavra viria para explicar este mysterio!

As pausas permittem tambem á pessoa timida ir creando coragem até que, por fim, diz sem rebuços o que o que pretendia. Os jactos de linguagem saem primeiro fracos e a medo, um pouquinho mais fortes depois, uns instantes de hesitação e, finalmente, jorro firme e resoluto.

D. Victoria (Morg. 1,86) propõe que se juntem todos de casa para consoar. A meninada acolhe o projecto com demonstrações de enthusiasmo, porém, quer mais:

Ai, sim, mamã, sim; mande convidar a tia Dorothéa, mande! E ha de ficar em casa, sim? Olhe e... e arma-se o presepe... e... e... e havemos de cantar as janeiras... Mande, mande, mamã, por as alminhas; ora mande.

ALTERAÇÕES SEMANTICAS

Nas seguintes paginas exponho as alterações semanticas por que passaram varias expressões da lingua portugueza, mostro as epocas em que as accepções differiram das actuaes e explico, sempre que posso, as causas das mudanças.

Factos interessantes de semantica têm sido devidamente estudados por linguistas de valor que dedicaram toda a attenção a casos esparsos por diversos idiomas; mas os phenomenos são complexos e ainda não se conseguiu reunir e dispôr os factos em systema satisfactorio. Alteração de uma especie anda quasi sempre ligada a uma ou mais alterações de especie differente. O dominio semantico de um termo augmenta ou diminue com perda ou lucro do dominio de outro termo. Um vocabulo soffre certa mudança semantica muito caracteristica; já outros vocabulos do mesmo typo, nas mesmas condições, permanecem sem modificação alguma ou alteram o significado de maneira muito diversa.

Sem querer entrar em particularidades que o leitor encontrará explicadas em Bréal, Erdmann e outros, darei no emtanto alguns esclarecimentos que me parecem necessarios.

Ha extensão ou alargamento quando um termo de sentido especial passa a ter sentido geral. O vocabulo *molestia* usou-se a principio junto do termo *doença; doença com molestia* significava que a enfermidade incommodava ou era acompanhada de dores. Por metonymia chamou-se depois molestia a toda enfermidade que molestava. Mais tarde, applicou-se o termo a qualquer enfermidade.

O contrario da extensão é a restricção de sentido. *Sermão* applica-se hoje a um discurso de caracter muito especial, posto que o latim *sermo* significasse linguagem em geral. *Padre,* que tanto podia exprimir o pai carnal como o pai espiritual ou sacerdote, conserva hoje sómente o sentido translato.

Pertence tambem á semantica o phenomeno de desapparecimento ou desuso, em certo caso, de um termo, por haver-lhe usurpado o lugar outra expressão julgada mais nobre, mais distinta ou que por qualquer outra razão mereceu a preferencia. *Cadeira* seria hoje substituido por *séde* em exemplos como estes de Barros (Dec. 1, 1, 1): *fundou a cidade Marrocos para cadeira de seu estado; a qual cidade, que este Bujafar fundou tambem, era para cadeira onde havia sempre de residir o seu pontificado de Califa.*

Mudanças definitivas de sentido podem ser determinadas pela metonymia, pela analogia, pelo euphemismo, pela degradação.

Termos abstractos applicam-se por vezes a objectos materiaes, resultando d'ahi ou o accrescimo da accepção concreta, ou o predominio desta ultima, cahindo em esquecimento o sentido abstracto. *Prisão* do lat. *prehensio* designava a principio apenas a acção de prender; mais tarde veio a applicar-se tambem ao lugar onde ficam os individuos presos. *Governo* não é somente o acto de governar, denota tambem aquelles que executam o governo. *Redacção* pode ser a maneira de redigir e tambem designar as pessoas que redigem um jornal.

Estação do lat. *statio* perdeu de todo o sentido abstracto de estar em pé ou estar parado; *estação* de estrada de ferro significa o lugar onde o trem pára. *Regio* e *fructus,* que deram *região* e *fruto,* já em latim tinham perdido a accepção abstracta primitiva.

A esta transformação de termos abstractos em concretos dá M. Bréal o nome de *épaississement,* traducção do lat. *concretio*.

O phenomeno contrario não tem denominação especial. O vocabulo *estilo,* que nas linguas modernas designa a maneira de escrever, e, por extensão, maneira de pintar, de construir, procede do latim *stilus* [ou *stylus*], nome dado a principio ao instrumento pontudo com que se escrevia, e que hoje chamariamos estilete. Já em latim se usava por metonymia para exprimir o escrever, a maneira de escrever. A nossa expressão *á toa* significa hoje "ao acaso", "a esmo", por ter-se volatilisado a accepção concreta de cabo de reboque propria do substantivo. *Ir á toa,* em linguagem quinhentista e seiscentista, não era outra

cousa senão "ir rebocado". Por esse tempo não eram possiveis as expressões *crescer á toa, falar á toa.*

Quando um termo se usa com varias accepções diz-se que ha *polysemia.* O factor mais commum da polysemia é a metaphora. A linguagem recorre de boa vontade a este processo por ser-lhe muito difficil crear termos novos para dar nomes aos objectos. Fonte principal das metaphoras são as designações de partes do corpo humano, e partes dos vegetaes. Qualquer semelhança com a forma ou a situação da cabeça basta para applicar-se o nome á *cabeça de alfinete, cabeça de prego, etc.* Diz-se *braço de rio, braços da cadeira* por causa da semelhança com a disposição dos membros de um e outro lado do corpo. *Pé* applica-se a uma infinidade de objectos para exprimir a parte inferior que lhes serve de apoio. O facto dos ramos da arvore diversificarem e tomarem varias direcções deu lugar á expressão *ramo de negocio.* Chamando-se folha a certa parte do vegetal delgada e de superficie larga, achou-se que tambem se podia dizer *folha de papel, folha de zinco, etc. Costas* tem-nas o corpo humano, e tambem a faca, a cadeira, o bilhete, o armario, etc.

Termos denotadores de actos proprios de seres animados supprem a falta de expressões para movimentos ou cessação de movimentos em seres inanimados. O relogio *anda,* o relogio *pára,* os rios *correm.* Actividades e qualidades relativas ao intellecto, aos sentimentos, exprimem-se indo buscar os termos na linguagem referente ao mundo material. *Apprehender, aprender, comprehender,* filiam-se ao lat. *prehen-*

dere, que deu port. *prender.* O espirito, segundo o conceito primitivo, apanha, agarra, prende as idéas que lhe chegam do mundo exterior. Nem por isso ficam muito seguras; porque caem novamente para fóra, isto é, esquecem [*esquecer* < *escaescer* < *excadescere*]. Uma pessoa pode ficar *profundamente* sentida. Os sentimentos são *elevados, puros* ou *baixos.*

Por muitas que sejam as significações de um vocabulo, só uma dellas entra de cada vez em scena. De modo que podemos considerar cada accepção como um vocabulo independente.

ANATOMIA

Do termo scientifico *anatomia* cedo se apoderou o vulgo para lhe attribuir sentido depreciativo. Usava-o de preferencia no plural: *anatomias* ou antes, *notomias.* Fazer notomias em pessoa viva ou morta era fazer-lhe estragos nas carnes. Por metaphora applicou-se a mesma expressão a outros estragos que não os corporaes:

Mas como os inimigos eram muitos, carregaram sobre elle e o atassalharam, fazendo nelle *anatomias* espantosas (Couto, Dec. 4,8,1).

Portanto não perderam algo os martyres triumphaes que della (sepultura) careceram, nem estimaram os estragos e *anatomias* que foram feitas em esses corpos sagrados (Arr. 324).

Por sua morte lhe socedeo no caliphado Alle seu primo e genro casado com sua filha Fatima. Este fez grande *anatomia* na secta de Mafamede, mudando, in-

novando, alterando, tirando e accrescentando, interpretando e fazendo quasi outra ley de novo e assi se repartio a secta em duas tão differentes nos odios como nas perversas opiniões (ib. 316).

Algum allivio teria minha pena se sempre me visse só... e o mais compassivo para mim faz mais cruas *anatomias* em minha alma (ib. 2).

Acudiram os medicos com defensivos á cabeça, e com sangrias aos braços para divertir o humor: *notomias* que em hum corpo tão gastado e já vencido da doença serviam mais de martyrio que de beneficio (Sousa, Arceb. 2,162).

Confronte-se com estes exemplos de *fazer anatomias em* a linguagem *fazer anatomia de*, a qual significa fazer exame minucioso de alguma cousa, tomando-se, pois, aqui o termo anatomia no bom sentido:

O mais estreito e rigoroso tribunal que ha no mundo he o da Sagrada Congregação de Ritos em Roma sobre as causas da canonisação, não havendo virtude, profecia, milagre ou outra cousa sobrenatural, de que não faça a mais exquisita e sutil *anotomia*, sendo rarissima a que dalli sae, ou se recebe, sem ser legitimamente provada (Vieira, Serm. 8,415).

Neste exemplo de Vieira a expressão está tomada em sentido translato. Em sentido proprio tambem se podia dizer *anatomisar*. Eram ainda desconhecidos os vocabulos *dissecar* e *dissecção*, que só mais tarde, e por via franceza, vieram ao idioma:

Semelhante ao bogio do nosso Galeno, que se seccou e mirrou té que acabou, o qual elle *anatomisou* e

achou que tinha consumida toda a agua da pericardia (Arr. 22).

Este verbo *anatomisar* usou-o com valor depreciativo o mesmo autor no seguinte trecho:

E vós outros, nem que vos mettam a tormento, nunca confessareis hũ só erro de quantos fazeis quotidianamente em vossas curas, *anatomizando* os corpos fracos, e causando nos enfermos aborrecimento da vida (Arr. 35).

TERMOS DE ANATOMIA

A caixa ossea que contém e protege o cerebro é hoje conhecida pelo nome de *craneo*. E' adaptação do termo francez *crâne* e entrou em voga depois que se começou a estudar anatomia e medicina por livros francezes. *Crâne* procede sem duvida do grego κρανίον. Darmesteter dá como intermediario o latim *cranium*. Seria, em todo caso, latim vulgar. A documentação infelizmente é tirada de livros eruditos.

A quinhentistas e seiscentistas portuguezes naturalmente só podia valer o termo *casco*:

O xeque Ismael matou este Tartaro em hum campo junto da cidade Marô, e do *casco* de uma cabeça mandou fazer hum vaso guarnecido de ouro por que bebia nas festas (Barros, Dec. 2,10,6).

Têm tambem coberto de prata a cabeça de Santo Adrião, de cujo *casco* tive eu a ventura ou dignação de alcançar uma partesinha (Bern. N. Flor, 2,85).

No seguinte trecho ou ha forte hyperbole, ou o termo *casco* significa apenas couro cabelludo;

Outros sem *casco* na cabeça meyo attontados, outros sem queixadas no rosto, horriveis e disformes (Vieira, Serm. 2,18).

O Diccionario Contemporaneo define incorrectamente *casco*, "os ossos do craneo". Na realidade significa não os ossos separados ou considerados de per si, mas o conjunto, como se fora a caixa formada de um osso unico.

O que hoje se denomina maxilla, ossos maxillares, era conhecido pelos antigos com o nome de *queixada*. Além do trecho acima de Vieira, em que o termo occorre, apontarei ainda:

Cortou-lhe hũa mão com que se ele quizera emparar e chegou-lhe ás *queixadas* (Castanh. 5,17).

Foi... ferido pelas *queixadas* levando-lhe a maior parte dos dentes, e o queixo, depois que houve saude, lhe ficou não muito em seu lugar (Barros, Dec. 2,6,5).

Lançou-se a elle depois que lhe rompeu huma *queixada* com huma azagaia de arremesso (ib. 1,1,13).

Outrora era commum o uso do plural *narizes* e *peitos*. Hoje só se empregaria o singular em exemplos como os seguintes:

Tomou hũ delles com os *narizes cortados* (Castanh. 2,87).

E nisto lhe deu outra bombardada nos *peitos* que o matou (ib. 2,80).

Por influencia da sciencia medica todo o mundo hoje diz *pulmão, pulmões* e até *pneumonia* (quasi

sempre dupla). O termo *bofes* anda pelos ultimos reductos. Antigamente ninguem se pejava de o empregar:

Lamçada... que lhe passou a cota em dereito da ilharga, e entrando pelo corpo cortou duas costas e chegou aos *boffes* e cahiu morto em terra (F. Lopes, C. D. J. 183).

Neste mesmo exemplo é digno de nota o termo *costas* que equivale ao actual *costellas*.

O globo ocular chamava-se *bugalho*, desconhecido hoje em linguagem brasileira, mas de que ainda resta vestigio na expressão *olhos esbugalhados*:

Houve hũa frechada em hũ olho entre o *bugalho* e a *sobrancelha* (Castanh. 2,70).

O dedo que se segue ao pollegar chamava-se *index* ou *demostrador* ou *mostrador* e não *indicador*, como hoje dizemos:

Aparte o dedo pollegar do segundo chamado *index* ou *mostrador*, e depois aparte este index dos tres seguintes (Barros, Dec. 3,2,5).

Passando-nos ao segundo dedo, index ou *demostrador*, toda a distancia... he do reino Arracão (ib.).

O ultimo dos dedos ainda não sonhava com o qualificativo erudito de *minimo*. O nome que todos lhe davam era *meiminho* ou *meminho* (Na linguagem popular de hoje se diz *mindinho*):

Dão-se nestas ilhas humas vergas compridas... e a mais grossa he como um dedo *meiminho* delgado (Couto, Dec. 6,7,8).

O dedo menor da mão, a que vulgarmente chamamos *meminho,* contém a decima oitava parte do mesmo corpo (Vieira, Serm. 5,342).

Todo Nabucodonosor cabia dentro do dedo *meminho* da sua imagem (ib.).

CABO, CABEÇA

O latim *caput* passou ás linguas romances regularmente segundo as leis phoneticas, porém com fortuna varia quanto á applicação. Na Italia, *capo* continúa até hoje a ser o termo com que se designa a cabeça, embora alternando com *testa,* denominação que os antigos Romanos davam ao pote de barro. *Chief, chef* fez em França o mesmo officio em concurrencia com *teste, tête,* até o dia em que definitivamente prevaleceu est'outro nome como o mais adequado para a parte suprema do corpo, dura e oca como o pote. Em Portugal como em Hespanha, *cabo* ficou, desde tempo immemorial, degradado da função de exprimir cousa nobre e elevada, uma vez que *cabeça,* oriundo de *capitium,* lhe usurpara tal função.

Cabo passou a designar a parte terminal opposta á cabeça, isto é, a cauda de animal (excepto na expressão *de cabo a rabo*):

Que os [cães] ajam os corpos pesados... e o cabello seja pequeno, e espesso e rijo, e o *cabo* longo, ca grande fealdade he o allaão aveer o *cabo curto* (Livro da Montaria, 58).

Na maneira de contratar com os quaes usava desta prodencia, mandar pagar qualquer cavallo que morria em o navio, e bastava por testemunha mostrarem-lhe o *cabo* delle (Barros, Dec. 1, 3, 6).

Com a mesma accepção topamos o termo ainda em Castro, Ulysséa 8, 69: Passando atravessava num formoso ruço, que negro o *cabo* e crimes tinha.

Cahiu em desuso esta accepção de *cabo* em virtude da preferencia geralmente dada aos termos *rabo* e *cauda*.

Referido á situação dos seres, *cabo* indicava em geral o fim, o sitio onde alguma cousa termina: Entrando ho capitão môr nesta casa levantaram-se os mouros... e passando por antrelles foy ate ho *cabo* da casa onde elrey estava em hũa casinha armada de panos de seda (Castanh. 2,10); ajuntaram-se em hũm campo que se fazia no *cabo* da cidade (ib. 2, 14). A frota chegou a Judá, que he hũa cidade na costa da Arabia 150 leguas das portas do estreito e 165 de Çuez que he ao *cabo* delle (ib. 4, 12).

Por terminação das cousas tanto se podia entender a parte de traz como as partes lateraes. Prevaleceu naturalmente o primeiro sentido, mas ainda se encontram, em portuguez antigo, exemplos em que *a cabo de* equivale a *ao lado de, junto de*: Entam se assentou *a cabo della* (S. Graal 122); ergueo o cubertor e deitou-se *a cabo* delle (ib. 76); entam disse elrei aos que estavam a *cabo delle* (ib. 14).

Applicava-se, e ainda hoje se applica, o termo figuradamente ao final de um successo, de um discur-

so, de um periodo: *A cabo* de dois dias foi-se ao paaço (S. Graal 17); no *cabo* de cada mysterio perguntava (Vieira, Serm. 8, 168).

Desusado se tornou a expressão *em cabo* equivalente a *"emfim", "finalmente"*: O capitão o abraça, *em cabo,* ledo ouvindo clara a lingua de Castella (Cam. Lus. 7,29).

De *cabo* se derivou o verbo *acabar,* "levar a cabo", "ao fim", "terminar".

A significação primitiva mantem-se em alguns dizeres, como *cabo de guerra, cabo de esquadra,* etc. Mas é provavel que viessem do italiano. A denominação daquelle que commandava, dirigia ou governava na paz e na guerra, em terra como no mar, era *capitão,* do lat. *capitanus* [derivado de *caput*], substituida em alguns casos especiaes por *cabeça* masculinisado e *caudilho* do lat. *capitellum.*

Nada tem que ver com o lat. *caput* o termo *cabo* nos dizeres *cabo de faca, cabo de martello, de vassoura, de panela,* etc. Denomina a extremidade por onde os intrumentos e utensilios se empunham e procede do lat. *capulus,* que se relaciona com o verbo *capere,* tomar, pegar. Deu em portuguez *caboo,* cuja pronuncia só mais tarde se identificou com *cabo.*

Por metaphora muito suggestiva passou-se a dizer *cabeça* de um reino, de uma provincia, em lugar de metropole cidade principal, capital:

Cada huma destas quinze governanças ou provincias tem huma cidade que he sua *cabeça,* a que

acodem todas as cidades que nella ha... A's quaes *cabeças* vam todalas appellações, de qualquer caso, ora seja do estado, e justiça, ora da fazenda, ora da guerra, onde residem os governadores principaes, que presidem áquella governança (Barros, Dec. 3, 2, 7); Mas que parabens darey eu ao nosso Estado, e a esta cidade (S. Luiz do Maranhão) *cabeça* delle (Vieira, Serm. 2,211); a cidade de Ormuz., *cabeça* d'um antigo reyno do mesmo nome (Luc. 1,91).

Era geral este uso do termo *cabeça* e só cessou em principios do seculo passado ou fins do precedente com a penetração no idioma e dominação do estrangeirismo *capital*. Até então nem com função adjectiva se usava este vocabulo, salvo em certas frases feitas como *pena capital, inimigo capital*. Para os demais casos ahi estava o qualificativo *principal*, e, algumas vezes, *cabedal* (rios cabedaes).

Como substantivo, só havia a forma masculina *cabedal*, de longa tradição, a que veio juntar-se o termo mercantil *capital*, de procedencia forasteira, para denotar o dinheiro que se empresta a juros e ganancias. Bernardes, Nova Floresta 2,252: Este he o servo que com cinco ou dous talentos dobrou os avanços, e assim destes como do *capital* fez entrega ao senhor, o qual por isso o premiou.

Em outra parte do mesmo volume (2,172) o autor se serve, para o mesmo effeito, de expressão propria do idioma portuguez: Em uma occasião repentina foi necessario a este monarcha pedir prestados a Pedro Pantoja mil e quinhentos cruzados. Dalli a cin-

co dias lhe tornou além do *principal,* duzentos e cincoenta. Queixou-se o Pantoja de que lhe désse ganancias.

AFOGAR

Um individuo desgostoso da vida amarrou uma corda ao galho de uma arvore, fez um baraço na outra extremidade, enfiou o pescoço e morreu afogado. Neste caso, dirá o leitor, a arvore estava junto de um rio, a corda arrebentou e o tal individuo cahiu e, arrastado pelas aguas, morreu asphyxiado.

Othello, no auge do ciume, afogou a Desdemona. E' de todo em todo inexacto, protestará o mesmo leitor. Tal cousa só dirá quem nunca leu nem viu representar a tragedia. O mouro de Veneza matou a esposa, porém na cama, suffocando-a debaixo dos travesseiros.

Por aqui se vê a inapplicabilidade do verbo *afogar,* que ao presente significa produzir a morte por asphyxia dentro d'agua ou outro qualquer liquido. Tambem se pode morrer afogado — por hyperbole, já se vê — em rios de sangue.

Mas este vocabulo já teve sentido mais lato. Os que viveram dous seculos atraz usariam do verbo *afogar,* como nós o fizemos, para explicar a morte de Desdemona, para expôr a consequencia natural de quem se dependura de uma corda passada ao pescoço e para qualquer outro caso de asphyxia a secco. Temos, pois, aqui um exemplo caracteristico de restricção de sentido.

Da linguagem de outrora apontarei estes passos:

Caminhando o pai e mãy de Sansão por hũa estrada deserta de bosques, adiantou-se o filho... e sahindo-lhe ao encontro hum leão... arremetteu a elle o valente moço, sem mais armas que as proprias mãos, e *afogando-o* entre ellas, o lançou morto no bosque (Vieira, Serm. 5,173).

Foi tal a sua desesperação que, atando a banda ao pescoço, e a hũa trave, se *afogou* a si mesmo (ib. 5,442).

Reduzindo a dinheiro hũ grande patrimonio que possuia, o lançou no mar, dizendo: Melhor he que eu te *afogue* do que tu me percas (ib. 5, 469).

He maravilha como a mesma dor colerica que o fazia raivar, lhe não désse hum nó na garganta e o *afogasse* (ib. 5,528).

Foi o estrangeirismo *suffocar,* e não o eruditismo modernissimo *asphyxiar,* que veio substituir o antigo verbo na função de exprimir o afogamento a secco. Chamo estrangeirismo a *suffocar,* porque não me parece provavel que o portuguez o fosse buscar directamente ao latim quando já existia o termo em castelhano e quando o italiano offerecia *soffocare* com a mesmissima accepção que veio a ter em portuguez.

Desafogar, tirado de *afogar,* não é, semanticamente falando, o negativo deste verbo. Nada tem que ver com a idéa de impedir a extinção da vida dentro dagua por impossibilidade de respirar. Significa desopprimir, desabafar, desapertar etc., em secco. Reteve portanto a accepção que o termo derivante perdeu.

Esta mesma accepção de oppressão, abafo, aperto etc., perdura ainda em certos dizeres, como *voz afogada, vestido afogado*.

COUCE

O termo *couce,* tomado na accepção de pancada com o pé, é um exemplo interessante de restricção de sentido. No falar de hoje, entende-se que a pancada é sempre dirigida para traz. E' acto proprio de animaes.

Ora a leitura de textos de outros tempos, ou que a estes se referem, nos revela que tambem o homem dava couces, naturalmnte não como o burro e o cavallo. No Monge de Cister (1,241), uma das personagens dá esta ordem: Ajuda a sahir aquelle varrão com dous *couces* nas pousadeiras. Isto não era para ser cumprido segundo o estilo dos solipedes. Lourenço Braz, o executor, além da probabilidade de errar o alvo, correria ainda o risco de tombar para diante com grave prejuizo da inteireza do nariz.

Herculano teve o cuidado de, logo em seguida, tirar de embaraços a intelligencia do leitor moderno: O bésteiro não era homem que fizesse repetir duas vezes a mesma ordem... Ergueu-se e dirigiu-se para o licenciado. Felizmente este atinara, emfim, com a sahida, e Lourenço Braz teve de segurar-se com ambas as mãos a uma das hombreiras, porque, ao despedir um pontapé para o corredor escuro, onde desapparecera o designado padecente, feriu em vão no

ar e, faltando-lhe a resistencia das nadegas municipaes ao impulso da perna, sem aquella precaução ficaria infallivelmente estatelado.

A linguagem antiga desconhecia o termo *pontapé* e em seu lugar empregava sempre *couce*: Logo o derribaram no chão, carregando sobre elle a *couces* (Th. Jes. 2,31); achando-o ainda vivo no meio dos tormentos com os mesmos garrotes com que o afogaram [= suffocaram] lhe deram mui grandes pancadas na cabeça e muitos *couces* na barriga (Mend. Jorn. d'Afr. 2, 125).

Couce significava a pancada com o pé dirigida em qualquer sentido; porém o que era dado para diante com a ponta do pé deu origem ao *pontapé*, termo expressivo applicado modernamente ao caso especial, com o que a significação de *couce* ficou limitada aos golpes executados com o pé na direcção opposta. Esta habilidade não é propria do homem.

CONVITE

Convite é a acção de convidar e passaria por derivado do verbo se não fosse a circumstancia de terminar o thema em dental surda em lugar de dental sonora, segundo pede a derivação regular. Na realidade, *convite* filia-se ao italiano *convito* e já se usou com a significação que ainda conserva nesta lingua, isto é, de "banquete":

Fez descarregar o embaixador e portuguezes, e no campo lhe deo outro *convite* de provisões que tra-

zia comsigo, e acabado, se despedio de nós com grande cortezia e se tornou a sua casa (Itin. 27);

Em esta cidade fez o governador della ao embaixador hum solemne *convite* á sua maneira, que por ser estranho contarei. Começão logo pela manhã a beber... (ib. 18);

Em este tempo estivemos alguns dias sem o embaixador fallar ao Sufi, nem a seus governadores, pela occupação que tinhão em ordenar hum grande *convite* que o Sufi mandou dar geralmente a todos os grandes e pequenos de seus reynos (id. 34);

E desta maneira se fez o *convite*. Ao embaixador mandou que com alguns portuguezes... se assentassem defronte dos paços (ib. 35);

Tem para estes *convites* formosas garrafas de prata e de ouro, e nellas encastoadas muitas turquezas e rubis por maravilhosa ordem (ib. 18).

E' muito de notar que a par destes exemplos em que *convite* significa sempre "banquete" occorrem no mesmo livro, dous vocabulos tirados directamente de *convidar*, por onde se vê que este verbo se empregava com o mesmo sentido que hoje tem:

Quando entra um *convidado* em casa do *convidador*, lhe manda estender hũa fota de seda ou outro panno rico (ib. 18).

A antiga accepção conservou o vocabulo *convite* ainda no seculo XVIII, segunda se vê nestes passos de Bernardes, Nova Floresta:

Não poucas vezes na curia romana, por esperarem maior bocado, ficam em jejum. E tanto que o

convite se acabou (porque nas cousas do mundo não pode haver constancia), logo tambem as sombras desapparecem (1, 313);

Nos *convites* antigos era estilo ir passando de mão em mão á roda de todos os convidados um florido ramo de murta, symbolo da alegria (1, 37).

Deve interpretar-se do mesmo modo o termo empregado por Vieira no sermão a que serviu de thema a parabola dos primeiros assentos e dos convidados:

Porque virá (diz) o dono da casa e do *convite,* e se nos vir no ultimo lugar, dirvos-á... Amigo, subi para cima (Vieira, Serm. 5, 226);

Este dono da casa e do *convite* no fim da parabola he Deus (ib.).

E' claro que é dono de cousa concreta, quer dizer, do banquete. Duvidoso parece, á primeira vista, o sentido do termo no seguinte trecho a principio, mas vem logo repetido o vocabulo e desta vez entende-se bem que *convite* significa banquete, festim. Aceitar um convite equivalia a aceitar o banquete que se offerecia, e não, como hoje entendemos, annuir ao acto de convidar:

Diz pois o Evangelista S. Lucas que convidando hum principe dos Fariseus, isto he, hum prelado daquelles Religiosos a Christo Redemptor nosso, para que quizesse honrar a sua mesa em hum dia de festa, que era sabbado, acceitou o benignissimo Senhor o *convite.* Acceitou, posto que não faltava quem murmurasse o acceitar. Parecia-lhe aos murmuradores que semelhantes *convites* eram menos conformes á

austeridade da vida e á authoridade e profissão de hum Mestre descido do Ceu (Vieira, Serm. 5, 192).

O mesmo assunto da parabola foi tratado por D. Duarte, Leal Conselh. 281, e aqui transcrevo o trecho que nos importa em orthographia accessivel ao leitor, e desde já explico que *com de cabo,* significava com retribuição, com repetição:

Quando fizeres jantar ou ceia não queiras chamar os teus amigos, nem os teus irmãos... nem os ricos, por que por ventura elles com de cabo de hajam de convidar, e será a ti feita paga comprida; mas quando fizeres *convite,* chama os pobres, fracos, mancos, cegos, e bem aventurado serás porque estes não têm onde te hajam de pagar.

POLICIA

A' linguagem quinhentista eram familiares os termos *policia* e *politico;* tinham porém applicação muito diversa da que lhe damos actualmente. Não se operou aqui, como á primeira vista se poderia suppor, nenhuma alteração semantica; pois as ditas expressões, substituidas mais tarde por outras, desappareceram. Foram porém os termos novamente introduzidos para outros effeitos em tempos modernos, graças ao trato intellectual com a França e a Inglaterra.

Politico dizia outrora o mesmo que hoje o termo *civilisado;* e *policia* significava civilisação, progresso, estado adiantado, tratamento fino, etc. O qualificativo *politico* era geralmente usado como contrario de *barbaro*:

Com as quaes commutações, os reynos que suas amizades acceptarem, de barbaros eram feytos *politicos*, de fracos poderosos, e ricos de pobres, tudo á custa dos trabalhos e industria dos Portuguezes (Barros 1, 4,9);

Vio ser gente nobre, *politica*, douta em todo genero de sciencia (ib. 3, 2,8);

Podiam constituir grandes reynos e principados; a maior parte dos quaes he do povo gentio, de que aquella terra do Oriente he a madre a mais *politica* delle, porque a do ponente habitada de gentio he a mais barbara de todolos barbaros (ib. 3, 2, 5).

Policia se dizia tanto do estado adiantado de um povo, comparado com a barbarie de outros, como tambem do progresso manifestado nos edificios e nos productos e utensilios. Neste ultimo caso podia usar-se da palavra no plural:

Va ver-lhe a frota, as armas e a maneira do fundido metal que tudo rende, e folgarás de veres a *policia* portugueza na paz e na milicia (Cam. Lus. 7, 72);

Na villa Tor ha mais alguma *policia* assi nos edificios como no modo do tratamento das pessoas (Barros, Dec. 2, 8, 1);

Com este requerimento mandou a elrey hum presente de marfim e pannos de palma por em sua terra não haver outras *policias* (ib. 1, 3, 3);

He nação tão bruta, que muitos dos vizinhos, sendo negros de cabello torcido, tem mais *policia* na mecanica das cousas do que elles tem (ib. 3, 4, 2).

A accepção de tratamento fino das pessoas, maneiras proprias de gente melhor educada, se apura de exemplos como os seguintes:

De bruteza e preguiça padecem andarem vestidos geralmente de pelle por cortir; e quem as traz cortidas he huma grande *policia* (Barros, Dec. 3, 4, 2);

Quem mal governa sua pessoa e casa não se deve esperar delle que governe bem as alheias, que he já huma *policia* que requer grandes partes em hum homem (ib. 3, 1, 10).

Nem os quinhentistas nem ainda os seiscentistas conheciam as expressões hoje internacionaes *civilisação* e *civilisado*. Nasceram, ao que parece, em França, sendo de 1771 o mais antigo exemplo que se conhece de *civilisation*. D'ahi se irradiou o uso dos dous vocabulos para as demais partes da Europa. A sua adopção em Portugal a par de *progresso, adiantamento, adiantado,* no sentido translato, e outros dizeres muito conformes ao gosto moderno, tornou inusitados e de todo esquecidos aquelles dous outros vocabulos de que para exprimir conceitos identicos ou semelhantes se servia a linguagem de outrora.

Policia designa hoje a força publica que mantem as leis, a ordem, a segurança. E' denominação importada de França. O uso intenso, ahi e em Inglaterra, de um termo filiado ao latim *politicus* para cousas referentes ao governo do Estado, deu modernamente tambem lugar á entrada de *politico, politica,* para o mesmo effeito, em lingua portugueza.

INTERESSAR, POR AMOR DE, PÔR FREIO

O uso quasi quotidiano do verbo *interessar*, corrente na linguagem falada como na escripta, é proprio do portuguez hodierno. Applicamol-o quando alguma cousa satisfaz aos interesses de alguem, ou lhe é de utilidade e proveito, ou lhe desperta a curiosidade. Chegamos até a empregal-o, não sem pedantismo, para significar que um ferimento ou enfermidade attinge algum orgão ou ponto do corpo humano.

Nas obras que nos legou o passado até o seculo XVIII encontramos frequentemente o vocabulo *interesse*, bem como os participios-adjectivos *interessado* e *interessante*. Mas construir uma frase com as demais formas do verbo *interessar* é cousa que os escriptores evitavam. Digo evitavam, pois da existencia das mesmas, pelo menos já em principios do seculo XVII, dá testemunho este passo de Fr. Luis de Sousa (Chr. de S. Dom. 1,158): por pacificar desavenças alheias em que nada *interessava* nem perdia, folgou de perder a fazenda propria.

Innumeras vezes encontramos a idéa que por este verbo se expressa, tanto em Frei Luis de Sousa como em outros escriptores. Mas recorre-se em geral a outra linguagem como *importar a alguem, ser util, aproveitar*, etc., parecendo subsistir qualquer motivo para não se fazer uso do verbo *interessar*.

No falar corrente de hoje o nome da pessoa interessada é objecto do verbo; no exemplo que acabamos de citar faz papel de sujeito. Esta curiosa maneira de exprimir, equivalente a ter alguem interesse

em alguma cousa, reapparece em Herculano: eu lhes faria ouvir da boca de um dos procuradores as revelações *em que* tanto *interessavam* (M. de Cister, 1,193); as demandas eram intentadas, pelos que *nisso interessavam,* na instancia superior (ib. 1,228); o povo *interessava em* que o poder desta vigorasse...; o rei *interessava em* que os conselhos fossem poderosos e livres (ib. 2,77); christãos novos *em* cuja conservação no reino o estado altamente *interessava* (Inq. 2,36).

No mesmo Herculano topamos, a par dos exemplos deste genero, outros conformes com o uso actual: a conversação, que parecia *interessar-lhes* vivamente, de ninguem foi ouvida (M. de Cister 1,252); ponto que particularmente *lhe interessava* (Inq. 3,291); cousas que em Portugal podiam *interessar* aos seus clientes (ib. 2,78).

Outro modo de empregar o verbo é a forma passiva: não só a consciencia delle impetrante, mas tambem a do pontifice *eram interessadas* em que a fé se conservasse em toda a sua integridade e pureza (Herc. Inq. 1,174).

O uso, hoje tão generalisado do verbo *interessar,* é um exemplo de expansão verificada ao cabo de certo tempo. O termo, a principio quasi desconhecido ou empregado com muita timidez, anda por fim na boca de todo o mundo. Dá-se tambem o phenomeno contrario, o do retrahimento e final desuso de certos vocabulos e modos de exprimir. Neste caso está *por amor de,* que com o valor de "por causa de" desappareceu da linguagem culta e hoje se emprega res-

tituindo a *amor* o sentido proprio (*por amor de Deus*, etc.).

Tão prontamente suggeria nesta locução o substantivo a idéa de causa, pura e simplesmente, que, a projectarmos novamente o conceito primitivo, muitas proposições exaradas para fundamentar acções e factos, se trocariam em verdadeiros disparates. Faça-se a experiencia com os seguintes:

Nunca lhe os Portuguezes puderam contrariar *por amor das* muytas frechadas e espingardadas que lhes os inimigos tiravam (Castanh. 1,75);

Partio-se Duarte Pacheco para as caravelas sem querer falar ao principe de Cochim *por amor da* treyção que lhe fizeram os seus Naires (ib. 476);

Sem os nossos o sentirem *por amor da* tormenta que fazia (ib. 3,17).

O que elle dissimulou *por amor dos* marinheiros, que realmente cuidavam que iam pera Melinde (Couto, Dec. 5,1,2).

E assim caminhavam vinte e cinco leguas por dia, dormindo em sima das camelas, onde tambem comiam, sem se descerem, *por amor das* alimarias bravas e feras (ib. 4, 5, 7).

Assi lho disse o homem em voz alta sem o verem *por amor do* grande escuro que fazia (Castanh. 7,78).

Muy gordo, *por de amor* do pasto *ser* muito, e grunhindo *por amor do* golpe *estar* proximo (Bern. N. Flor. 1,428).

E se não deixava feytor em Calecut... fora por recear que o matassem os mouros, *por amor de* que não fora muytas vezes a terra (Castanh. 1,25).

Nos Sermões bem como nas cartas do padre Vieira existem numerosos exemplos de *por amor de*. Em nenhum delles porém se verifica a alteração semantica do vocabulo *amor*. Repugnava a Vieira conformar-se com o costume antigo e que ainda vogava, pois disso dá testemunho o autor da Nova Floresta.

No falar do povo perdura ainda hoje a expressão, em Portugal sob a forma *pro mor de*, no Brasil (Ceará e outros lugares), reduzido a *pro mó de e móde*.

Por todo o tempo em que uma expressão se usa com sentido muito especialisado, fica esquecida a significação primitiva, e assim é que antigamente podia uma pessoa dizer que punha tranca á porta por amor dos ladrões. O ouvinte entendia "por causa de" e nada mais. Hoje porem que a linguagem culta toma a expressão ao pé da letra, essa maneira de falar necessariamente ha de causar reparo. Está no mesmo caso aquelle passo dos Lusiadas em que o Gama revela ao rei de Melinde que lhe custa pôr o freio nos olhos sempre que se lembra da partida de Lisboa:

> Certifico-te, oh rei, que se contemplo
> Como fui dessas praias apartado,
> Cheio dentro de duvida e receio,
> Que apenas *nos meus olhos ponho o freio*.

Hoje diriamos "contenho as lagrimas" ou "sofreio, refreio" [disfarce de "pôr freio"] as lagrimas. Não foi nenhuma invenção de Camões, pois a expressão *pôr freio* occorre em outros escriptores daquelle tempo e usada em condições analogas.

De freio para redeas a distancia não é comprida. E assim podia Heitor Pinto (1,25) escrever: soltou as *redeas* á boca, e Gabriel de Castro (Ulyss. 2,4): soltando *as redeas* ás naus. Tornou-se até uma frase feita a locução *á redea solta*: aquella pobre mulher corria tanto *á redea solta* pela estrada da perdição (Vieira, Serm. 9,269); então se começou a entregar a todo vicio *á redea solta* (Sousa, S. Dom. 85).

Estar na mão de alguem depois que passou a significar "depender alguma cousa de alguem" permittiu exprimirem-se pensamentos que, tomados ao pé da letra, nada ficam devendo a *pôr freio nos olhos*: *Que estivesse em sua mão* dizer que era o Messias (Vieira, Serm. 5,93); a morte e a vida *estão nas mãos* da lingua (Prov. 18, H. Pinto 1,312).

FORTUNA

A accepção em que hoje mais se usa o termo *fortuna* é a de riqueza de alguem, e riqueza mais que sufficiente para a pessoa adquirir todas as commodidades da vida. Póde a fortuna consistir em bens de diversa especie, como propriedade territorial, predios, empresas industriaes, etc., mas entende-se geralmente que o possuir fortuna equivale a possuir avultada somma de dinheiro ou valores que produzam renda consideravel.

Na literatura até o seculo XVIII o vocabulo foi sempre usado com sentido differente. O falar de hoje ainda o emprega, porém com menos frequencia. Prefere, em casos analogos, recorrer ao termo *sorte* [boa

ou má, prospera ou adversa]: *Henry Ford não possuiria* FORTUNA *tão colossal se a* SORTE *o não ajudasse*.

Casos de deslocação semantica occorrem em quaesquer idiomas e embaraçam o raciocinio dos que julgam que as formulas do passado hão de presidir sempre ao falar correcto do presente e do futuro. Não é, pois, de admirar que em Portugal se lembrasse alguem de chamar ao vocabulo *fortuna,* usado como synonymo de riqueza, gallicismo "evidente e inutil", ignorando por certo que Alexandre Herculano, para cuja autoridade tantas vezes se appella, não achou tão inutil assim o evidente gallicismo:

Lidam, cheios de fome e de frio, cobertos de farrapos e vermes, para accumularem aos pés de bem poucos homens as *fortunas* incalculaveis e quasi fabulosas que alimentam o luxo desenfreado de Londres, da Roma, ou antes da Babilonia moderna (Herc. Lend. e Narr. 2,198);

Para aquelles cuja *fortuna* consistia em propriedade territorial tornava-se impossivel tal empenho (Hist. da Inq. 1,275); affirmava que não queria augmentar a propria *fortuna,* e que duas netas que tinha as casaria, não com membros de familias reaes, mas sim com individuos iguaes a ellas em condição (ib. 2,75); o unico meio seguro era pôrem em salvo as vidas e as *fortunas,* convertendo os seus bens em dinheiro ou em mercadorias (ib. 1,130); os muitos cujas *fortunas* tinham de ficar minguadas ou perdidas naquella subita expulsão achariam soccorro numa classe poderosa da população portugueza (ib. 1,109).

Sem embargo destes e outros exemplos de escriptor tão acatado, indaguemos se o idioma possue realmente outra expressão de sentido identico que torne dispensavel o emprego do vocabulo *fortuna* referido a riqueza.

Salvaria a pureza da linguagem — assim entende o descobridor da "inutilidade" do gallicismo — primeiro que tudo a expressão *muitos haveres*. De sorte que esta affirmativa que anda de boca em boca *Henry Ford possue uma fortuna de varios billiões*, affirmativa simples, clara, elegante, ficaria emendada e substituida por est'outra cousa pesadona e confusa: *Henry Ford possue muitos haveres de varios billiões*.

Ha erro na identificação dos dous conceitos, pois a noção de bens ou haveres está para a de fortuna assim como em uma addição as parcellas estão para a somma ou total. Bens ou haveres discriminam-se; e quando não se discriminem, a expressão suggere em todo o caso no ouvinte a vontade de saber em que taes bens consistem. Fortuna é para qualquer bom entendedor uma somma vultuosa de dinheiro ou cousa de valor que tal somma represente. Da fortuna queremos saber o quanto, dos bens as especies.

Nem é a multiplicidade de haveres o que necessariamente constitue a fortuna. A's vezes são muitos, e entretanto pouco productivos e de valor insignificante. Uma só cousa pode ser o bastante. Imaginemos o caso de um avarento que viveu como mendigo e consumiu a existencia em só accumular dinheiro. Morre, e descobre-se que juntara uns cem contos de réis em moeda corrente. Outros bens não possuia.

Deixa este Harpagon uma fortuna que não consiste em muitos haveres.

Outro remedio proposto para manter o vernaculo seria substituir o gallicismo por *opulencia* ou *riqueza*. A ser assim, não sei eu quem esteja disposto a servir-se de cousa tão insossa e rebuscada como isto: *Ford possue uma opulencia ou riqueza de varios billiões; Fernando deitou fora a sua opulencia no jogo.*

Confundem-se ahi conceitos abstractos de applicação muito lata com um conceito concreto de significação definida. O avarento de que falámos prova bem que um individuo pode ser possuidor de fortuna e entretanto viver, não na opulencia, porém na mais triste miseria. Diz-se, por outra parte, riqueza de um solo, de um vestuario, de um templo, mas não, com o mesmo intuito, fortuna do solo, do templo do vestuario.

Li algures que o termo *cabedal* se podia muito bem usar em lugar *de fortuna*. Ora *cabedal* se empregava principalmente como synonymo do hodierno *capital* referindo-se a valores applicados em empresas, com os quaes estas podem desenvolver-se e prosperar.

Só segundariamente se applicava aos valores que constituem a riqueza de um individuo e lhe facultam as commodidades da existencia. Com a accepção do nosso capital vem o termo empregado nos seguintes exemplos extrahidos das Cartas de Antonio Vieira:

Por outra via tive noticia que o mesmo francez fazia uma poderosa companhia para a India Oriental, em que o rei entrava com quatro milhões e fazia notaveis partidos a todos os que mettessem nella seus *ca-*

bedaes (2,62); a Companhia do Commercio do Brasil, que restaurou Pernambuco e Angola, e deu *cabedal* ao reino para se defender (2,289); as naus que agora partiram vão descarregadas, por não haver quem embarque para a India, e a razão de não embarcarem os poucos mercadores que ha é porque têm lá os seus *cabedaes* detidos por falta de drogas em que se empreguem (2,436); todos conhecem os meios com que só podemos ter *cabedaes* para esta empresa (2,445).

Tem este vocabulo *cabedal* um historico interessante. Filia-se ao adjectivo latino *capitalis*. Usou-se como adjectivo (rios *cabedaes*) e, até principios do seculo XVIII, tambem como substantivo. Por essa epoca, ou talvez antes, penetrava no idioma, por via franceza, *capital*, substantivo masculino, que veio denotar a mesma cousa. O termo intruso supplantou a forma popular portugueza, de feição que esta, empregada de quando em quando pela gente letrada de hoje, dá ao vulgo a impressão de um vocabulo proprio da alta esphera de cultura intellectual. Falta agora assentar aqui a alavanca removedora dos francezismos a ver se ha mais sorte em desarraigar o *capital* do que em abalar a *fortuna*.

E este labor ingrato poderia estender-se tambem ao nome feminino *a capital*, designativo da principal cidade de um paiz. E' outro gallicismo. João de Barros, Camões e Vieira empregavam para o mesmo effeito o termo *cabeça*.

Era com o vocabulo *fazenda*, e não com *opulencia*, *cabedal*, etc., que na linguagem antiga se exprimia o conjunto dos bens de alguem. Mas a fazenda

tanto podia ser consideravel e valiosa, e coincidir com o nosso conceito de fortuna, como singularisar-se pela escassez e insignificancia:

E sendo a tal *fazenda,* que assi a dita mãy soceder do dito filho, em bens moveis ou dinheiro, será a dita mãy obrigada dar fiança (Orden. D. Man. 4,75); perca toda sua *fazenda,* assi movel como de raiz (ib. 4,40); a terceira causa he se o donatario tratou negocio ou ordenou algũa cousa por que viesse grande perda e dano ao doador em sua *fazenda* (ib. 4,55); nom tendo o padre ninhuũs descendentes nem ascendentes legitimos, poderá em seu testamento deixar toda sua *fazenda* aos filhos naturaes se quiser (ib. 4,71).

Fazenda tambem se usou, e ainda se usa, com outras accepções:

Tomei huma nau, de que veio á vossa *fazenda* oitenta mil cruzados, e outra carregada de marfim e de outras *fazendas,* que montou quinze mil (Couto, Dec. 4,6,7).

Neste passo vem a palavra repetida com o sentido duplo, referindo-se num caso á *fazenda real* (conceito que ainda perdura em *fazenda nacional, ministro da fazenda*), emquanto no segundo é synonymo de *mercadorias.*

Em se tratando de bens de qualquer individuo, *fazenda* hoje em dia já não se presta a designar o conjunto. Adquiriu um sentido novo, o de propriedade rural extensa, mórmente (aqui no Brasil) sendo

esta aproveitada para o cultivo do café. No Sul, dizem fazenda de gado.

Até o começo do seculo passado era *fazenda* o termo que servia para exprimir o conceito de fortuna, segundo a definição que acima demos. Exprimia-o precariamente. Vocabulo que denotasse a idéa com toda a precisão e sem os inconvenientes da polysemia, não era cousa existente em lingua portugueza. Veio preencher a lacuna o indispensavel, o utilissimo gallicismo. E deste beneficio tirou proveito Herculano, com que naturalmente não se tornou menos modelar a sua linguagem.

Ao que aqui fica exposto se fará por ventura este reparo: E' possivel haver conceitos para os quaes faltem em um idioma denominações apropriadas? Em resposta, bastaria lembrar a noção de saudade, um sentimento universal que não encontra expressão propria nem em francez, nem em inglez nem em infinitas outras linguas. Accrescento porém as idéas que a humanidade possue desde tempos immemoriaes e que exprimimos com as palavras *qualidade* e *quantidade*. Era de suppôr que estas denominações tambem fossem bem antigas. Pois bem; o latim passou muito tempo sem os dous vocabulos, até que Cicero, á imitação de Aristoteles em grego, se lembrou de crear de um pronome o substantivo *qualitas*. *Quantitas*, derivado de *quantum*, é de data mais recente.

A necessidade de assignalar com uma denominação especial as grandes riquezas individuaes não se sentia tanto outrora como nos tempos modernos. Não havia industrias nem empresas como as de hoje, nem

ainda liberdade para poder qualquer ambicioso fazer os negocios que entendesse afim de accumular fortuna.

Aos cavalleiros e fidalgos, dotados de meios e talvez de intelligencia, a legislação vedava expressamente que comprassem cousa alguma para revender ou que se "antremettessem de acto de mercadoria". Era uma ignominia para sua dignidade e estado militar o fazerem negocios.

Entre os antigos Romanos o appellativo *fortuna* significava o destino, a casualidade, a sorte (prospera ou adversa), usando-se tambem no plural para denotar as condições da sorte, o destino [*fortunas suas laudare ou queri*]. Servia para exprimir a situação, o estado de uma pessoa. Por metonymia veio a designar tambem os bens da fortuna, os haveres. E em Roma não se punham impedimentos á acquisição e accumulação de bens. Desta liberdade gosava não só a aristocracia, mas ainda os individuos de condição baixa. Barbeiros, bucinadores, sapateiros e até escravos chegavam por vezes a tal situação de riqueza que faziam deslumbrante ostentação de seus recursos.

Na idade em que vivemos nós outros, idade de fabricas e machinas, de ambições e vaidades, em que muitos possuem e muitissimos apparentam possuir, faltava-nos uma expressão adequada para denotar em conjunto os haveres que proporcionam o bem-estar. Recorreu-se novamente a *fortuna*, usado por metonymia. Foi uma idéa genial, e se a idéa teve por berço França, e não Portugal, não é isto razão bastante para ser desprezada e privar-se de uma joia o thesouro da lingua portugueza.

ACQUISIÇÕES NOVAS — ESTRANGEIRISMOS

Michel Bréal, ao escrever o capitulo sobre acquisições, quiz mostrar o erro daquelles linguistas que tratavam da evolução grammatical como se a linguagem padecesse continuamente perdas sem compensação alguma. "A historia das perdas tem sido feita muitas vezes; a das acquisições está por fazer. Vamos enumerar algumas".

E faz o historico do infinitivo, do passivo, de certos suffixos adverbiaes, chegando á conclusão que nas proprias formas grammaticaes se encontram ganhos tardiamente obtidos pelas linguas indo-européas. Bréal destroe com estes argumentos a opinião erronea que ameaçava tornar-se geralmente aceita.

A denominação "acquisições novas" é, no emtanto, perfeitamente applicavel aos ganhos de outra especie. São acquisições as novas maneiras de dizer que se fixam no idioma e os termos que nelle se implantam tomados de lingua estrangeira. Occupemo-nos aqui de algumas destas acquisições vindas de fóra.

O enriquecimento trazido ao vocabulario pela lingua tupy tem sido objecto de estudo de illustres patricios nossos; a contribuição do arabe e das linguas asianas mereceu a attenção de notaveis pesquisadores lusitanos. Pouco se repara na influencia das linguas européas, exceptuando o francez, cujo effeito quasi sempre se tem por malefico, ao passo que com bom rosto, ou com indifferença, se vêem os demais estrangeirismos.

A attitude hostil, e não raro exagerada, contra os vocabulos que chegam por via franceza deve-se á reacção purista de alguns escriptores de fins do seculo XVIII e principios do seculo XIX, impressionados com o gosto que se vinha tomando pelo falar do civilisado povo d'além-Pyreneus. Termos francezes sem necessidade alguma se iam já substituindo a expressões usadas desde tempos immemoriaes.

Affare, dessert e outros dizeres do mesmo tomo seriam, me parece, antes do paladar da tafularia que do publico em geral; porém a moda passou, e passaria ainda quando não os expuzesse ao pelourinho a indignação purista.

Muitas das innovações ficaram; umas, a critica conseguiu que fossem evitadas por alguns escriptores, outras não soffreram abalo. Ninguem hoje perde tempo em prégar sermões para expurgar a lingua de *população, jornal, côrte,* etc.

Sentenças curiosas se lavraram sobre o emprego de certos vocabulos. Que quer dizer aquelle arrazoado de Fr. Francisco de S. Luiz a proposito do verbo *progredir?* "vocabulo trazido de novo á nossa lingua á

imitação dos francezes, que tambem o tomaram do latim *progredi*. Significa *continuar, ir por diante, fazer progresso, ir avante*. Não o julgamos de absoluta necessidade. Comtudo na Carta Régia de 7 de Março de 1810 já vem o termo *progredir*".

Quanto ao destino a dar ao vocabulo, falou como a sibylla de Cuma. Se o facto de *já* vir o termo *progredir* na Carta Régia é razão bastante para o tornar aceitavel, como parece indicar a adversativa "comtudo", então *tollitur questio.*

Que se deve entender por "francezes, que *tambem* o tomaram do latim *progredi?*"

Esta informação é, aliás, erronea. O que em francez ha é simplesmente *progresser,* tirado de *progrès.* Mas o portuguez não imitou o francez; não derivou de *progresso progressar;* foi directamente ao infinitivo latino, de que formou *progredir* por analogia de *seguir* do infinitivo *sequi.*

Nunca se negou ao nosso idioma o direito de recorrer á lingua-mãi; mas daquelle "tambem" referido a igual procedimento dos francezes, deprehende-se que toda a vez que elles fizeram o mesmo que nós fazemos, fica a atmosphera infeccionada e prejudicada a pureza do vocabulo que iamos ajuntar ao nosso vocabulario.

Sentencear não custa; mas para quem encara os phenomenos da linguagem como a sciencia pede, a questão dos gallicismos não consiste em julgar se são ou não são desnecessarios. Melhor juiz não pode haver do que a propria linguagem quando se apodera das novas expressões e dellas se utilisa a todo o instante,

e nunca mais as abandona, por muito que contra tal uso ou abuso brademem os zeladores da tradição antiga.

Ahi, será mister proprio de philologo fazer a anatomia das causas que determinam a resistencia. Não raro nos enganamos quando suppomos que certas palavras e frases portuguezas são capazes de exprimir rigorosamente aquillo que se enuncia pelo vocabulo de origem estrangeira. No caso de *progredir* — dado que se tratasse de gallicismo — a affirmação "significa *continuar*" aponta como um dos remedios cousa que não se levará muito a serio. Sobre as synonymias *ir por diante, fazer progresso,* etc., tem o verbo *progredir,* quando menos, a grande vantagem da concisão.

A linguistica, como hoje se estuda, é sciencia muito nova. O cardeal Saraiva e os demais puristas do seu tempo tinham idéas erroneas e confusas sobre a historia do idioma. Imaginavam que a lingua de Camões e Vieira fosse cousa perfeita, pura, inalteravel. Acreditavam que os classicos não introduziriam gallicismos na lingua em que escreviam. E eram, de facto, incapazes de o fazer; pois desconheciam em geral o francez; mas aceitavam sem discutir — para o que lhes faltava a competencia — os gallicismos e outros estrangeirismos que por ventura já eram correntes no idioma. Examinemos alguns casos.

CHEFE

Não punha o portuguez antigo serios obstaculos á adopção de gallicismos, uma vez que a occasião se

offerecesse. Havia no idioma o termo *cabeça* e podia-se muito bem dizer *cabeça de linhagem;* porém adoptou-se em nobiliarchia a expressão *chefe de linhagem* por mera imitação do francez em que o termo *chef,* do latim *caput,* era usado com a significação de "cabeça". Vem a expressão consagrada nas Ordenações do Reino:

Item o *chefe* da linhagem será obriguado trazer as armas dereitas, sem diferença, nem mestura d'outras ninhũas armas. E sendo *chefe* de mais de hũa linhagem será obriguado trazer as armas de todos aquelles de que for *chefe,* dereitas, e sem mestura em seus quarteis (Ord. D. Man. 2,37).

Em heraldica entrou o mesmo gallicismo para significar a parte superior do escudo de armas.

Tomou por armas huma cruz branca de prata florida em campo vermelho, e o *chefe* do escudo azul, e em cada canto do *chefe* duas vieiras d'ouro (Barros, Dec. 1,3,10).

A circumstancia de ser a nobreza, isto é, a classe mais culta, quem admittiu o francezismo sem fazer caso do termo vernaculo usado para tantos effeitos, indica que os homens d'antanho ainda estavam livres dessa preoccupação de pureza de linguagem e horror ao gallicismo que rouba o socego a muitos homens de hoje e lhes faz projectar esse mesmo zelo no passado.

Rareiam, é certo, os gallicismos tanto naquella epoca como em tempos posteriores até o seculo XVIII. E seria grande maravilha se assim não fosse; pois as communicações com a França eram muito menos no-

torias que as dos tempos modernos, e a lingua franceza era geralmente desconhecida em Portugal.

Com as instituições antigas cahiu em esquecimento o termo *chefe*. Modernamente porém imitou-se de novo o francez nos dizeres *chefe de familia, chefe de estado, chefe de repartição,* e outros semelhantes, e desta vez com motivo mais justo; pois não se podia recorrer á palavra *cabeça,* que no feminino tem hoje sentido muito material, e no masculino desperta antes a idéa de individuo que dirige a desordem, a rebellião.

DESARRANJO

Bem implantado e florescente está no idioma *arranjar,* de que por derivação regressiva se tirou *arranjo*. Com raizes não menos profundas vicejam os derivados *desarranjar* e *desarranjo*. O gallicismo é evidente. Só o francez dispunha do termo derivante *rang,* fileira, ordem, que lhe permittiu formar os verbos *ranger* e *arranger,* sendo este ultimo usado já no seculo XII. Em que epoca teria vindo a Portugal?

A' primeira vista, parece tratar-se de um gallicismo de introducção muito moderna. Basta deixar a linguagem actual e transpôr o campo das producções literarias de tres ou quatro gerações atraz, para dar logo pela falta do vocabulo *arranjar* e derivados. Os respectivos conceitos topam-se a miudo, porém expressos por outros dizeres, como *pôr em ordem, ordenar, ordem,* etc., e os contrarios *pôr em desordem,* etc.

Levada a pesquisa a eras mais remotas, apparecem estas surpresas nas Decadas de Diogo de Couto: Chègando á entrada da cidade, porque não acontecesse algum *desarranjo,* fez alto com a bandeira de Christo (Dec. 4, 6, 9); os Portuguezes tiveram a culpa daquelle *desarranjo* (4, 7, 7); E sempre acontecera hum grande *desarranjo,* se elles não trouxeram tanto o tento nos seus, acudindo-lhes nas mores affrontas e necessidades, fazendo-os ter, e apresentando-se elles com os fidalgos de sua companhia ao encontro dos inimigos (6, 4, 2).

Estes exemplos trazem-nos uma revelação de importancia. *Desarranjo* presuppõe o uso de *desarranjar,* e este verbo negativo por sua vez o uso lato de *arranjar.* Logo, a francezia andaria na boca de todo o mundo bem antes de 1602 [anno da publicação da Decada quarta de Couto], sem o que não se explica *desarranjo,* como derivado final; e daqui concluimos que a introducção do gallicismo que suppunhamos de pouco tempo, remonta a centenas de annos atraz.

Levando a pesquisa mais longe, verificamos que já um seculo antes de Diogo do Couto escrever as Decadas, andavam os termos *desarranjo, desarranjar* no dominio da linguagem popular: "Que te parece esta dama que me faz tal *desarranjo?*" (G. Vic. 2,63); "Hum doutor daquella idade andar tão *desarranjado* (Ib., 2, 161).

Porque então deixaram tantos escriptores de empregar qualquer dos quatro vocabulos nas muitas opportunidades que se lhes offereciam? Não foi de certo por terem horror á procedencia estrangeira, cousa que

não lhes despertava zelos e que, no caso vertente, a ignorancia etymologica desses tempos não lhes faria sequer suspeitar.

Uma superstição, sim, porém de outro genero, podia dar motivo a que se evitassem em linguagem escripta expressões communissimas e de uso frequente em linguagem falada. Era o receio de sahir da trilha aberta por autor mais antigo, podendo este *tabú* dominar o espirito de muitos escriptores ou sómente de alguns. Ha varios desses casos. Aponto aqui um bastante typico que dará ao leitor idéa do que se passaria com tantos outros. Quando nos referimos a algum facto já exposto em obra de outro autor, dizemos hoje em dia: Isto acha-se, ou encontra-se, ou foi tratado, ou, simplesmente está em tal ou tal autor. Pois bem: em vez de qualquer destas expressões verbaes pedia a tradição literaria de outrora se escrevesse *andar*: *anda escripto, anda impresso* em tal ou tal livro. Começou alguem a servir-se desta linguagem e de então em diante pareceu a muitos ousadia extrema o emprego de outro verbo, embora o idioma usual offerecesse bastantes maneiras de exprimir.

Passou a ser linguagem supersticiosa respeitada por varios autores. Ao sentir de hoje, soa ás vezes bastante curiosa e fora de proposito tal applicação do verbo *andar,* como nisto de Fr. Luis de Sousa, Chr. de S. Dom.: e com as mesmas palavras *anda* no livro dos obitos do mosteyro de S. Vicente de fóra (51); *anda* na livraria delle hum livro, etc. (74).

Por descuido, ou por descaso, podia um escriptor alguma vez faltar com o devido respeito ao *tabú*

e podiam os seus escriptos reflectir melhor o falar commum. Provavelmente foi o segundo motivo que levou alguns autores a servir-se de *desarranjo*, como vimos nos trechos apontados.

MONTAR, REMONTAR

De *monte* — tirou-se *montare*, vocabulo cujo emprego, feitas as devidas alterações phoneticas, se acha espalhado por diversos idiomas romanicos. Distinguimos dous verbos *montare* com accepções caracteristicas, e filiados differentemente ao conceito de monte.

Um destes verbos typicos permittiu tornarem-se correntes frases como: MONTAVA *aquelle cruzado e meio mais de oito de hoje* (Couto, Dec. 5, 1, 12); *tres naos de Meca... cujos quintos* MONTARAM *sessenta mil pardaos* (ib. 4, 1, 7), em que *montar* requer para complemento um nome precedido de quantitativo. O complemento objectivo ou objecto directo, como tambem lhe chamam, denota aqui somma ou producto, enunciando-se a um tempo a especie e quantidade das unidades. O verbo por sua vez significa, ou significava a principio, "produzir um monte, um accumulo de [tantas moedas]."

Este verbo *montar* usou-se tambem em sentido figurado, applicou-se a cousas abstractas. Hoje em dia prefeririamos soccorrer-nos de *importar*, *valer*: *Nom* MONTA *nada, disse elle, tragam-me a* [illegible] *se o hi ha* (F. Lopes, D. João, 267); *não* MONTAVA *mais ser geral que especial* (Castanh. 2, 95).

ques desta desunião nenhũa cousa valem, nenhũa cousa MONTAM, *nenhũa cousa pesam e as consequencias della* MONTAM *tudo, pesam tudo, e levam tudo* (Vieira, Serm. 7, 121).

E' curioso que com o verbo *montar* denotando "produzir um monte de...", se deva sempre entender, ou subentender, a quantidade ou o termo denotador da quantidade junto ao complemento. Pode-se dizer: *monta vinte, trinta mil libras,* ou, com quantitativo indefinido, *monta muito, pouco...*, mas não se diz: *monta libras, pardaos,* etc.

Com a mesma significação e empregado nas mesmas condições que em portuguez, apparece o derivado verbal de *monte* em outros dominios da Romania. Em italiano antigo: *Recato lo stajo de l'affito al drito stajo di Siena, e contiato VI estaja d'orço a trenta denari lo stajo, MONTA quindici soldi; e sei staji di spelda, contiato vinti denari lo stajo, MONTA sete soldi tra l'orço e la spelda* (apud Monaci, Crestom. Ital. dei primi secoli, pag. 39).

Tambem em francez antigo apparece *monter*. Da accepção concreta faltam-me exemplos por isso que não offerece opportunidade para seu emprego o caracter literario das obras em linguagem antiga existentes na minha bibliotheca. Seria preciso consultar textos mais adequados. Usou-se sem duvida o dito verbo; do contrario, seria impossivel o emprego, em sentido translato, do transitivo *monter* em exemplos analogos aos que acima apontámos quanto ao idioma portuguez: *Amis, fet il, savez que* MONTE *ceste chose que ci voez?* (Chr. de Troyes, Erec 5792); *Car diaus que*

l'an face de boche, ne MONTE *rien, s'au cuer n'atoche* (ib. 5832).

Na creação do verbo com o sentido concreto a que nos referimos, o conceito de monte como accidente geographico não influiu senão indirectamente. Vogava por esse tempo a mesma denominação applicada por metaphora ao accumulo de objectos sobrepostos uns aos outros. Metaphora felicissima, pois que a feição de taes accumulos suggere vivamente a imagem, ainda que em miniatura, do accidente geographico a que chamamos monte. Já em latim se dizia: *montes argenti, montes frumenti, mons nivium, mons aquarum*, etc. O que, porém, o latim classico não se atreveu a fazer foi derivar do referido nome o verbo *montare*. Derivou-o sem escrupulo o latim vulgar.

O outro verbo *montare*, desconhecido igualmente do latim classico, é aquelle de que se servem algumas linguas romanicas para designar a locomoção dos seres quando o movimento é executado na direcção de baixo para cima. Em portuguez definimos o acto simplesmente com o termo *subir*. O complemento deste verbo *montare* tem por officio denotar o lugar por onde ou para onde.

Merecia bem a attenção dos sabios o estudo da causa ou causas que levaram a Romania a repulsar o latim *ascendere* e servir-se de outros vocabulos para exprimir a mesma idéa. De tal modo se manifestou a insustentabilidade de *ascendere*, que foi preciso delimitar, especialisar e accommodar a significação de outros verbos ou, ainda, crear um verbo novo: *subire*,

nos dous extremos, Iberia e Dacia, *salire* em Dacia e Italia, *montare, monter* em Italia, Rhetoromania e França. *Ascendere* voltou, é certo, a ser admittido em certos casos, graças ao latim da Igreja e ao pedantismo dos eruditos. Nós, certamente, não traduziriamos *ascendere montem* senão por *subir ao monte,* apesar do *ascender ao céu* usado por alguns escriptores antigos.

Posto que se encontre não só na Gallo-Romania, mas ainda fóra desta região, o termo novo para significar a locomoção de baixo para cima, certo é que só em francez antigo e provençal antigo se colhem todos os elementos que nos permittem apurar com segurança a origem do verbo. E' possivel que, quanto a *montare* italiano e *muntar* rhetoromano, não se trate de parallelismo, e sim de importação da França.

Passemos agora a examinar o processo da creação do verbo á luz dos subsidios que nos fornece o francez antigo.

O intuito de designar em especial os conceitos de movimento montanha acima e montanha abaixo deu origem ás locuções adverbiaes *a mont* e *a val,* ou *contre mont* e *contre val.* Tornaram-se de uso frequentissimo graças á topographia do paiz e ás condições de vida dos habitantes. Admiraveis pela simplicidade de formação e clareza de sentido, não se limitaram, comtudo, a referir-se apenas á direcção para o alto da montanha ou para o fundo do valle. Passaram a applicar-se a quaesquer outros movimentos executados para cima ou para baixo, em que muitas vezes nem por sombra se cogitava de valle ou monte.

Dou aqui alguns exemplos, a que ajunto a traducção portugueza para que se tornem intelligiveis ao leitor não familiarisado com o francez antigo: *Des iaux li deçandent corant les lermes* CONTREVAL *la face* [Dos olhos lhe descem correndo lagrimas pela face abaixo] Chr. de Troyes, Erec 191; *son seignor* A MONT *et* A VAL *começa a regarder le cors bienfet e le vis cler* [seu senhor começou a olhar para cima e para baixo o corpo bem feito e o rosto resplandecente], ib. 2490; *ambes ses mains en levat* CONTRE MUNT [ambas as mãos levantou para cima] (Ch. de Roland, 419).

De *a val* e *a mont* derivaram-se os verbos *avaler, amonter, monter.* A forma *monter* occorre por toda a parte nos documentos de francez antigo. Da linguagem primitiva *amonter* mal se encontram vestigios: *François abessent, mais il son* AMONTE' [francezes baixam, mas elles se levantam], Alisc. 197, apud. Bartsch, Chrest.

Estes verbos podiam usar-se sós ou acompanhados de pleonasmos que lhes reforçavam a significação: *Des loges sont tuit* AVALE' [todos desceram dos caramancheis] Chr. de Troyes, Erec 1173; *qui li ont le pont* AVALE' [que lhe baixaram a ponte levadiça] Chr. de Troyes, Yvain 3787; *elle* AVALAT CONTRE VAL les *desgrez* [ella desceu os degraus abaixo] Ch. de Guill. 1280; *dunc* CONTRE MUNT MUNTAT *el les desgrez* [então subiu os degraus acima] (ib. 1363); *lors li a sa mein* AVALEE AVAL *les espaules derrier* [abaixou-lhe então a mão virando-a para traz e para baixo das espaduas] Trubert 1156-57.

Sorte bem desigual tiveram por fim os dois verbos. *Avaler,* que surgira para fazer concurrencia a *descendre, baisser, abaisser,* acabou por ser desbancado. O seu uso não perdurou até os nossos dias senão em alguns casos muito especiaes e particularmente no sentido de "fazer descer pela garganta", isto é "engulir". *Monter,* pelo contrario, reina soberano para denotar o conceito de "subir" em geral. No caso especial de "subir em cavallo ou mula", teve este verbo a dita de transpôr os Pyreneus e impôr o seu emprego ás linguas hespanhola e portugueza. E' um gallicismo vetusto e veneravel como o pó das garrafas de vinho antigo.

Já em Fernão Lopes, no seculo XV, vem consagrado o uso de *montar em* ou *a cavallo*: E *avemdo gram prazer com elle, deceosse do cavallo, e ajudouho a* MONTAR *em elle,* Chr. D. J., 175; *alguũs nom poderom* MONTAR *a cavallo,* ib. 179.

Da linguagem primitivamente usada em portuguez temos testemunho em *ex o teu rrey vem a ty...* SOBINTE *sobre asna* Corte Imp. 138; *deçiam de hũa cadeira* e SOBIAM *sobre dous cavallos grandes,* S. Graal 105; *depois* SOBIA *no asno e andava assim longo tempo atta que chegava a hũa fonte* (ib.).

Em S. Graal, livro de cavallaria escripto em epoca muito anterior ás chronicas de Fernão Lopes, frequentemente se allude ao acto de cavalgar e — facto bastante significativo — a expressão *subir em cavallo* nunca vem substituida por *montar.* Mais notorio ainda se torna o caso pela circumstancia de ter um romance

francez servido de modelo á versão portugueza da Demanda de Santo Graal. E' evidente que por aquelle tempo ainda repugnava ao portuguez literario dar guarida ao gallicismo.

Tenho tambem por importadas do estrangeiro a expressão *a monte* em *pôr uma embarcação a monte* e a palavra *montante* [preia mar] opposta *a jusante* (de rio).

Outro estrangeirismo menos antigo, mas igualmente incorporado ao nosso idioma, é o verbo *remontar*. Antes de qualquer discussão mencionarei os seguintes exemplos de linguagem quinhentista e seiscentista: *Tão* REMONTADO *anda o desejo dos homens que sendo este Balarte nascido em Dinamarca, veio buscar por propria vontade sua sepultura em Guiné,* Barros, Dec. 1, 1, 15; *aly era o* REMONTAR *sobre todos os choros dos anjos*: *unir-se por amor ao abismo da soberana Divindade,* Sousa, S. Dom. vol. 95; *e como entre os reys e os vassalos ha huma desigualdade tam distante, como do inferior ao supremo, a mesma soberania, que os* REMONTA *sobre a igualdade, os desobriga da correspondencia,* Vieira, Serm. 4,213; *huma perspectiva... com huns longes tão seguidos* e REMONTADOS *a perder de vista, que o fio e comprimento delles podia quatro vezes dar a volta a toda a redondeza da terra,* ib., Serm. 8,55; *Deus não he cousa alguma do que temos dito, ou podemos dizer, do modo que o sentimos, senão por outro infinitamente* REMONTADO *e totalmente ineffavel,* Bernardes, N. Floresta 1,240; *estes são os innocentes, que ainda não tinham azas para sahir do ninho, e já, por*

beneficio de Deus, as tiveram para se REMONTAR *ao Paraiso.* Bern., ib. 1,253.

E' evidente que este verbo *remontar* não foi tirado de *montar* já existente em portuguez, pois neste caso significaria "tornar a montar a cavallo". Tambem não é de suppor que fosse tomado directamente do francez, visto que foi quasi nulla a influencia deste idioma sobre a linguagem dos escriptores quinhentistas. A fonte de onde procede o termo deve ter sido antes o italiano. E' verdade que encontraram *rimontare* significando "tornar a subir" em geral: RIMONTÒ *per la via onde discese,* Dante, Inf. 10, 123; *noi ci partimmo, e su per le scalee che n'avean fatte i borni scender pria,* RIMONTÒ *l'duca mio,* ib. 26, 15.

De qualquer modo, ou proviesse do italiano ou de outra lingua, *remontar,* soffreu alteração de sentido. Nos supra-citados exemplos significa "subir muito alto", "elevar muito".

Em epoca mais recente apparece em portuguez o verbo *remontar,* referindo-se não a lugar, mas a tempo. Significa "volver a epoca anterior", "ter a sua origem em epoca anterior". Ainda hoje assim o usamos. A mesma applicação tem muitas vezes fr. *remonter* e ital. *rimontare.* De entre autores portuguezes mencionarei apenas A. Herculano, em cujas obras occorrem exemplos numerosos: *A sua origem* REMONTAVA *quasi ao berço da monarchia,* M. de C. 1, 141; *os abusos de que ella* (inquisição) *foi accusada* REMONTAM *aos tempos da sua fundação,* Inq. 1,29; *ainda hoje subsistem entre o povo usanças cuja origem* REMONTA *ás superstições do polytheismo ro-*

mano, Inq. 2, 188; REMONTANDO *aos principios do seculo XII ou aos fins do XI, acharemos, talvez, numa parte estabelecida a liberdade pessoal.* Hist. Port., 6,204. Em duas paginas seguidas (181 e 182) da Historia de Port. t. 6, encontramos nada menos de tres exemplos: REMONTADO *a essa epocha, lancemos os olhos em roda de nós; Um castello roqueiro ou talvez apenas fabricado de vigas... mostrando que a sua fundação* REMONTA *acaso ainda ao seculo XI; E' assim que facilmente se explica porque poucos dos castellos antigos que nos restam* REMONTAM *além da epocha de D. Dinis ou de Affonso III.*

J. J. Nunes publicou ha tempos um artigo condemnando o emprego de *remontar,* sem fazer referencia alguma a factos como os aqui apontados. Tem razão em tachal-o de estrangeirismo desde que como tal se considere o termo importado em qualquer epoca, recente ou remota. Mas, a expungil-o, porque não substituir tambem *montar a cavallo* pelo vernaculissimo *subir em cavallo?* Questão de pó em garrafa de vinho velho e garrafa de vinho novo. Ali conserva-se o cisco com respeito; aqui espana-se. *Ascender* proposto por J. J. Nunes em lugar *remontar* é mero latinismo.

Outro estrangeirismo — e contra este creio que não ha remedio nem bom nem mau — é o vocabulo *montar* usado nos dizeres *montar um machinismo, uma fabrica,* etc. E' escusado ir bater á porta dos antigos classicos da lingua, porque outrora nem fabricas se montavam nem machinas como as da vida febril dos nossos dias.

PARLANDA, GALLICIPARLA

De *parabolare*, desapparecidos alguns phonemas no centro do vocabulo, proveio, com metathese, port. *palrar*, e, sem metathese, ital. *parlare* e fr. *parler*. A permuta de lugares entre *r* e *l* parece ter-se operado e fixado muito cedo, isto é, já no periodo da formação de nosso idioma, ao tempo em que, com mais estabilidade de phonemas, *parabola* se transmutava em *palavra*. Por mais que procurasse nos documentos de port. antigo, só encontrei *palrar* e o derivado regressivo *palra* [*levam a moor palrra de pallavras que homem ouvio*] (Fern. Lopes, chr. D. João 174).

Parece que *palrar* nunca se trocou em *parlar*, posto que fosse commum a permuta das consoantes, como *bulra* e *burla*, etc.

Sendo assim, é claro que os derivados e criações modernas hão de fundar-se no thema *palr-* afim de que apresentem cunho genuinamente portuguez. Não obstante isto, depara-se-nos em Manuel Bernardes *parlanda*, expressão devida provavelmente á influencia do italiano *parlanza, parlata*: ouvindo Apollonio esta *parlanda*, respondeu com animo inteiro e pacato (N. Flor. 1,75); não podia elrei deixar de estar cançado com tão comprida *parlanda* (ib. 2,237).

Filinto Elysio usa do mesmo termo, porém já com a forma *parlenda* (*estiradissima parlenda*), Obras 1,149). Apesar de toda a sua ogeriza ás francezias, dá ao vocabulo a apparencia de gallicismo, pois com semelhante terminação o estrangeirismo mais depressa lembra o francez *parler*, posto que não seja assim que

em francez se derivam substantivos. Para o portuguez é formação erronea; applicamos a terminação — *enda* a nomes tirados de verbos da 2.ª conjugação (*vivenda, fazenda, moenda,* etc.).

O mesmo Filinto fabricou o termo *gallici-parla,* á imitação, como elle proprio explica, de *latini-parla* "engraçada galantaria com que D. Francisco de Quevedo zombeteiou de varios *tarelos*". Não reparou porém o zombeteador dos tarelos lusitanos que, servindo-se de semelhante expressão para ferir pelo riso a outros, resvalava pela mesma ladeira de ridiculo. Quevedo, hespanhol, creando o termo composto, podia utilisar-se do elemento *parla,* pois recorria á prata de casa. Em castelhano havia o verbo *parlar,* usado por Frei Luis de Granada e outros. Filinto Elysio, portuguez e zelador da pureza da lingua em que escrevia, lançou mão do erudito designativo *gallico* e com elle combinou, sem attentar bem no que fazia, o elemento hespanhol *parla*.

Está claro que o escriptor lusitano devia dizer *gallici-palra;* mas a engraçada galantaria ficou e serviu a elle e a muitos que andaram pela mesma trilha para chamar á ordem os que por qualquer descuido põem nos seus escriptos expressões importadas do estrangeiro e desagradaveis aos ouvidos puristas.

DESVALIJAR

Em duas cartas de Roma, escriptas com intervallo de poucos dias, o padre Vieira serve-se de um estrangeirismo para designar o roubo do correio prati-

cado por salteadores. Na primeira lê-se: o correio de Hespanha... ainda não he chegado..., suspeita-se que em França o hajam *esvalijado*, como se diz fizeram a outro que ia para Allemanha. A segunda reza: Hontem chegou o correio e hoje parte; a demasiada tardança fazia suspeitar que o teriam *desvalijado* alguns salteadores francezes.

O vir a palavra escripta de dous modos não é o que nos importa, como tambem não fazemos reparo quando em algum escriptor encontramos *espedaçar* a par de *despedaçar*.

Quanto á origem do vocabulo, acredita-se em geral ser o aportuguezamento do francez *dévaliser*, e dá força a esta crença a circumstancia de tratar-se de salteadores francezes, de um facto que se passa em França. Entretanto parece mais natural que fosse a palavra tomada directamente da Italia que tinha *svaligiàre*, ou da Hespanha, que possuia *desvalijar*. Nenhum destes paizes ficava atraz de França em materia de salteadores, e os respectivos idiomas eram mais familiares aos portuguezes de outrora do que o francez.

Que Antonio Vieira se utilisasse, de quando em quando, de estrangeirismos na sua correspondencia particular, não é cousa de surprehender. Não eram missivas destinadas ao publico de então nem á critica da posteridade. O padre diplomata sabia muito bem que um termo estrangeiro ouvido por pessoa que nos entende diz ás vezes mais que todo o vocabulario indigena. Se eu quizesse aqui fazer digressão, apontaria varios desses estrangeirismos encontradiços nas cartas de Vieira.

Com tudo isto, não fica provado que este escriptor se absteria de empregar o termo em livro destinado a ser impresso. Nos Sermões não ha exemplo do verbo *desvalijar*. Mas ahi não se offerece opportunidade para applical-o. Que faria Antonio Vieira se, além dos Sermões, escrevesse narrativas sobre salteadores que roubam viajantes e correios? Desvalijar é despojar os viajantes dos seus valores contidos em malas [Fr. *valise*, ital. *valigia*], bolsas, saccos, etc. Em portuguez não formamos um verbo analogo nem o idioma dispõe de vocabulo que denote o facto com igual precisão e clareza.

Outro seiscentista não menos notavel que o autor dos Sermões teve occasião de referir, em obra muito conhecida, um caso de desvalijamento e não poz duvida em soccorrer-se do estrangeirismo, o que indica que era termo corrente e admissivel em boa linguagem literaria. Anda este caso impresso na Nova Floresta (3,245) de Manoel Bernardes: O mesmo santo, ao passar pelos Alpes, cahiu em poder de salteadores. Um delles, atando-lhe as mãos atraz, o entregou a outro para que o *desvalijasse*. Este o foi levando para um lugar mais retirado, e lhe perguntou se tinha medo.

Agora ficará, me parece, mais tranquillisado o espirito de quem pretender empregar o referido verbo. Se for perseguido e motejado de "galliciparla", tem onde se acolher a sagrado. Ahi estão Vieira e Bernardes para acudir.

E' de suppôr que se prefira dizer *desvalisar* [com *s* e não *j*], como se o termo viesse decididamente do francez. Não será tanto para irritar censores. Estran-

geirismo por estrangeirismo, que importava se se prestasse homenagem antes á França que a outra nação? Mas o caso aqui é de accommodar a terminação do vocabulo aos nossos habitos de pronuncia.

A civilisação de hoje com seus meios de communicação mais adiantados e mais garantidos contra assaltos, raramente dá ensejo a praticar desvalisamentos como nos temerosos e gloriosos tempos d'antanho. O scenario mudou e os salteadores passaram a operar, notavelmente multiplicados, como simples ladrões dentro das cidades despojando as casas como antigamente se despojavam nas estradas postas, carruagens e diligencias. E' caso para se transportar o termo *desvalisar* tambem para as cidades.

AGIR, REAGIR, COAGIR

Se o modo actual de exprimir idéas e pensamentos se pautasse necessaria e unicamente pelo uso quinhentista e seiscentista, não haveria lugar, em boa linguagem, nem para o verbo *agir* nem tão pouco para os derivados por prefixação *reagir, coagir*. Não eram vocabulos conhecidos de João de Barros, Vieira ou Bernardes.

Agir e reagir, dicções energicas ante as quaes empallidecem quaesquer outras de significação mais ou menos aproximada, penetraram no idioma, por via da lingua franceza, no seculo passado, com a differença, porém, que *agir* foi, e ainda é, hostilisado pelo purismo militante.

Este genero de critica facilmente se obceca com a só lembrança de que um vocabulo possa ter provindo do francez, ficando então tolhido para perceber ou averiguar certas delicadezas de conceitos novos para cuja expressão exacta sejam por ventura insufficientes os recursos indigenas.

Succedeu a desgraça a *agir*, mas não attingiu a perseguição ao gallicismo *reagir* por um desses descuidos proprios da critica purista, ou pela convicção de que seria mais que ridiculo querer desterrar um estrangeirismo felicissimo cuja adopção se impunha ás linguas das nações civilisadas. *Reagir* ficou incorporado ao nosso falar culto bem como *reaccionario* tirado de *reacção*, cujo sentido politico veio igualmente do estrangeiro.

Do emprego literario destes termos já na primeira metade do seculo XIX dão testemunho estes passos de Herculano: Se fosse possivel voltar atraz para nos curvarmos á tyrannia, voltariamos igualmente atraz para, depois, *reagir* contra ella e repetir inutilmente experiencias já feitas (Hist. da Inq. 1, XIII); entre os grupos que victoreiam em quasi toda a Europa as saturnaes da *reacção* ha um mais forte, mais activo (ib. 1, IX); aonde nos podem levar outra vez as tendencias de *reacção* (ib. 1, XVII); devemos, acaso, acreditar na sinceridade dos innumeros apostolos da *reacção* theocratica e ultra-monarchica (ib. 1, XIX).

Dispensavel, para não dizer condemnavel, julgam alguns o verbo *agir* por haver, segundo allegam, uma série bem longa de verbos portuguezes que exprimem

o mesmissimo conceito. "Do *agir* nenhuma precisão tem um idioma que, para o mesmo effeito, dispõe de: fazer, andar, obrar, operar, actuar, proceder, portar-se, comportar-se, haver-se, etc..." (Ruy Barbosa, Replica, 387)".

Deu cabal desmentido a esta exagerada affirmação o proprio autor mais de uma vez em que se soccorreu de *agir*, e particularmente neste caso, já citado por outros: "Ainda que não tivesse V. Ex. incluido, como ponto essencial de seu programma, o de *agir* quanto possivel".

Com effeito, a substituição por qualquer dos verbos apontados daria frase tola e sem sentido. Ou chegaria o autor a traduzir o seu pensamento se puzesse: Ainda que não tivesse V. Ex. incluido, como ponto essencial de seu programma, o de *fazer* quanto possivel?... o de *andar* quanto possivel?... o de *obrar* quanto possivel?... o de *operar* quanto possivel?... o de *actuar*, ou de *proceder*, ou de *portar-se*, ou *comportar-se* ou *haver-se* quanto possivel?

Por aqui se vê que o verbo *agir* sempre tem um valor particular de summa importancia. Quem age procede com energia e decisão. *Agir* de per si diz muito e pode dizer tudo quanto precisa sem mais explicação.

Usados para produzir este effeito, os verbos de cunho vernaculo que se mencionam claudicam todos. *Fazer* e *operar* mostram-se desde logo imprestaveis por serem transitivos. Nem comprehendo como *operar* possa vir incluido na lista, sabendo-se que tal verbo só se usa em sentido technico.

Actuar é cousa differente de *agir*. Os classicos empregaram este vocabulo em geral na accepção de exercer influxo. Ainda em Herculano encontramos: A civilisação, tornando cada vez mais intimo o tracto das nações entre si, faz necessariamente *actuar* as idéas de umas sobre as outras (Hist. da Inq. 1, XVI); perguntar-lhes-iamos... se elles entendem que é o christianismo que pode *actuar* nas sociedades... ou se, por ventura, são ellas que podem actuar no christianismo (ib. 1,24).

Andar, sem mais nada, não é *agir*. Não sei como se possa alguem lembrar de o pôr em lista de "expressões equivalentes".

Portar-se, comportar-se, haver-se são dizeres incompletos. Requerem o accrescimo de alguma expressão adverbial de modo e, ainda com esta bagagem, a significação muito pallida destes verbos não lhes permitte fazer as vezes do conciso e energico verbo *agir*.

Melhor seria *proceder* acompanhado de expressão adverbial. Mas tambem deixa a desejar. Comparemos *o ponto essencial do seu programma é agir quanto possivel* com est'outra maneira de dizer: *o ponto essencial do seu programma é proceder com a maior energia possivel*. Ha differença. No segundo caso, a locução de modo que ahi está, ou outra qualquer, especifica o acto de proceder. O simples termo *agir* é sempre mais comprehensivo.

Obrar usou-se outrora com extraordinaria frequencia, quer como verbo transitivo, quer como intransitivo, e neste caso podia servir para denotar o

conceito para cuja expressão nos valemos hoje do verbo *agir*. Exemplos occorrem em quinhentistas e seiscentistas a cada passo. Limito-me a apontar aqui os seguintes das cartas de Antonio Vieira:

D'aqui partirá aviso por terra á India, onde o vice-rei *obra* como experimentado e noticioso do Estado (2.531);

V. Ex. sempre *obrou* com menos trabalho e maior exito, porque applica e se serve dos instrumentos mais proporcionados (2,618);

Deus nos allumie e nos dê aquella fé em que nos manda crer e com que nos manda *obrar* (2,659);

Tenho a particular Providencia divina estes embargos que Hollanda poz ao curso das victorias de França, para que, com a guerra, a diversão nos dê tempo de accordar e *obrar* (2,497).

Infelizmente, em linguagem hodierna, o verbo *obrar* tem trocado em accepção muito baixa o sentido elevado e nobre de outrora. O idioma dispoz, mas já agora não dispõe, do termo *obrar* como se usou nos exemplos citados. Hoje exprimiriamos os mesmos pensamentos substituindo este verbo por *agir*.

Posto que o padre Vieira não tivesse precisão alguma de *agir*, serviu-se todavia do termo *agente*, em outro sentido que não o aceito em linguagem grammatical, e do derivado *agencia*:

Ao Porto chegou quinta-feira navio do norte com cartas de Duarte Nunes da Costa, *agente* de elrei em Hamburgo (2,16);

Applica os impulsos o abbade Francisco de Azevedo..., é pessoa de grande *agencia* e valor, e, ainda

que até agora não tirou a mascara, a tirará por serviço de S. A. e zelo do reino (2,647).

O termo *agente* [delrei], com que se designava o individuo que, sem ser ministro nem embaixador, tinha a missão de "obrar" fóra do paiz, no sentido dos interesses do monarcha, é estrangeirismo. Veio da França, ou da Italia.

Na frase *homem de grande agencia e lavor*, Vieira foi mais longe do que iriamos nós outros hoje. Bastava-nos *homem de acção e valor*. Teve naturalmente no espirito *agere*, verbo latino de que podia tirar um substantivo muito expressivo, cousa a que não se prestava o portuguez *obrar*.

O idioma acolheu mais tarde o verbo *agere*, porém já em segunda mão. Se tivesse madrugado, se fizesse isso ahi por volta dos annos de 1500, *agir* não seria gallicismo. Mas não havia necessidade. *Obrar* dizia a mesma cousa.

Se *agir* e *reagir* são gallicismos, que juizo devemos formar de *coagir*? Não procede nem do latim *cogere* nem de verbo da lingua franceza, que o não tem com tal prefixo. O idioma dispunha apenas do substantivo *coacção*, latinismo pouco usado. Creou-se o verbo em portuguez por este raciocinio: se para o nome *reacção* temos o verbo *reagir*, para o nome *coacção* devemos ter tambem o verbo *coagir*. E desta vez o portuguez foi mais experto que o francez.

E ahi temos esta nova acquisição a rivalisar com os antigos *constranger, obrigar*. Herculano a empregou nestes passos:

Mas os prelados concluem por declarar que de nenhum modo pretendem *coagir* os inquisidores a aceitarem como preceptivas as regras estabelecidas no concilio (Inq. 1,23);

Recusou formalmente *coagir* os obreiros judeus a exercerem seus mistéres (ib. 1,104).

POR MAIOR, POR MENOR — MINUDENCIA, DETALHE.

Aqui estão, em primeiro lugar, duas locuções adverbiaes de sentido opposto, estranhas ambas ao falar corrente de hoje e ainda difficeis de encontrar na linguagem literaria portugueza de qualquer epoca.

Vieira por excepção, nas cartas até agora publicado, valendo-se embora raramente de *por menor*, emprega entretanto bastantes vezes *por maior*, talvez por entender, segundo o falar do tempo, que outra expressão em lugar desta não viria traduzir a idéa tão exactamente como no caso de *por menor*, em que certa linguagem muitissimo em voga permittia desprezar est'outro adverbio.

Em nenhum dos casos occorre *por maior* com accepção de "por demais" que, além de outras, lhe attribue o diccionario de Aulete. Mencionar alguma cousa por maior corresponde sempre a mencional-a por alto, sem descer a particularidades, como actualmente se diz. E' sentido evidente em todos os exemplos: O preço em que ultimamente se convieram os ministros de França só sabemos *por maior* que é grande,

mas não sabemos quanto e se é quantidade com que o Reino possa (Vieira, Cartas, 1,199); no correio que vem mandarei a V. Ex. uma copia do papel, e agora quiz fazer este aviso *por maior* para que V. Ex. tivesse noticia de tudo o que cá passamos com Mr. de Estrade em caso que elle chegue primeiro (ib. 1,208); e se resolveu... que aos mesmos Superiores se representem as razões que ha para se continuar aquella missão, as quaes *por maior* são as seguintes:... (ib. 1,480); foram de cá advertidas [as cousas tocantes á terra], como *por maior* dei conta a V. Ex. (ib. 1,209); a este ponto chega a carta de Genova, em que se diz *por maior* haverem ali chegado avisos do Norte pouco favoraveis ás armas de França (ib. 2,574); o que me escreveram *por maior* de ser necessaria a minha assistencia em Roma entendi neste sentido (ib. 2,598); já sabemos *por maior* que se venceu em nosso favor, mas não tenho ainda noticias particulares (ib. 2,609); do Brasil veio um famoso papel sobre os dois cometas... que não remetto a V. S. por ser obscurissimo... e reservo esta fabula... para quando eu esteja em estado de poder passar duas horas entre as cannas ou debaixo das oliveiras. *Por maior* digo que os cometas parece que annunciam mudanças de tempos e das cousas (ib. 2,189); não houve tempo de falar de espaço no negocio principal, mas tudo se tocou *por maior* (ib. 2,277); hontem chegaram novas... do successo das duas batalhas ou encontros navaes, e perda dos hollandezes, em que se contam *por maior* nove naus tomadas, e outras nove deitadas a fundo (ib. 2,459).

A locução *por menor*, que por sua vez diz o mesmo que *pelo miudo*, adverbio este usualissimo entre quinhentistas e seiscentistas, occorre apenas em dous passos: Para que conste a V. Rev. do estado do negocio, e como se não tem faltado em nada ao serviço de S. A., ... direi nesta historialmente e *por menor* tudo o que tem passado (Vieira, Cartas 2,640); não posso encarecer a V. S. quanto estimo e se estimou neste collegio, a relação *por menor* do exercito que S. Ex. tem prevenido para esta campanha (ib. 2,48).

A escassez dos exemplos de *por menor* autorisa a crer que se trata de uma creação analogica em que á contradição de idéas responde a fórma comparativa de sentido opposto. Não seria Antonio Veira o inventor desta linguagem; a mesma lembrança devia ter acudido a outros desde a epoca em que *por maior* era admissivel. Mas a influencia de *pelo miudo*, expressão que andava na boca de todo o mundo, foi sempre tão forte, que a plantinha nova não poude vingar. Basta ver este passo de Frei Luiz de Sousa, S. Dom. 328: o historiador offerece as cousas *por mayor*, da mesma maneira que o pintor em virtude da arte descobre as mesmas tanto *pelo miudo*, que em nada falta. O autor aqui poderia ter-se lembrado de escrever *descobre as mesmas tanto por menor...*, mas o freio da dicção consagrada pelo uso não o deixou cahir na tentação.

O proprio Vieira, escrevendo (Cartas, 1,159) *será bom que V. Ex. mande pedir a lista do que fazem de custo muito pelo miudo*, mostra bem que, a pesar dos

dous exemplos acima apontados, não pensa em desquitar-se da expressão corrente.

A lexicographia portugueza não documenta *por menor* senão com um dos trechos que já sabemos: *não posso encarecer* a V. S. quanto estimo... a relação *por menor* do exercito. E' de notar que a locução vem figurada como se fôra um só vocabulo: *pormenor.* D'ahi a indicação no diccionario de Frei Domingos Vieira como adjectivo de dous generos.

Trazem os lexicos tambem um vocabulo *pormenor* com a nota de substantivo masculino. Desta vez porém não se menciona fonte alguma de onde tal vocabulo se colhesse. E' muito para lastimar. Houve, ao que parece, um diccionarista que sabia o termo de ouvida, mas ao registral-o descuidou-se de averiguar se tal substantivo era aceito em linguagem literaria. Vieram depois outros diccionaristas, e estes copiaram a informação do antecessor sem terem a curiosidade de resolver a duvida.

Admiravel é que se registre tambem *promenor,* plural *promenores,* e mais com a nota de linguagem "mais usada". Será, quando muito, um plebeismo a corrigir, e melhor fora que os lexicos o passassem em silencio, como costumam com plebeismos analogos. Em boa linguagem os elementos formativos *por* — e *pro* — não se devem confundir.

A transformação grammatical do adverbio *por menor* em substantivo não seria cousa de estranhar: ter-se-ia dado o mesmo phenomeno que produziu o substantivo *semrazão* ou o adjectivo *semsabor.* Mas a fortuna, se abraça com carinho alguma creação lin-

guistica, bem pode repellir outras congeneres. *Semrazão* cedo foi adoptado em linguagem literaria; mas haverá provas de ter succedido o mesmo a *pormenor*, e desde quando?

Creio que póde responder a esta questão quem se tiver dado ao trabalho de examinar pagina por pagina quinhentistas, seiscentistas e ainda autores notaveis mais chegados aos nossos tempos. As minhas indagações até a epoca do portuguez moderno abrangem os dous volumes das Cartas de Vieira, ed. por Lucio de Azevedo, grande parte dos seus Sermões e toda a Nova Floresta de Bernardes. Estendi a pesquisa a algumas das obras de Herculano.

Não consegui até agora consignar exemplo. Não que faltem nesses diversos autores os conceitos para cuja expressão se recorre hoje a *pormenor, pormenorisado, minucioso* em opposição a uns gallicismos muito sabidos. Deparam-se bastantes vezes, porém sempre e sempre expressos de outro modo, ou por algum vocabulo, como *particularidade*, que ainda hoje nos é familiar, ou por *miudo* [adverbio *miudamente*], *miudeza*, dizeres communissimos e apropriados ao caso na linguagem de outrora, de que entretanto não poderia o falar actual prevalecer-se com a mesma facilidade.

Aponto aqui, a titulo de esclarecimento, alguns dos exemplos: a qual renda... diremos como se despendia, ainda que *miuda* e particularmente vá (Barros, Dec. 2,10,7); da viagem do qual nós não faremos relação por ser grande e *miuda* e dia por dia (ib. 2,10,5); em todo o decurso desta nossa Asia mais trabalhamos no substancial da historia que no ampliar

as *miudezas* que enfadam, e não deleitam (ib. 1,7,83; obra mais de pincel que de penna... visto não podermos alcançar com a escriptura particularisar *miudezas*, que he cousa mui facil a quem usa de cores e sombras (Sousa, Dom. 328); com tanta especialidade e *miudeza* descreveo as honras (Vieira, Cartas, 2,419); dou muito *miuda* conta de tudo o que passou (ib. 2,267); não sendo [os indios] capazes de catecismo tão dilatado e *miudo* como é o geral, tomámos delle as cousas mais substanciaes, e fizemos outro catecismo recopilado (ib. 1,350); e no mesmo dia... sahiu seu filho a passear no Corso, como costumava e o mais que V. Ex. lerá em relações mais *miudas*, a que eu me não posso estender (ib. 2,370); aqui chegou antehontem o Padre assistente... e o Padre... Revisor, que me deram as novas mais *miudas* da nossa terra (ib. 2,612); desta informação tão *miuda*, julgará V. S. o conceito que eu tenho da medicina (ib. 2,168); se apparecerem cartas dos padres... ellas dirão com alguma *miudeza* o que lá se viu (ib. 2,128); porque sei quanto V. S. o estimará, o quiz referir tão *miudamente* (ib. 2,368).

Não desprezou a velha trilha um notavel escriptor de epoca em que já se ia dando por boa linguagem a transfiguração de *por menor* de adverbio em substantivo: o beguino arrependeu-se... de ser tão *miudo* e exacto na parte official que apresentara na vespera (Herc. Lendas e Narr. 1,121); em compensação das *miudezas* a que descemos (Herc. Monge 1,182).

Pode, sim, causar estranheza o castelhanismo *minudencia* encontravel em obras deste mesmo escri-

ptor; as *menudencias* do trajo diplomatico do moleiro (Lendas e Narr. 2,241); aqui tem, pois, o leitor que gostar da historia lardeada de todas as investigações, exhibições e *minudencias* gravissimas... as causas e items mais remotos (ib. 2,260). Mas não foi Herculano quem primeiro se serviu do vocabulo. Já muito antes havia escripto o padre Vieira: especulam com tal attenção, agudeza e *minudencia,* que puderam parecer nimiedade e ainda vileza (Cartas 2,548).

Este vocabulo não podia ter vindo do latim ao lexico portuguez. *Minuta*—deu *menudo,* e d'ahi *menudencia,* em hespanhol; porem *miudo,* de onde *miudeza,* em portuguez.

A antiga locução adverbial *pelo miudo* continua a usar-se, embora de preferencia sob a forma *por miudo,* ainda hoje, e sem constrangimento, tanto na linguagem falada como na escripta. Outro tanto não se pode dizer do adjectivo e do substantivo *miudo* e *miudeza,* tomados na accepção a que nos temos referido. Percebe-se agora nestes dous termos certa especialisação semantica. Suggerem antes o conceito de dimensão pequena, objecto pequeno ou de pouco valor que a noção de particularidade, individuação, e circumstancia de um todo.

D'aqui o desuso [não falando de um ou outro caso em que *miudo* se manteve] das antigas expressões para estoutro conceito, e a necessidade de substituil-as por outras bem adequadas e que não dessem lugar a equivocos. Satisfaz a todos os requisitos, salvo ás exigencias puristas, *detalhe* [com o qualificativo *detalhado,* verbo *detalhar*], francezismo tão expressivo

e tão afortunado, que facilmente se introduziu e adoptou tambem nos demais idiomas cultos: em inglez, allemão, hespanhol, italiano, russo, sueco e dinamarquez. Em hespanhol, lingua tão semelhante á nossa, foi o vocabulo *detalhe* sancionado pela autoridade da Academia, que o incluiu no seu Diccionario na edição de 1884.

A palavra *detalhe* corre em boca portugueza e brasileira ha seculo e meio, vive e florece hoje e anda impressa em livros e jornaes. Puristas extremados e exagerados a evitam. Estes, porém, expungindo o termo, não supprem a falta como em casos analogos costumam, quer dizer, não recorrem a outra palavra que signifique o mesmo e de que se saiba ao certo haver sido usada pelos classicos da lingua. *Pormenor* é o substituto predilecto; porém, o que se affirma sobre a respectiva pedra de toque é mais que duvidoso. Acertado fora, a prevalecer o estreito raciocinio purista, se tentasse antes rehabilitar *miudeza* dando-lhe novo sopro de vida.

Quem vê os factos da linguagem com mais largueza não irá tão longe; contentar-se-á com os dous termos já admittidos no falar corrente. Tanto direito de viver tem o gallicismo — não é o unico — como o termo cujo emprego classico ainda está por apurar.

CAPITULOS SUPPLEMENTARES

Interjeições

Entre as innumeras obras de linguistica, antigas e modernas, raramente se aponta tratado ou capitulo que analyse as interjeições com paciencia e carinho, como é de uso com as outras partes do discurso. Deviam sequer despertar a curiosidade idiomas tão sabidos como o francez, o italiano, o inglez, o castelhano, o portuguez. Entretanto, poucas palavras ditas de fugida sobre esses parias da linguagem parecem bastantes, quando importe não os deixar de todo em silencio.

Apesar da escassez ou deficiencia de exame das diversas vozes exclamativas, linguistas, logicos e psychologos não se fartam de querer abençoar-nos com divagações e discussões, ás vezes calorosas, sobre a natureza da interjeição em geral, sobre o seu papel — mesquinho, já se vê — na linguagem humana. A synthese antecipa-se á analyse.

Está fora dos limites do presente estudo dar conta das opiniões de Gabelentz, Wundt e outros. Todavia, para prevenir o leitor contra certo preconceito, não posso deixar de transcrever estas judiciosas palavras de H. Paul: "as interjeições de que de ordinario nos servimos foram aprendidas pela tradição do mesmo modo que os demais elementos da linguagem. E' só em virtude da associação que se tornaram enunciações involuntarias; e é por isso que as expressões para a mesma sensação podem variar nas diversas linguas e dialectos e tambem nos diversos individuos do mesmo dialecto segundo aquillo a que se acostumaram".

De facto, ao nosso *ai*, grito de dor, corresponde o allemão *au; ahimè* ouve-se de boca italiana, *hélas* somente de francez. E assim por diante.

Dous trabalhos minuciosos, e de alto valor scientifico, sobre o assunto que aqui nos interessa, sahiram a lume recentemente na Allemanha: Ernst Schwentner, Die primären Interjektionem in den indogermanischen Sprachen (Heidelberg, 1924) e o capitulo sobre interjeições primarias e secundarias do excellente livro de J. B. Hofmann, Lateinische Umgangssprache (Heidelberg, 1926).

Pelo methodo rigoroso e exposição de idéas claras e positivas, devem servir de base e estimulo a investigações congeneres, especialmente para as linguas modernas.

Quanto ás interjeições usadas em portuguez, representam as seguintes paginas um simples esboço,

que sahiria mais imperfeito se eu não consultasse os trabalhos de Schwentner e Hofmann. Trato em particular dos casos de cujo exame supponho ter colhido resultado aproveitavel. Por vezes, seria para desejar alguma referencia a falares regionaes, sobretudo aos de Portugal; porém o conhecimento destes falares está fóra de meu alcance.

Nas indagações do portuguez de outrora cito Gil Vicente, mais do que outros escriptores, por ser fonte em geral abundante, variada e muitas vezes unica, de informações seguras.

Comecemos pela interjeição de uso mais frequente e de maior variedade de applicações. *O, oh* é commum a todas as linguas romanicas e á maior parte das outras linguas indo-européas. Antepõe-se a vocativos e, usado separadamente, exprime alegria, desgosto, espanto. Em uns idiomas, soa como vogal fechada; em outros como vogal aberta. Entre estes está o portuguez.

Muito para reparar é a circumstancia de se representar a interjeição ora com *h*, ora sem elle: lat. *o, oh*, fr. *o, oh*, ital. *o, oh*, hesp. *o, oh*, port. *ó, oh*, all. *o, oh*, pol. *o, oh*. Para o latim antigo caberia, segundo R. Richter (citado por Hofmann) *o* antes de vocativos e antes do accusativo e genitivo de exclamação, nos demais casos (emprego absoluto e antes de orações) *oh*.

Tambem em portuguez se escreve, nesta segunda hypothese, a interjeição com *h;* mas o uso vacilla, quando a interjeição está antes de um vocativo. Pare-

ce-me que o simples *ó* indica a pronuncia rapida, quasi fugaz, da interjeição ligada ao vocativo, recahindo neste toda a força da voz. Muitas vezes porém o estado d'alma leva-nos a apoiar um pouco a voz na exclamação, a dar-lhe certo peso; representamol-a então com *oh*. E' difficil, já se vê, traçar linha de demarcação.

A linguagem quinhentista possuia o grito *ou* [quasi sempre graphado *hou*] cuja pronuncia e applicação differiam de *ó, oh*. Soava como ditongo, ou como *ô* fechado, demorando a voz, e alguma vez até como *u*, se é que o unico exemplo que conheço *A' barca, á barca, hu!* não foi ditado pela necessidade da rima. Usava-se *ou* ora só, ora seguido do adverbio *lá*: *ou lá, hou lá*.

Servia para chamar pessoas, intimando-as a obedecer, e, em interrogação, a explicarem-se. Tanto podia vir no principio, como no fim da oração imperativa: *Hou Franchinote, fora, fora. Não espanteis as patas, hou!* (G. Vic. 3,48); *Hou Vasco Affonso, onde vás?* (ib. 3,214). *Hou, vós do sacco de palha, visteme cá minha lebre* (ib. 3,238); *A' barca, á barca, ou lá* (ib. 1,213); *Que vai lá, ou marinheiro?* (ib. 1,232); *Ou lá, que he isto? que he isto?... Ou lá que he isto? Dormis?* (ib. 3,307).

No zombeteiro *Oulá, Velloso amigo, este outeiro he mais facil de decer que de subir* (Cam., Lusiadas) não ha frase imperativa nem pergunta directa. Os companheiros apenas lembram ao pobre amigo a coragem de que não deu prova. *Oulá* é um cumprimento ironico.

Hoje a interjeição de chamamento soa como vogal aberta; é identica a *ó, oh,* dos outros casos. A par de *olá,* possuimos *olé,* variante usada para manifestar a satisfação pela surpresa de uma noticia, de um encontro agradavel. *Olá* pode servir ao mesmo fim, porém tem a mais o poder usar-se como voz de chamamento.

Os quinhentistas não confundiam *hou* e *oh.* Se havia situações que pediam o grito importuno e exigente, nunca elle entrava a tomar o lugar de *oh* implorante em invocações e simples vocativos como *oh Deus, oh rei,* etc.

A interjeição *ó, oh,* é, no Brasil, a unica applicavel ante o nome de pessoa a quem chamamos. Em certas regiões de Portugal existe a variante *ah.* Lembro-me de ter ouvido mais de uma vez a um homem de posição social, portuguez de nação, chamar pelo criado *ah seo* [*sô*] *Pedro, ah seo Antonio.*

Lucas, personagem do theatro de Gil Vicente (1,11), emprega o mesmo grito para chamar os companheiros de longe, mas exprime-se em hespanhol: *Ha Silvestre! Ha Vicente! ha Pedruelo! ha Bastian!*

Exemplos em idioma portuguez não apparecem assaz claros em Gil Vicente para servirem de documentação.

Por influencia desse *ah* viria o grito *ai* anteposto a vocativo e usado por mulheres lusitanas: *Ai Catharina, ai Maria,* etc.

Quanto ao uso da exclamação *oh* para exprimir prazer e desprazer, é muito de admirar que com o

mesmissimo grito se desafoguem sentimentos tão oppostos. Nenhuma differença de exclamação existe entre *oh que felicidade* e *oh que infelicidade*. Se variamos o tom de voz, tanto, o podemos fazer para um caso, como para o outro. A mudança corresponderá á necessidade mais ou menos intensa de expandir o sentimento, agradavel ou desagradavel.

E' preciso que *oh* venha seguido de pausa, ou se ache desacompanhado de qualquer frase ou oração, para que se repare no tom grave do brado de angustia e dor profunda e no tom alto do grito de viva alegria.

Talvez que primitivamente, antes de existir o latim, a linguagem manifestasse as duas cousas contrarias por meio de exclamações distintas. Com o tempo uma se modificaria e por fim se identificaria com a outra.

Denotador de surpresa, admiração, *oh* é incisivo, energico, ás vezes prolongado. Exprime tambem estes sentimentos, posto que em outras condições psychologicas, o exclamativo *ah*, de uso generalisado no Brasil como em Portugal.

No estylo elevado da linguagem poetica, nos discursos, no falar affectado, em que tantas vezes retumba a exclamação *oh*, poucas opportunidades tem a interjeição *ah* de apparecer. Nos Lusiadas não achei exemplo.

Frequentissimo, pelo contrario, occorre no falar quotidiano quando os dialogos se travam com toda a naturalidade. *Ah* dá impressão de sinceridade, de respeito; *oh* descamba muitas vezes para o pathetico,

para o irritante. Se transmittimos a alguem a noticia de um successo que nos trouxe felicidade, agrada-nos o cumprimento *ah! parabens!* muito mais que um *oh! parabens!* Perdoamos mais depressa a um despeitado o desabafo *ah! cão, ah! patife!* que o arrogante *oh! cão, oh! patife!*

Da troca de uma exclamação por outra pode, até, resultar grave offensa. Diniz, Morg. dos Cannaviaes (1,46):

— *Saiba V. S. que ainda não* [*chegou o correio*]. *Isto é um inferno! Eu sirvo este lugar interinamente, emquanto o empregado está paralytico; porque eu tenho outro cargo publico; — sou professor de latinidade.*

— *Ah!...*

Este *ah* significa para o professor e interino agente do correio: "Eu não sabia que me achava na presença de pessoa tão importante".

Se Henrique de Sousellas não fosse o homem de fina educação que era, podia manifestar o seu pasmo com o exclamativo *oh*. Para Bento Pertunhas, seria o mesmo que achar a accumulação dos cargos estranha e ridicula.

Ah pode annunciar a claridade que no espirito se vem fazendo sobre algum ponto obscuro ou cousa que ia ficando em esquecimento: *ah! já sei; ah! o meu guarda-chuva*.

Serve tambem para rectificar, para dissipar opinião ou suspeita alheia: *Ah! eu quando prometto, cumpro a minha palavra*.

Significa assentimento pleno e absoluto em *ah! é*, hoje muito em voga.

E' franco desabafo em *ah! até que emfim;* pode, juntamente com a sorpresa determinada por successo ou informação nova, exprimir o reconhecimento do engano em que viviamos até então, e é recurso de censuradores a quem desagrada o feitio das pessoas e cousas deste mundo. Repetem-se todos os dias frases como estas: *ah! é assim que me pagas os sacrificios que tenho feito? Ah! sempre vens? Ah! e eu que me julgava curado para sempre! Ah! mulheres vaidosas! Ah! rapaz preguiçoso !*

Aos personagens de Gil Vicente raro ensejo se offerece para usarem desta interjeição: *ah, si, Catalina* (1,133, 134); *e propriamente assi sabeis tudo, ah narizinhos* (3,236). Já em A. Prestes topamos exemplos bastantes:

Ah, sensualidade, eu te me mereço tão boa vontade (6) — *Ah! bofé, que gentil paga nos deu de si o escudeiro* (19) — *Ah! baixos descuidos, ah! olhos tapados cheios de nuvens, de cal, de remela. Ah, vicios, cahi, que idolos sois, imagens de vidro* (99) — *Ah! falso amigo, a isso me deste a mão?* (103) — *Ah! que sois vós outras todas sacrilegio no amor* (179) — *Ah! fariseu* (227) — *Ah! com ella he malina* (320) — *Olhai-me isso, ah ventoinha* (354).

Nos seguintes passos de Diogo de Couto e Antonio Vieira *ah* é brado de lamento por ser a situação bem contraria da que se desejaria:

Ah, irmão... eu no meu elefante, e tu no teu cavallo, venha todo o mundo (Dec. 7,2,5) — *Ah ho-*

mens, se houvesse um anjo que vos revelasse qual he o coração desse homem...! (Serm. 2,318).

Em alguns casos como *ah! rapazes, ah! cariocas, ah! uruguayos,* o sentido pode ser ambiguo. Dependerá da situação, da intenção. Significará ora um juizo desfavoravel por não corresponder o procedimento á espectativa, ora um grito incitante para a victoria em momento de luta.

A significação que tiveram em latim *ei, heu, vae* passou em portuguez a *ai* e *guai*. Phoneticamente, o nosso *ai* só podia resultar da primeira daquellas expressões.

A interjeição *guai* não pode filiar-se directamente ao lat. *vae,* embora se usasse com sentido identico, pois que a labio-dental latina não soffreu tal mudança em romanico. Dar-lhe-ia origem a exclamação gothica *wai,* á semelhança de *guisa, guerra,* resultantes de goth., *wisa, werra.*

Cantares antigos como *Ai Valença, guai Valença,* dão testemunho de seu emprego. Em tempo de Gil Vicente *guai* estava banido da linguagem de gente fina, como se conclue deste trecho da Romagem de Aggravados:

FREI PAÇO

A honra se vos abasta.
Se a moça he de boa linha,
Seu pae será de boa casta
E fidalgo mui asinha.

BRANCA

Atada fica a canasta.
Fidalgo: assi seria
Fidalgo por seu dolor,
Quem sabe a Brivia de cór.
E não acerta a Ave Maria.

Andava elle namorado,
E por, má ora, dizer *ai,*
Dizia-lhe *guai,*
E por dizer minha senhora,
Chamava-lhe minha sinoga.
Este he o negro de seu pai.

Vogava entretanto a expressão *guai* entre a gente de raça judaica: Mãi (judia): *Que fizeste? guai, guai, guai* (G. Vic. 3,264) ...*Dom Juda, assi tenhais bem, que se vira guai espada... guaias de Hacer Beacar e da saude que tem* (ib. 3,269).

Os demais personagens do theatro de Gil Vicente só usam a forma *ai;* o que mostra que ao povo portuguez não foi difficil desfazer-se da outra maneira de dizer.

Ai é, primeiro que tudo, o grito com que exprimimos a dor physica, e cuja vehemencia varia conforme a intensidade da sensação dolorosa e a incapacidade de resistir. Pode ser grito ou gemido.

Adaptado a linguagem de outra especie, o exclamativo *ai* profere-se sempre em tom attenuado. Por vezes toma o lugar de *ah* (*oh*), sendo então mais usado por mulheres (portuguezas).

Pode ser um simples suspiro, ou manifestação de tristeza, acabrunhamento, desalento: *Ai, senhora; venho morta* (G. Vic. 3.380); *Ai, que farei d'empachada* (ib. 3,90): *Ai, descanço abençoado, nunca, nunca, nunca mais* (Castilho, Fausto).

Repelle insinuações: *Ai, rogo-te que não sejas aia do meu coração* (G. Vic. 2,425).

Serve para chamar [mulher a outra mulher]: Madanela chamando de longe: *Catalina! ai Catalina* (G. Vic. 1,134), Ignez chamando de longe: *Catalina! ai! Catalina!* (ib. 1,135) *Ai, manas, que eu achei* (ib. 1,138).

Ai anteposto a frases exclamativas iniciadas por *quanto, como,* tem por effeito dar melhor impressão do alto grau de uma sensação desagradavel: *Ai, como venho cançada* (G. Vic. 2,42), *Ai, como isso he tão vão e como as lisonjas são tão de barato* (ib. 3,64).

Combinado com pronome ou nome regido da preposição *de, ai* é insubstituivel por *ah* ou *oh,* e usado tanto por homem como por mulher. Lamenta a situação presente, ou, o que é mais commum, augura um futuro triste: *Amo e mouro* [=morro], *ai de mim* (G. Vic. 2,62); *ai de ti, Corazain, ai de ti, Bethsaida... haverá menos rigor para Tyro e Sidonia que para vós outros, no dia de juizo.* (S. Math. 11,21-22).

O grito *ai,* proferido com vivacidade, serve muitas vezes para dar expansão á pura alegria.

De applicação bem mais restricta que as tres interjeições até aqui estudadas é *hui,* grito de contrariedade, forte e rapido, de mulheres e seus imitadores

entre o sexo barbado ou desbarbado. Soltam-no sem mais pensar, immediatamente depois, ou quasi ao mesmo tempo de experimentar sensação desagradavel. Vem com a subita sensação de frio, com o pavor da escuridão e mil outros factos causadores de arrepio.

No theatro de Gil Vicente occorre, além disso, como explosão de censura, de revolta, de reacção contra algum acto ou pensamento alheio. Quadra esta attitude mais ao feitio de personagens na idade da rabugice.

A velha da farça *Quem tem farelos,* mulherzinha talhada para o caso, ergue-se alta noite amuada e sae praguejando. O primeiro *hui* é por causa da escuridão lá fóra: *Jesu! que escuro que faz!... Que má rua e mau caminho! Cego seja quem m'isto faz. Hui amara percudida* (G. Vic. 3,20). Logo em seguida embirra com uma serenata: *Hui, hui, que mau lavor! Quem he este rouxinol, picanço ou papagaio?* A's razões de uma jovem que se julga com direito de namorar responde com uma figa e com isto: *Hui, Isabel! quem te deu tamanho bico, rostinho de Celorico?* E fazendo a moça objecções á proposta de lavrar: *Hui! pois jeita-te ao fiar estopa, linho ou algodão.*

Outra velha (G. Vic. 2,159) chama á ordem uma rapariga desageitada: *Penerai, ma ora, bem, que não sois nova na terra. Hui, cadelinha, onde jeitas* [=deitas] *a farinha?* Imitando o tom da velha tambem grita *hui* a moça encarregada de vigiar o trabalho das outras: VELHA: *Olhade a mal entrouxada! O almadraque bolorento!* MOÇA: *Hui, faze asinha o fermento, e amassarás de madrugada. Estará o forno melhor.*

A' pergunta de Frei Paço (G. Vic. 2,205) *Tem de casamento tanto e moradia sabida?* responde Martha com protesto vehemente: *Hui, pola sua negra vida; elle he dos de livro em branco e da esperança perdida.*

O convite de pôr o pé na barca do Inferno assusta a Brigida Vaz e a faz protestar: *Hui! eu vou par'o Paraiso* (G. Vic. 1,230). Martha regateira sente calefrio ao contemplar a paizagem: *Hui! que ribeiros são estes?* e ás ameaças do Diabo barqueiro *Lavradores ou pastora, aqui vos hei de metter,* Martha protesta: *Hui, mano! e quem no deu? Ide beber.*

Cachopas dos montes trazem seus cestos á feira e cuidam que os mancebos lhes hão de comprar a fazenda sem examinal-a. Porém o esperto Matheus não aceita o primeiro pato que lhe offerecem. Ao que a vendedora: *Hui! e elle revolve o fato. Olho mau se metta nelle.*

A só lembrança de uma futura situação desagradavel pode antecipar a sensação de horror e calefrio. Em G. Vic. 3,74: VELHO: *Dona torta, acertar por esta porta, velha mal aventurada.* MULHER: *Hui! amara! Aqui sou morta ou espancada.*

Procedimento ou discurso irritante de outrem dá lugar a descarregarmos a indignação com o grito *irra,* e ainda que nos demoremos nos *rr,* nem por isso exorbitaremos daquillo que a compostura permitte. *Arre,* pode servir ao mesmo fim, porém, como desabafo, tem valor inferior. Seu dominio é, antes, o de espanto por certos factos descommunaes.

Gritos de per si injuriantes são raros nos diversos idiomas. Se apparecem, desvalorisam-se ante o recurso das expressões significativas, de effeito drastico, das quaes existe em qualquer idioma repositorio inexgotavel.

Como interjeições injuriantes apparecem no theatro quinhentista *hio hio* e *huhá* (G. Vic. 1,222): *Hio, hio, barca do cornudo, beiçudo, beiçudo, rachador d'alverca, huhá! Sapateiro de Landosa, antrecosto de carrapato... Furta-cebolas, hio hio, excommungado nas igrejas, barrela, cornudo sejas... Hio hio lanço-te hũa pulha...*

Taes interjeições vêm sempre acompanhadas de visagens e carantonhas e, talvez, de gestos com os dedos, com a lingua posta de fóra, e outros, gestos considerados offensivos. Mas o forte da expansão da raiva, do desprezo, está nas expressões significativas, nos epithetos e palavrões, nos similes tirados de toda a parte. No calor do desabafo acodem ao invectivante termos os mais destemperados e, até, palavras sem sentido algum. Tudo serve, tudo se atira á cara da victima.

Não encontramos em portuguez interjeição que em especial denote asco. Falta-nos cousa correspondente lat. *fu,* fr. *fi,* ingl. *fie,* all. *pfui.*

De *heim* e *hum,* modelos esplendidos de economia de palavras, não se topa exemplo em Gil Vicente. Não prova isso que fossem desconhecidos naquella epoca. Talvez não se offerecesse opportunidade para seu emprego nos autos e farças.

Heim, interrogativo, ouve-se hoje a cada instante com o sentido de "Que estás dizendo? Não ouvi, não percebi". Posposta a ordens e admoestações a pergunta *heim* significa: "Percebeste o que eu quero?" E tem valor de um ironico "Não é assim, não é esse o teu pensar, o teu procedimento?" se vem accrescentado a palavras que fingem innocencia alheia.

O resmungativo *hum* surge de um reparo, de uma reflexão occulta. Como áparte, é sarcastico e pode desconcertar o mais desembaraçado orador. Representamol-o mal na escripta. A vogal não é tão evidente na pronuncia. Ha, sim, a nasalidade de um *m* um pouco prolongado.

O grito *eia* é a continuação do latim *eia*, que os Romanos tomaram do grego *Eia*. Apparece hoje em estilo elevado, mas é estranho á linguagem familiar. Outros dizeres exercem a sua função. Antigamente faria parte do falar do povo, a julgar pelos exemplos do theatro quinhentista.

E' voz de commando, de animação, dirigida principalmente a pessoal tardo em agir. Num temporal desfeito, brada o piloto vendo o perigo imminente: *Eia, filhos, alijar quanto vai nesse convez* (G. Vic. 2,470). E como este, o barqueiro do inferno aos tripulantes que não se dão pressa em sahir: *Eia, todos apear, qu'está em secco o batel* (ib. 1,240).

A's vezes *eia* vem reforçado com a interjeição *sus*. Numa lição de esgrima: *Quando o recolher se tarda, o ferir não he prudente. Eia, sus, mui largamente, cortai na segunda guarda* (G. Vic. 1,227).

Sus, outro grito de animação hoje esquecido, occorre com muito mais frequencia do que *eia* no theatro antigo. Ha innumeros exemplos como estes: *Sus, nome de Jesus Christo, olhai-me pela cestinha* (G. Vic. 3,83); *Não me leveis pela rua; leixai-me vós, qu'eu m'irei*: *Sus, andar* (ib. 3,38); *Ora sus, demos á vela* (ib. 1,233); *Parte logo, ora sus* (ib. 3,98); *Ora sus, má criatura, i-me logo polas fadas marinhas* (ib. 3,105); *Falai c'o meu azemel... que assente em um papel por avaliação honesta o que se monta*: *ora sus* (ib. 3,220).

Seguido de interrogação, *sus, ora sus* indica que se exige resposta immediata. Equivale a *dize* (ou *dizei*) *já, já*: *Ora sus, que fazes tu?* (G. Vic. 1,213); *Ora sus, mexeriqueiros, onde leixais a parida?* (ib. 2,23); *Ora sus, que estais fazendo?* (ib. 2,359).

Destes gritos de animação, todos de caracter imperativo, se distinguem as vozes de enthusiasmo communicativo como os modernos *hip, hip, hurra,* como os interjeccionados *viva! morra!,* como os gritos que servem de estribilho a cantos heroicos e cantigas de festa. Deste typo são *huha! huha!* e *hufa! hufa!* repetidos na musica final da Romagem dos Aggravados e no bailado de festa da Comedia do Viuvo. São cantos em hespanhol; mas que fossem em portuguez, lá estaria a mesma manifestação de jubilo. No Juiz da Beira: *senhor juiz, hufá, eu por bailar mereço o asno de meu pai. Hufá, e vós m'o julgai.* (G. Vic. 3,181); *Que voltazinha! hufá!* (ib. 3,184).

Lembra esse grito os festivos *juchhe, juchhei,* usados em allemão em casos semelhantes.

Seguiu tambem o rumo do esquecimento *tá,* quasi sempre accrescido de *que* como introducção a dizeres justificativos. Se não é resto que ficou do lat. *tace,* a expressão portugueza tem entretanto o mesmo significado, porém sem o espinho imperativo de ordem ou mando. Usavam-na em colloquios pessoas de boa educação e era tida como meio delicado de atalhar os descabidos argumentos do parceiro. ZELOTYPO: *mas he mao costume o roubo grande de liberdades em que certos meus senhores poseram o cabedal do seu trato,* CARYOPHYLO: *Taa, que vos desmandais muito, leixemos essas merencorias para os africanos* (Eufr. 29). *Taa, nam digais senhor, que he openiam gentilica* (ib. 293). *Tá, tá, escusai a prosa, que eu sei que sois de primor* (Mello, Fid. Apr. 11). *Tá* [*diz Christo*], *que não he essa a mayor circumstancia, que sobe de ponto o meu amor* (Vieira, Serm. 2,353).

De uso antiquissimo é *st,* interjeição imperiosa e efficaz para conseguir silencio ou attenção. Proferida sem auxilio de vogal alguma, é commum a varios idiomas: fr. *st,* sueco *st,* all. *st.* Usou-se em latim e vem documentada em Plauto, Terencio e Cicero: *st, tace atque abi; st., mane* etc. (Schwentner pag. 10, Hofmann pag. 16). Existem variantes; em sanscrito *pst, ps,* em allemão moderno, sueco e polaco *pst.*

O elemento que propriamente constitue a interjeição é, a meu ver, a sibilante *s.* Ella por si basta para provocar a attenção ou o silencio desejado. Pode soar com maior ou menor demora, com vigor mais ou menos intenso. O phonema inicial *p* é subsidiario; resulta do subito descerramento dos labios por entre os

quaes escoa com violencia o ar accumulado na cavidade buccal afim de tornar mais ruidosa a sibilante. A occlusiva *t* por sua vez põe instantaneamente termo a esse ruido.

A sibilante troca-se muitas vezes pela chiante. D'ahi inglez *hush* e em allemão moderno a serie *s, sch, pst, psch.*

Pronunciar as consoantes da interjeição seguidamente, de um folego e sem apoio de vogal, é cousa menos facil para as linguas romanicas. Costumam fazer a transição da consoante continua para a occlusiva por meio de phonema vocalico: fr. *chut,* port. *chiton, chuta,* ital. *zitto.* O portuguez actual usa *psio, pchio,* outro modo de resolver a difficuldade, em que a consoante final é substituida por uma combinação vocalica. Ouve-se este remate, se não como cochicho, em todo o caso sempre com sonoridade menos apreciavel do que em *tossiu, fugiu,* etc.

Reforça-se a interjeição jussiva juntando-lhe vocabulo, simples, ou duplicado, de sentido equivalente: *st, tace, tace, meus hic est homo* (Plauto, Pseud. 2,25).

Nem sempre occorre como termo extraoracional. Em Cicero vemos *st* identificado semanticamente com *tace, tacete* e fazendo as vezes de oração principal: *st, ne... excitetis, st... audite.*

São a sibilante *s* e a chiante *x,* pronunciadas isoladamente e com certa energia, os sons da nossa linguagem mais adequados a infundir respeito e fazer emmudecer as pessoas a quem nos dirigimos. Imitam ou, antes, lembram ruidos da natureza, que, ora fra-

cos, ora estrondosos, tantas vezes surprehendem o homem e, pelo inesperado, o fazem parar e lhe tolhem a voz. E o homem, que aprendeu por experiencia propria, querendo por sua vez produzir effeito analogo em seus semelhantes, valeu-se desses phonemas ruidosos e creou a interjeição jussiva.

Com a chiante formou-se ainda a interjeição *x*, em portuguez *xó*, [ou *chó*], usada para afugentar aves e outras creaturas espantadiças. Em Portugal se enxota, ou enxotava, com a interjeição *chá*: CATALINA: *Não te empaches de mim, não.* [Dirigindo-se ás cabras] *Chá, chá, chá, demoninhadas* (G. Vic. 1,130).

Muitos animaes, e estes constituem maioria, não levantam acampamento por cousa tão pouca; mas um *xó* bem energico pode ás vezes tiral-os da apathia e quietude e movel-os sequer a darem um ar da sua graça.

Apparece a chiante tambem em *uxtix, uxte, xulo,* gritos de ameaça com que em Portugal o almocreve indignado chama os mulos á ordem: *Uxtix! o atafal vai por fóra e a cilha no embigo* (G. Vic. 3,212); *Apre ca ieramá, que te vás todo torcendo, como jogador de bola. Uxtix, uxte, xulo, cá que t'eu dou irás gemendo e resoprando sob a cola* (ib. 3,213); *Uxtix, sempre has d'andar debaixo dos sovereiros* (ib. 3,215).

Na Romagem de Aggravados vem a forma *xula* rimando com *mula*: FR. NARCISO. *Dizei-me, Cerro Ventoso, não heide ter hũa mula?* CERRO: *Se for bem estudioso, porque quer hum religioso andar sempre xula, xula?*

Parece ter resultado a interjeição de *xó, mulo* e *xó, mula,* e servindo o grito *xó* tambem para impellir o muar a andar á vontade de quem o monta.

Vozes interjectivas usadas para chamar ou instigar animaes fundam-se em geral, ao que parece, em pura convenção. Variam de um idioma para outro e podem, até, differir em um mesmo paiz, conforme a zona em que se fala a respectiva lingua. Gallinhas á hora do milho acodem ao *prr, prr,* ao *pio, pio,* ao *te, te, te,* etc. O cão obedece chamado pelo nome ou por certo modo especial de assobiar.

Na tragi-comedia quinhentista *Triumpho do Inverno* chama-se o cão de um modo que, supponho, hoje se desconhece: GONC: *E cães tendes vós aqui? Ves, ves, tu, tu, tu...* GREG.: *Mas vai tu, e eu chamarei o cão do piloto: tu, tu, tu, ves, ves: raiva te tome.*

Açula-se o animal com *Ks, ks, isca, isca, cisca, cisca,* etc.

Os muares tangem-se em Portugal de ordinario com a interjeição *arre* (G. Vic. 3,203, 212). Se começam a mostrar-se teimosos, o almocreve passa ao *apre* (G. Vic. 3,212, 213). Se insistem ou fazem tolices, vocifera-se o *uxtix, uxte,* etc.

A pastorinha de patos e gansos incita o seu gado a andar em ordem com as vozes *pate, pate* (G. Vic. 3,33,45).

Existem em portuguez outras vozes sobretudo para guiar aquelles animaes que, atrelados ou não, servem a transportar pessoas e mercadorias. E' um estudo que ainda está por fazer. Conviria observar em localidades differentes, quer do Brasil, quer de Portu-

gal, as diversas maneiras de instigar o animal a andar, mais depressa, mais devagar, a parar, a virar para a direita, para a esquerda, etc.

Quanto ás expressões usadas com o boi, o cavallo, o cão, a gallinha, etc., em outros idiomas, veja-se Schwentner pag. 41 e seguintes. A variedade é grande. Algumas parece quererem imitar vozes dos proprios animaes, porém a maior parte escapa a esta como a qualquer outra tentativa de explicação.

Deixando este terreno da interjeição jussiva, passemos a examinar alguns casos de onomatopéa propriamente dita. Vocabulos imitativos de sons da natureza com os caracteres e flexões proprias do verbo, como *ribombar, coaxar, miar,* são verbos onomatopaicos. Se tiverem os caracteres do nome, serão nomes onomatopaicos. A's vozes imitativas como *tic-tac, miau,* faltam os requisitos para serem classificadas quer numa, quer noutra categoria.

Tomando o termo interjeição em sentido muito lato, costumam os grammaticos e scientistas (Heyse, H. Paul, Schwentner, Hofmann) considerar as vozes desta especie como um grupo particular das interjeições, e isto para não revolucionar o vetusto systema grammatical e crear categoria nova.

De commum com as demais interjeições têm estas onomatopéas o serem palavras inflexionaes. Identificam-se, não morphologicamente, mas semanticamente com verbos e nomes de origem verbal, como *grito, berro,* etc.; porém ao passo que nestas categorias grammaticaes vemos o semanthema vinculado a mor-

phema, na interjeição onomatopaica a expressão apparece como semanthema puro.

Imaginamos, pelo menos em certos casos, ser a imitação boa e, até, excellente. Na realidade é sempre defeituosa. Effectua-se com os recursos do idioma que falamos, e os poucos phonemas de que elle dispõe não bastam para reproduzir fielmente os gritos de qualquer animal nem os ruidos de qualquer objecto. Imitamos toscamente esses sons alheios aos habitos da palavra humana, e temos a illusão da imitação verdadeira. E cada lingua pode formar a onomatopéa a seu modo. Para o francez o gallo canta *coquerico* [ou *cocoroco*], para o allemão *kikiriki*. Portuguezes e brasileiros de hoje suppõem ouvir *cocorocó;* os contemporaneos de Gil Vicente (3,18) o imitavam com *cacaracá*.

As quatro syllabas dão idéa das quatro notas mais ou menos accentuadas do cantar do gallo. Quanto ao resto, só muito boa vontade. Além disso, a exhibição da voz differe de individuo para individuo.

Basta ouvil-os successivamente a responder uns aos outros.

Pode ser que a esta onomatopéa se prenda o termo *cacaracá,* usado para significar cousa de pouco valor. Vem empregado no proprio G. Vic. (3,89): *Jesus, quem me trouxe ora cá? Esta cabeça de vento, juizo de cacaracá* (G. Vic. 3,18).

Consideram-se geralmente apropriadas as onomatopéas *mu* e *miau,* uma para representar o berro bovino, outra para o grito do gato. No caso de boi ou vacca, temos de facto a impressão de começar a voz

por um som nasalado semelhante a nosso *m;* mas que se lhe siga um verdadeiro *u* é cousa que ninguem provará. O *miau* attribuido ao felino pecca por sua vez pela consoante inicial, que tanto pode ser um *m* como outra.

Não insistindo nestas particularidades, apontemos varias onomatopéas interessantes. Entre as que indicam vozes de animaes, devemos notar, além das já mencionadas, as que se referem ao fiel companheiro do homem. O *vavau,* ou *vau, vau,* que conhecemos desde a nossa tenra infancia, não diz tudo. Dá idéa do ladrar de cachorrinhos e de animaes crescidos do tamanho commum; não lembra a voz grossa do canzarrão.

A differença não podia escapar ao fino ouvido de Gil Vicente. Um cão e uma cadella interrompem as recommendações do clerigo da Beira; a femea com *hau, hau* [nosso *vau, vau*], o macho, que se finge ser bicho de porte respeitavel, com *hão, hão.* No auto da India damna a cainçada as palavras de um apaixonado com o temeroso *hão, hão, hão, hão;* mas a seixada certeira faz mudar o tom da musica para *hãi, hãi, hãi, hãi* *).

Obscuro é o trecho do mesmo autor na Nau de Amores; *Nunca tão má vida como os cães de noite tem,*

(*) Clarissimo é que não se trata de gritos que partem directamente do larynge animal. O cão, o gallo, o gato, etc., cuja voz se exhibe em scena ou por detraz dos bastidores, não são bichos de verdade: porém homens que os substituem. São estes os creadores das onomatopéas.

sempre ladrando per hi meau, meau, meau. Parecem porcos de ventre.

A' primeira vista, dir-se-ia que esses taes cães aprenderam na escola dos gatos; pois é a melodia dos bichanos que se representa (G. Vic. 3,17) por *meau, meau.* A serenata canina executar-se-ia talvez com um modular especial do *hau, hau, hau.*

Os berros monotonos de ovelha e cabra exprimem-se respectivamente por *bé* e *mé.*

Nem todos os batrachios cantam coaxando. Os sapos a que se refere o parvo da farça Velho da Horta fazem *morreré morreré.*

Vozes de aves, orchestras de passaros, exprimiu-se Aristophanes em admiraveis onomatopéas. Nos autos de Gil Vicente, a não ser aquella vez o gallo, nenhum animal de pennas vem deliciar os ouvidos dos espectadores com a musica que lhes ensinou a natureza. A calhandra, a melroa, a rola, a gaivota, a andorinha só se exhibem para deitar sentenças em versos portuguezes.

No emtanto o povo, tanto o d'além-mar como o da banda de cá, sabe encontrar syllabas com que imita, a seu modo, o canto simples e monotono de certos passaros: *bacurau, xéxé,* etc. A's vezes, parece-lhe ouvir verdadeiras palavras e frases como *bem-te-vi, tempo frio, Maria acorda que é dia,* etc. E destas syllabas, palavras e frases tira nomes para designar os respectivos cantores.

Onomatopéas referentes a vozes humanas, têm por objecto dar a impressão que no ouvido nos deixa

o riso, o choro, o espirro, o tossir, etc., posto que estas cousas em si nada tenham que ver com a linguagem humana. Para exemplificar supponhamos em uma narrativa estes trechos: *Isidoro esperava o maior silencio e respeito da parte dos rapazes; porém logo ás primeiras perguntas soou como resposta, um cacacacá geral.*

O vigario tomou a pitada, mas não poude reter um estrondoso atchim.

Nestes dous exemplos surgiram as onomatopéas como substantivos, como termos de oração intellectiva, podem emtanto usar-se como vocabulos independentes de tal oração.

Em *cacacacá,* com que geralmente se presume copiar a risada, a consoante devera substituir-se por *h* se esta letra em portuguez pudesse suggerir a noção do phonema aspirado que se ouve em outros idiomas. Teriamos *hahahahá* para a gargalhada franca e *hihihihi* para a gargalhada contrafeita ou ironica. No rir, como no tossir, produz-se sem querer a aspiração que a principio tanto custa a pronunciar aos estudantes de inglez ou allemão.

Onomatopéas para caracterisar ruidos de objectos são bem mais numerosas que as precedentes: *pa* [ou *tá,* segundo as comedias quinhentistas] denota a pancada forte, som aspero; *pan* a pancada retumbante, pode lembrar som metallico; *bim, bam,* badaladas de sino, dá o derivado *bimbalhar; tlim, tlim* [verbo *tilintar*] é o tinir da campainha; *taratatá,* o som da corneta; *fon-fon,* o som da buzina de automovel; *fió fió,* indica a vaia dada por meio de assobio; *glu, glu,* agua

a borbulhar; *chó,* agua a cahir ou correr com força; *tic-tac* sons de relogio que anda; *pio, pio,* apito; *raque, raque,* ruido de serrote em acção; *fru-fru, ruge-ruge* são do tempo em que sedas e vestidos ainda rugiam. *Zás,* ruido de objecto em movimento, applica-se por metonymia á velocidade do movimento. *Zás* se diz quando a cousa se faz em um tempo; se em dous, é *zás-trás.* Hyperbolicamente, falando, já se vê.

Muitas das onomatopéas referentes a objectos são de aceitação geral; outras, menos vulgares, dizem-se de modos differentes, conforme a impressão individual.

Propositadamente

Entre as cousinhas de effeito decorativo que a moda vai impondo ao falar de muita gente culta, faz-se notorio o termo *propositadamente,* empregado na confabulação familiar, nas discussões, no discurso torneado, polido e repolido, algumas vezes bem fóra de proposito.

A outra gente, que não campa por expressões de requintada elegancia, despercebe naturalmente o fino daquelle adverbio e serve-se, como dantes, e sem envergonhar-se, da antiquissima mas sempre boa solução *de proposito;* de vez em quando tambem deriva (falando, se não escrevendo) pela corrente popular, que creou *propositalmente,* substituto tão desnecessario á intelligencia como o *propositadamente* dos bem falantes.

De proposito accrescentado a um verbo qualquer, diz bem e diz tudo o que é preciso para assignalar

o acto não-casual. Serve e satisfaz a todas as necessidades que, no fim de contas, não são nem muitas nem frequentes. Bons livros se escreveram em portuguez sem que em alguma de suas paginas se puzesse o adverbio *de proposito* ou outra expressão de sentido equivalente.

Concedendo, porém, que se haja de fazer applicação do adverbio esclarecedor da intenção dos actos, ainda assim, o paladar mais exigente em pontos de variedade será facil de contentar com as synonymias *de industria, de caso pensado, intencionalmente, adrede,* e, quando a intenção traga maldade no bojo, *acinte, acintemente* e *acintosamente.* São expressões familiarissimas a todos quantos tenham alguma cultura literaria.

Sendo mais que sufficientes estes recursos, a que viria o extranho arrebique? Movimento reaccionario? *Propositalmente,* plebeu de nascença, medrando, desenvolvendo-se, ameaçava macular a limpidez da linguagem fundada na tradição e no uso classico. Um termo de typo parecido, porém alheio do vulgacho, *propositadamente* por exemplo, não puxaria a corrente em sentido contrario? A propaganda energica em favor desta palavra não promoveria a sua adopção e não faria, do mesmo passo, desadorar a outra e execral-a finalmente?

Fez-se a propaganda. Mas á recommendação do succedaneo *propositadamente* faltou um requisito essencialissimo. Por descuido, esquecimento ou outra causa desconhecida, deixou-se de provar, de documentar a vernaculidade do curioso adverbio ou, sequer,

do adjectivo *propositado,* que lhe teria dado origem. De modo que, por ora, estas duas palavras são vernaculas por presunção.

Se de facto são antipodas de *propositalmente* e *propositál,* e não meros neologismos creados em laboratorio de amador grammatico, justo é que se exhibam as provas da sua vernaculidade; que se mencionem os passos de João de Barros, Camões, Vieira ou Bernardes, onde taes palavras se usaram.

Relevante serviço prestará quem respigar e divulgar esses exemplos, pois que nenhum diccionario da lingua portugueza, desde Bluteau até Aulete, consigna os vocabulos *propositadamente* e *propositado,* dando entretanto informações, abundantes, claras e substanciaes, sobre *proposito, de proposito, a proposito* e *fóra de proposito.* Um lexico de nossos dias registra, é certo, os suppostos derivados; mas esse é suspeito, por parecer o seu autor, que tambem o é de outros livros, o mais interessado em apregoar taes vocabulos por bons, ainda que lhe faltem aqui, como em varias outras cousas que sustenta, provas solidamente cimentadas.

Pelos ensinamentos deste propagandista e defensor de *propositadamente* fez obra o autor da Replica ao Projecto do Codigo Civil nos paragraphos 104-106 e paragraphos 379-380, com a circumstancia notavel de expressamente declarar que é vernaculo o termo, como que tendo razões muito suas para romper já agora com esta linguagem ambigua do livro

onde se inspirou: "propositado é usado pelos que bem falam".

Accrescentando o ponto ao conto, era de esperar que viesse a documentação logo em seguida. Mas nas numerosas citações e commentos impressos em typo miudo, o autor da Replica, não podendo resistir á tentação de fazer digressões mais ou menos eruditas, esqueceu-se finalmente do assunto principal. A unica cousa que se fica sabendo com relação aos precedentes que abonam o emprego de *propositadamente* é ter sido esta palavra já adoptada pela emerita romanista D. Carolina Michaelis na traducção da obra de Storck sobre a Vida e Obras de Luiz de Camões.

E' tudo quanto de argumentação concreta sobre caso tão importante ressumbra em um livro que vistosamente espadana citações em quasi todas as suas paginas.

Nem esta obra, nem a que lhe serviu de modelo adduzem, por outra parte, provas que recommendem á immortalidade a formação do adjectivo *propositado*. Mui pouco lhe daria do tino e perspicacia dos leitores ao que primeiro asseverou que *propositado* tem derivação conforme a indole do nosso idioma, e muita fé teria em tal expositor, o que sem rebuços adiantou que *propositalmente* não é portuguez por não autorisarem "as regras de analogia" a formação de semelhante neologismo. Quiz referir-se, claro está, não ao adverbio, mas á creação do adjectivo.

Razoavel é entender-se, antes de tudo, que pela mente destes apostolos do bem falar jámais passou

nem a mais leve sombra de duvida sobre a legitimidade do suffixo — *al* para derivar adjectivos. Nem a sua casuistica os levaria, me parece, ao ponto de farejarem antagonismo entre estas e as demais terminações adjectivas. E quando quer que tivessem por fito enveredarem por indagações semanticas tão espinhosas — preoccupações que aliás não se revela em taes escriptos, — versaria a disputa em todo o caso sobre processos de derivar adjectivos tão sómente de substantivos.

Ora na conjuntura presente o problema se impunha nestes termos: Será possivel cunhar bons adjectivos, tomando por materia prima os adverbios?

E, no caso affirmativo, haverá para esse fim algum molde especial revelador da indole do idioma portuguez, algum typo caracteristico que permitta decifrar uma regra de analogia?

Não é preciso dar volta á redondeza do mundo para dar com a resposta. E no entretanto escrevem-se irreflectidamente cousas do teor das que acabamos de mencionar, como se dos adverbios medrassem qualificativos a granel. Que haveria lucro em os possuirmos, bem se vê por aquelle utilissimo *hodierno*, tomado do latim, e cujo emprego causaria estranheza aos primeiros leitores de Filinto Elysio. Nem por isso se lembrou ainda alguem de dar curso a *hesterno*, de procedencia igualmente latina, o que seria um caso bastante analogico. Nem tão pouco se cogitou de enriquecer o nosso falar com vocabulos adjectivos que correspondam a *de amanhan, de agora, de cá, de lá,*

etc. Não sómente falha o auxilio da lingua-mãi, mas ainda repugna arrancar do seio do nosso idioma commodos qualificativos, como os tem por exemplo o allemão em *heutig, gestrig, morgig, jetzig, hiesig, dortig,* etc.

Acintoso, parecendo á primeira vista termo privilegiado, representa todavia um adjectivo cuja constituição só foi possivel depois que *acinte* passou a usar-se tambem como substantivo. E' deste substantivo, e não do adverbio, que elle se deriva.

Se já o adverbio simples, enunciado em uma só palavra, não permitte, por esteril, tirar adjectivo algum directamente delle, que se ha de esperar então da locução adverbial formada de preposição mais substantivo ?

Como em chimica, dous elementos se combinam aqui, dando origem a um corpo novo. Ora, a buscarmos um derivado de significação cognata, havia de ser neste todo, e não em qualquer de seus elementos componentes, que iriamos fazer a tentativa. Mas escusado será mostrar que tão improductivo é o adverbio simples como o formado de duas ou mais palavras.

Vamos entendendo, por estes factos incontestaveis, bem o contrario daquillo que asseguram os livros supra-ditos. Verdade é que o termo posto em moda pelos reclamos, serve de illustração e exemplo a certo principio de derivação puramente imaginario. E digo imaginario, porque ninguem o formulou.

Pelos modos, desapparece a gravissima lacuna, se conviermos no seguinte: Quem de uma locução adver-

bial, constituida pela particula *de* e um substantivo, quizer derivar adjectivo de sentido analogo ao da dita locução adverbial, tem duas operações a fazer: 1.ª, supprimir a particula que vem como que abraçando o nome; 2.ª, substituir por *-ado* a desinencia deste nome.

Assim se justificaria o hypothetico *propositado* proveniente da expressão *de proposito*. Mas os effeitos dessa receita se fariam sentir tambem, e de modo desastroso, quando applicada a *de chofre, de industria, de golpe, de relance,* etc. Não quero gastar tinta em pôr aqui os mostrengos adjectivos que resultariam da adjunção do novo sufixo ao thema de muitos destes termos; mas nem por isso deixarei de protestar solemnemente contra a *capitis diminutio* realisada na particula *de,* e sem a qual particula o adverbio reverte a substantivo. *Propositado* procederia, quando muito, do nome *proposito;* e, ainda assim, por intermedio de um supposto verbo *propositar*. Nem outra cousa succede com *industriado* [verbo *industriar*], cuja filiação e sentido muito longe ficam da locução adverbial *de industria,* synonyma da *de proposito*.

Não acudiram tantas reflexões a quem engendrou *propositado*. Sentiu bailar-lhe no espirito *despropositado,* participio de *despropositar,* verbo que se tirou de *desproposito;* e sentiu tambem fazer-lhe negaça o participio *apropositado,* daquelle curioso verbo que se formou excepcionalmente e sem mutilar a particula, de uma locução adverbial [*a proposito*]. Este desusado verbo registram-no Moraes, Fr. Dom. Vieira e Aulete.

Sobre a confusa imagem que no espirito deixaram os dois participios em *-ado*, sobrepostos um ao outro, calcou-se *propositado*. E' formação analogica, sem duvida, como as sabem produzir certos individuos em momentos de confusão.

Ficou esquecida a quarta proporcional da formula

despropositado: *depropositar*:: *propositado*: *x*.

Ora, necessariamente *x* = *propositar*.

Mas qual sentido se daria a semelhante verbo, se existisse? Seria transitivo ou intransitivo? Significaria fazer alguma cousa com intenção [de proposito], ou, antes, pôr em effeito algum designio [realisar propositos]? Ou viria por ventura a dizer sómente o contrario de *despropositar*?

E como as duvidas que o infinitivo suggere se reflectem no participio, bem se deixa ver quanto foi infeliz a lembrança de dar por bom esse vocabulo desconhecido da tradição da linguagem.

Que o povo tivesse dado acolhida a *propositado*, o que nunca fez, a elle se affeiçoasse, ou fosse o proprio creador da palavra, ainda assim teriamos por extremamente pueril o allegar que tal derivado se harmonisa com a indole da lingua portugueza. Seria, sim, um caso muito particular de derivação, muito contrario á indole, mas aceitavel sem duvida e sem discussão por ter a sanção da massa popular.

Mas o sentimento de linguagem da massa teve o capricho de seguir por outro rumo, creando e criando

com singular desvelo o derivado em *-al*. Como tambem aqui se desprezou a preposição *de*, padece o adjectivo, neste ponto, do mesmo vicio de origem que o outro peneirado atravez de verbo. Fechando-se, porém, os olhos ao defeito commum, deveria parecer que não tem peior feição do que os adjectivos em-*ado* os terminados em *-al*, mórmente sendo manifesta a predilecção por este suffixo, já em latim, já em portuguez, do que dão testemunho *actual, arbitral, estadual, postal, leal, legal, presidencial, sensual, censual, lateral, espiritual, material, judicial, textual, ritual, moral, nacional, social, official artificial, intencional, funcional, casual, natural, theologal, universal* e innumeros outros adjectivos.

Nesta lista immensa ha comtudo um só derivado directamente responsavel pela espontanea aceitação que deu e dá ao termo *proposital* a gente não iniciada em usos classicos ou especulações linguisticas. Alguns dos actos humanos dão lugar a inquirir-se se foram executados por querer, ou sem querer; se se praticaram de proposito, ou por acaso. E como este ultimo conceito póde ser expresso pelo adjectivo *casual*, com que se diz exactamente a mesma cousa em uma palavra unica, a analogia levou a crear um vocabulo do mesmo typo que dissesse o conceito contrario. Procedeu-se, pois, desta forma:

[*por a*] *caso*: *casual*:: [*de*] *proposito*: *x*.

E evidentemente *x* = *proposital*. Ficam aqui collocados entre parentheses os elementos que o racio-

cinio desprezou numa como noutra locução adverbial.

Entra nesta formação analogica um factor semantico de summa relevancia, pelo que se vê que a era de quinhentistas e seiscentistas seria em todo o caso menos propicia á creação do nosso neologismo do que tempos mais chegados a nós. O adjectivo *casual* nasceu, não de um adverbio, mas do substantivo *caso,* referindo-se, porém, só a uma das accepções em que este nome outrora era tomado. E' a mesma cousa que o latim *casualis,* derivado de *casus.*

Com o auxilio de uma particula formou-se a locução adverbial *acaso*: *entre as damas... e cortezãos a caso hum dia se levantou discordia* (Camões); *a caso traz hum dia o mar... hum lenho* (ib.); *abriu hum livro... e a caso deu com hum lugar,* etc. (Bernardes); *os filosofos ensinavam que todas as cousas succediam a caso* (Vieira).

Esta expressão adverbial, unida em uma só palavra, passou a servir de substantivo (como succedeu com *deventre, semrazão,* etc.), enriquecendo-se assim a lingua com um termo de sentido especial de cujo uso frequente resultou ficar a palavra *caso* privada da faculdade de o exprimir.

Desde então, o adjectivo *casual* filia-se semanticamente ao nome *acaso,* sem comtudo poder negar o antigo parentesco morphologico que o prende a outro termo.

Quer isto dizer que o adjectivo *casual* é hoje derivado apparente de *acaso,* que assim o entendem to-

das as pessoas alheias a estudos grammaticaes e linguisticos. E foram homens desta especie, foi o povo o formador do mais que muito analogico *propositál*. Porque não havia de supprimir a particula *de* neste derivado, se no que lhe servia de molde já se havia feito outro tanto e, até, arrancado a primeira syllaba do substantivo?

Em verdade, mais senso do que o desse demiurgo não revelam os que, em vez de refugarem, como outrora se fazia, todo e qualquer derivado da locução *de proposito*, propõem se substitua ao producto mau, segundo imaginam, outro producto certamente peior.

Copa e copo

Naquellas duas scenas de costumes da era de D. João I, occorridas uma na bodega escura e lodacenta frequentada por homens da plebe, outra na tavolagem de fidalgos e homens d'armas, dá-nos o autor do *Monge de Cistér* não sómente conta de successos importantes, mas ainda informações valiosas sobre as diversas vasilhas em que então se deitava o vinho.

Guardava-se, como ainda hoje, o apreciado liquido em pipas e toneis. D'ahi enchia o bodegueiro ou tavolageiro picheis, cangirões ou agomias e trazia estas vasilhas juntamente com as necessarias taças á mesa dos freguezes. As taças ou vasos de beber eram: para a gente do povo, malgas e concas feitas de barro, estanho ou pau; para os fidalgos, copas lavradas.

Na scena da tavolagem vemos que Lourenço Braz, bésteiro de cavallo, sabia respeitar os bons costumes e medir a distancia que ia de fidalgo a homem do povo. Os representantes da nobreza foram servidos cada qual com sua copa; o procurador do povo, convidado em-

bora por elles a sentar-se á mesma mesa, teve de contentar-se com sua malga, que, por muito favor, seria de estanho.

"As copas ou taças no rigor da moda daquelle tempo", explica A. Herculano, "eram de prata como o traste de mais luxo nas mesas, nem havia já nobre ou burguez abastado a quem faltasse ao menos uma copa lavrada."

Naturalmente este genero de taças só era usado nas occasiões e lugares em que convinha exhibir o luxo; na vida intima, o burguez abastado e o nobre bebiam vinho ou agua servindo-se da malga como os outros mortaes.

Herculano menciona expressamente as agomias. E' facto de bastante interesse para philologos. Conhece-se o vocabulo em geral só no sentido de faca torta para dentro, usada pelos mouros, tambem chamada faca de fouce. Sebastião Dalgado, doutissimo investigador das palavras luso-asiaticas, não conhece agomia com outra accepção. Escapou-lhe a indicação de Herculano, bem como a nota de Viterbo, o qual primeiro apontou e provou a existencia do termo com a significação de vaso. Viterbo não só descreve a agomia ou gomia, mas ainda mostra haver differença entre ella e outro vaso denominado *gomil*.

No Glossario de vocabulos hespanhoes e portuguezes derivados do arabe, de Dozy e Engelmann, tudo quanto se diz do termo *gumia* ou gomia só se relaciona com a faca de fouce.

Copa tem hoje accepções diversas; a de vaso de beber cahiu em esquecimento depois que prevaleceu o

emprego da forma masculina. O autor do *Monge de Cistér,* prevendo que o leitor não entenderia o termo sem recorrer ao Moraes ou ao Bluteau, teve o cuidado de lhe ajuntar o necessario esclarecimento: *as copas ou taças.*

Assim se denominavam ainda no seculo XVI os vasos de beber valiosos. O furto de um desses objectos dá motivo á menção frequente da palavra *copa* nos dialogos da comedia Amphitryões, do poeta portuguez: *Dai cá a copa que hontem vos dei. — Poderme-ás negar, ladrão, que lhe déste as novas minhas, e mais a copa que tinhas? — Eis aqui a copa vem,* etc. João de Barros (Dec. 1,6, 4) refere: *Trazia um vaso de prata dourado a modo de copa.*

Podia a taça ter feitios differentes. Em Gaspar Correa, Lendas da India (1, 99) encontramos: *Tinha uma copa d'ouro de bordas largas.*

Porém pela mesma epoca concorria com o termo *copa* no feminino a forma masculina *copo* para designar igualmente taça ampla e de subido preço, como se deprehende dos seguintes passos de Fernão Mendes Pinto: *defronte destas tres mesas estavão tres aparadores da mesma maneira, com grande soma de porcelanas muito finas, e seis gomis de ouro muito grandes... trouxerão mais outras muitas peças, como forão pratos grandes, saleiros e copos tambem de ouro* (Peregrinação 1,278); *envoltorio em que vinhão muitos copos e jarros de prata e dous pratos muyto grandes* (ib. 2,275).

Que estes copos valiosos eram os mesmissimos vasos de beber a que em port. antigo se dava denomi-

nação feminina, evidencia-se pela referencia a certo acto do rei D. Pedro feita em epocas differentes. Em Fernão Lopes (Ined. Port. 4,29) encontramos: *mandava lavrar ataa cem marcos em taças e* COPAS *pera dar em janeiras*. Em Arrais, Dial. 5, Cap. 6.° (edição de 1604): *mandava cada anno lavrar muytos marcos de prata em* COPOS, *taças e outras muytas joyas*.

O material empregado nas copas antigas podia ser ouro, prata, crystal e pedrarias. Domingos Vieira, depois de definir o vocabulo *copa* "antigamente calix, taça, copo" documenta: *Item huma copa de cristal que tem o pé de prata e sobrecopa dourados com finalete*, etc.

Devo observar que, na descripção dos calices destinados ao sacramento da Eucharistia, distinguem-se a *copa*, isto é, a parte superior em que se deita o vinho e o *pé*. *Sobrecopa* ou tampa é a parte complementar em calices de mais luxo. Manoel Bernardes (N. Flor. 4,183) faz menção de um destes vasos artisticos, sem dizer palavra da sobrecopa: [O calix] *é todo de ouro purissimo e pela parte exterior da copa ladrilhado... de pedras preciosas dispostas em xadrez, e a intervallos refendido de alto a baixo com debruns de fios de perolas; ...e o pé se ostenta enredado em varios cintilhos da mesma pedraria*.

Se o leitor procurar em diccionario o sentido da palavra *sobre-copa*, encontrará informação inexacta. Segundo Candido de Figueiredo é "o mesmo que tampa". Outros lexicos definem: "tampa de vaso". Taes definições abrangem cousas que nunca mais se acabam. Ora, sobre-copa não é nem tapadouro de panela,

barril ou lata, nem cobertura de outro qualquer vaso ou vasilha; porém unicamente a tampa, de forma convexa, que completa certas copas e calices antigos.

Quanto ao termo *copa,* com a accepção de vaso de beber, o nosso Moraes limita-se a esta explicação laconica: "vaso covo". Edição posterior á de 1813 adianta: "Taça, vaso, covo mais largo do que fundo."

Aulete é omisso. Informa que o vocabulo *copa* significa lugar onde se guardam baixellas, louças, generos alimenticios, etc.; que se usa em *copa de chapeu, copa de arvore;* porém do sentido "taça" só sabe dizer referindo-se ao plural usado como denominação de um dos naipes das cartas de jogar. Na elaboração do verbete houve, por certo, descuido ou esquecimento.

E se alguem consultar outro diccionario de publicação mais recente, será informado que aquella copa, cheia a transbordar, com que o conde D. Henrique bebeu á saude do doutor Mem Bugalho, era nada mais nem menos que um "grande vaso de madeira, mais conhecido por dorna ou balseiro".

Nem que os fidalgos d'antanho fossem os gigantes das viagens de Gulliver, se é que estes bebiam em dornas.

O engano de identificar a antiga copa com a dorna ou balseiro veio estampado na primeira edição do diccionario de Candido de Figueiredo. Seria desculpavel; mas o erro manteve-se na segunda edição, e, até, na terceira e ultima. O autor limitou-se a accrescentar a tudo quanto dissera esta informação evidentemente colhida do Moraes: "ant. vaso covo. Copo".

Singular modo de rever e melhorar. Addiciona-se a emenda e persiste-se no erro, em vez de eliminal-o e substituil-o pela informação correcta.

A certos objectos de forma arqueada ou semi-espherica applicou-se, em Portugal como em Hespanha, por metaphora o nome *copa*.

Em *copa de arvore, copa de chapeu,* não creio que a denominação viesse directamente da semelhança que estes objectos têm com a taça invertida (abstracção feita do pé). Parece-me antes que o modelo seria a *sobre-copa* ou tampa, igualmente arqueada, que fazia parte de certas copas antigas. Não posso documentar o emprego de *copa* por *sobre-copa* na Ibero-Romania. Em francez o termo *coupe* adquiriu este sentido, como se pode ver na Eucyclopedia de Larousse.

Copas no plural designa hoje um dos naipes das cartas de jogar. Deve-se o nome ás cartas italianas introduzidas outrora na peninsula iberica. Traziam as figuras *coppe* (copas ou taças), *bastoni* (paus), *denari* (ouros) e *spade* (espadas).

Nas cartas francezas, hoje usadas, posto que tragam substituidas as taças por corações (*cœurs*), os paus por trevos (*trèfles*), etc., conservámos todavia as denominações antigas.

Por metonymia e extensão de sentido, veio o termo *copa* a designar tambem o lugar onde se guardavam, ou ostentavam, não sómente riquissimos vasos de beber, mas ainda toda a mais baixella de ouro, prata, porcelana, etc. Prevaleceu *copa* sobre *copeira,* denominação antiga que finalmente cahiu em desuso.

Vogava est'outra ainda em tempos de Garcia de Rezende: *E á mão direita era feita uma muito grande e muito alta* COPEIRA, *de muitos degraus, a maior que nunca vi, que tomava da porta até a parede da sala, e tinha tanta e tão rica prata, e tantas e tamanhas e ricas peças, que era cousa espantosa de ver* (Chr. D. J. II 2,75). Já em Frei Luis de Sousa (Vida do Arc. 1,72) topamos a expressão moderna: *a* COPA *ou aparador de estado, em que os vãos do mundo se revem* (*e ás vezes com fausto mentiroso*).

Deriva-se a palavra *copa* do latim *cuppa*. Meyer-Lübke, no Romanisches Etymologisches Wörterbuch, filia a este termo feminino não sómente os vocabulos romanicos *cupa, coppa, coupe, copa,* etc., mas ainda as formas masculinas *Kopo, copo, cop.* Eis aqui uma informação que deve escandalisar e desedificar profundamente a quem ainda não passou da velha cartilha que dava, com habilidades malabaristas, o latim *poculum* como etymo do nosso *copo*.

Meyer-Lübke nem sequer nomeia tal palavra em seu diccionario.

Do facto de haver em um idioma vocabulos com os dous generos para designar objectos não se segue necessariamente que procedam de etymos distintos. Conhecem-se innumeros casos de diversificação effectuada no seio da propria lingua. Basta lembrar, para não ir muito longe, *caneca* e *caneco* que se originam de um termo germanico.

Cuppa, com tonica breve seguida de consoante geminada, era segundo Grandgent, Introduction to vul-

gar Latin, uma variante dialectal do vocabulo *cupa*, com *u* longo, do qual procede fr. *cuve* e port. e hesp. *cuba*.

Meyer-Lübke entende que *cupa* se deve distinguir de *cuppa*, já por causa da forma do vocabulo, já por causa da significação. Parece entretanto hypothese aceitavel que o latim vulgar adoptasse, a par da forma classica, uma forma dialectal que a principio denotaria o mesmo objecto, mas depois se applicasse de preferencia ao vaso de beber cuja conformação lembrava esse objecto. Designaria o nome a taça de configuração semelhante á cuba, mais tarde a taça em geral.

Walde, Lateinisches Etymologisches Wörterbuch, não manifesta opinião propria quanto a *cuppa*, taça, porém relaciona *cupa*, cuba, com um numero consideravel de vocabulos que occorrem em varias linguas, afora as romanicas, e designam objectos bem menores que a cuba, mas, pela forma mais ou menos arredondada, parecidos até certo ponto com esta vasilha, attendendo-se, como o explica Walde, á curvatura ora para dentro, ora para fóra ou para cima.

A denominação masculina, já usada, segundo vimos, no seculo XVI, foi prevalecendo d'ahi em diante até que por fins do seculo XVII ou começo do immediato teria cahido de todo em desuso a designação *copa* para o vaso de beber.

Como surgiu em portuguez o masculino *copo* e porque se lhe deu preferencia, são questões difficeis de resolver. As copas tornaram-se mais modestas ou variaram de feitio. Mas isto não acarreta necessaria-

mente a alteração de nome. Em Hespanha os vasos de beber são iguaes aos de Portugal e todos tiveram o mesmo passado; entretanto ainda hoje não se usa nesse paiz senão o vocabulo *copa* no feminino. O hespanhol tanto diz *una copa de champán*, como *una copa de agua* e *una copa de coñac*.

E' possivel que, passando a usar-se em Portugal o nome tambem em sentido collectivo, transferindo-se depois este sentido ao lugar onde as vasilhas se guardavam, a necessidade de fazer a distinção levasse a fixar a designação masculina para os vasos considerados isoladamente.

Tambem pode ser que os portuguezes tomassem o nome masculino do estrangeiro; que em certa epoca se introduzissem no paiz com denominação masculina vasos de vidro, madeira ou metal, os quaes, pela sua barateza, rivalisariam como as antigas malgas, concas e picheis, e tinham formato simples, mais ou menos semelhante aos actuaes copos sem pé.

Como quer que seja, os quinhentistas, referindo-se a vasos de beber modestos, nunca empregavam senão o termo masculino: *o governador lhe* [ao cafre] *mandou dar hum bocado de doce e hum* COPO *de agua* (Couto, Dec. 9,23); *dava-se de regra cada dia a cada pessoa, de biscouto quanto cabia na mão... e hum* COPO *de vinho bem aguado* (Hist. Trag. Mar. 4,41); *na sacristia dos frades se mostra hum bordão do Santo e hum* COPO *de pao por onde bebia, encaixado agora por devoção um outro de prata* (Sousa, Arceb. 1,351); *lançando-lhes os vinhos nos* COPOS (Sousa, S. Dom. 1,90).

Por ampliação de sentido, chamavam os quinhentista ás vezes, como vimos atraz, *copo* ás taxas lavradas e de luxo; mas servindo-se para o mesmo fim igualmente da forma *copa*, revelavam não terem esquecido o costume antigo.

Segundo o Romanisches Etymologisches Wörterbuch, *copo*, vaso de beber, e *copo*, synonymo de floco, tufo de fios (*copo de neve, copo de lã, de algodão*, hesp. *copo, copete*), têm etymo commum. Não sei todavia que relação semantica possa haver entre uma cousa e outra.

Outro enigma se nos apresenta nas expressões *copos da espada* e *copos do freio*. E' curioso o emprego do plural. Talvez se possa aventurar, como explicação, a hypothese de se referir primitivamente o termo *copos* aos ornatos do guarda-mão da espada ou de certa parte do freio que lembrariam flocos ou tufos.

Assucar

A palavra *assucar* ou *açucar*, como outrora se escrevia, procede do arabe *sukkar*. Apesar do latim *saccharum* e grego *sakcharon*, vocabulos que todo o mundo conhece por informações e citações dos diccionarios, as leis phoneticas só nos permittem aceitar um etymo com *u* tonico quer para o termo portuguez, quer para o hesp. *azucar*, ital. *zuchero* e franc. *sucre*. Este etymo é o arabe *sukkar*.

Na Ibero-Romania, o artigo arabe *al*, mudado por assimilação em *as*, vem, como de costume, incorporado ao substantivo. Facto analogo se nos apresenta em *açougue* de *aç-çuq*, *azeite* de *az-zait* e, com artigo não assimilado, em *alface* de *al-hass*, *algodão* de *al-qutun*.

Provado que *assucar* se filia a um termo arabe, nem por isso deixa de inquietar a muitos o espectro de *saccharum* — *sakcharon*, fazendo-lhes crer que o idioma arabe teria por sua vez tomado o vocabulo, senão aos romanos, em todo o caso aos hellenos. E crêm isto sem primeiro averiguarem se o assucar era

producto realmente conhecido e usado na Grecia, pois não é de presumir que se vulgarisasse o nome sem se vulgarisar a cousa por elle designada.

Nem todos se abalançam a declarar francamente o que pensam. O receio de errar leva a procurar uma formula incolor, com que de algum modo fique velado o raciocinio. Assim acontece que, em um dos melhores diccionarios da lingua franceza, encontramos a proposito de *sucre* esta explicação etymologica: Tomado do arabe *sukkar*, que é o grego *sakcharon*, lat. *saccharum*.

Esta identificação não compromette os creditos do etymologista e é como se dissesse tres nomes distintos e um só assucar verdadeiro.

Mais decidido andou o autor do artigo *Sucre*, publicado na Grande Encyclopédie de Larousse. "*Sucre*, diz elle, do arabe *sukkar*, tirado do grego *sakkharon*."

A uma asserção tão categorica deveriam corresponder, na parte referente á historia do assucar, argumentos desenvolvidos e cabaes. Entretanto, a informação que se nos offerece é escassa, lacunosa e, até, disparatada ante a hypothese de ser a palavra arabe tirada da lingua grega. O que ahi aprendemos é apenas isto: a materia assucarada contida na canna era conhecida desde a antiguidade em Bengala; esta cultura e a extracção do assucar foram importadas na Europa na epoca das Cruzadas (Sicilia, 1230) e espalharam-se pela America desde o seu descobrimento, adquirindo ahi, graças ao clima e á mão de obra escravagista, um desenvolvimento extraordinario no seculo XVII. Seguem-se algumas palavras sobre a im-

portancia actual do assucar de canna e sobre a extracção do assucar de beterrava promovida por Napoleão durante o bloqueio continental.

De maneira que, segundo o Larousse, a mãi da criança é a India; mas a criança não tinha nome. Tomaram-na os sarracenos e trataram de baptisal-a. Foram á Grecia e acharam quem lhe servisse de madrinha. Depois, passaram-na ás mãos dos Cruzados, os quaes lhe fizeram conhecer novos soes, novos climas indo finalmente parar no continente descoberto por Colombo, onde medrou ás mil maravilhas e onde agora ostenta a sua incomparavel pujança.

Não ha duvida que o assucar veio da India; mas chamava-se *çarkara* em sanscrito e *sakkara* em pracrito, das raizes *çri* "roto", "fragmentado", e *kara* "formando", e significava cousa fragmentada, pedrinhas, areia, etc. Os arabes alteraram o termo em *sukkar* e os gregos em *sakcharon*. *Saccharum* não é mais que a transcripção latina do vocabulo grego.

Quanto ao historico do assucar, as cousas não se passaram como se relata na Grande Encyclopedia. Consulte o leitor a obra de Lippmann, Geschichte des Zuckers, e verá que não exagero. Deste exhaustivo e muito bem documentada trabalho dou em resumo alguns pontos principaes, que aqui têm cabimento.

A materia adocicante usada entre os romanos, como entre os gregos, era o mel, o qual, segundo a crença da antiguidade, era orvalho matutino que se depositava sobre os ramos, sobre as folhas, sobre as flores, e as abelhas o recolhiam e levavam para as cellulas dos seus favos.

Hellenos e romanos nem cultivavam a canna de assucar, nem sabiam que do caldo espremido dessa planta pudesse o homem preparar substancia solida.

Naturalistas e medicos da antiguidade descrevem algumas cannas da India; porém da natureza e origem do sakcharon, importado, quando muito, para fins medicinaes, dão noticia tão curiosa, que mal poderemos identifical-o com o nosso assucar. Todos attribuem o sakcharon, ou mel concreto, a uma exsudação, endurecida ao ar, propria das folhas e tronco de certas plantas. Sabem tambem, desde Theophrasto, da existencia de um mel em forma liquida, ou caldo que se espreme de canna, e que na India serve de bebida. Mas não sabem dizer se ha alguma relação entre esta e o sakcharon.

Plinio, descrevendo minuciosamente as diversas cannas da India, não menciona entretanto a de assucar. Em outro lugar diz: "sakcharon vem da Arabia, porém o da India é preferivel; é mel que se ajunta na canna, branco como gomma, quebradiço entre os dentes, do tamanho da avelan, quando muito, e não tem applicação senão na medicina." Mas — facto curioso — nos diversos livros que tratam do preparo dos medicamentos, de balsamos, de poções, o autor só prescreve o mel commum.

Dioscorides, contemporaneo de Plinio, tratando das cannas, na Materia Medica, não faz a minima referencia á canna de assucar, porém, ao occupar-se do mel, observa: "Ha uma especie chamada sakcharon; é uma especie de mel coagulado da India e da Arabia Feliz, encontra-se em juncos, assemelha-se

ao sal solido, e desfaz-se, como este, entre os dentes; dissolvido em agua e bebido, faz bem ao estomago e allivia os intestinos; é tambem efficaz contra os padecimentos dos rins, e, pulverisado, tira as turbações da vista."

Durante muitos seculos persistiram estas idéas obscuras, vindo o sakcharon da Arabia ou da India. Isidoro, bispo de Sevilha (morto em 639), ainda repete antigos erros: "Dizem que nos brejos da India crescem cannas, de cujas raizes se espreme succo doce, o qual se bebe." "Ha um mel nas folhas de certos juncos; encontra-se na India e na Arabia." Paulo Aegineta, medico grego dessa epoca, refere: "Aquelle mel que vem da Arabia Feliz e se denomina sakcharon, não é tão doce como o nosso mel, possue todavia propriedades semelhantes, é bom para o estomago, mas não mata a sede."

Lippmann chega á conclusão que o sakcharon da antiguidade, já pelas descripções, já pelo seu emprego, não era o nosso assucar; além disso, como o assucar em forma solida só se tornou conhecido na India entre os annos 300 e 600 da nossa era, e provavelmente mais perto desta ultima data, não poderiamos esperar encontral-o fóra da India antes desse periodo. O mel de canna dos antigos seria o succo de bambu, e as referencias á exsudação de certas plantas permittem identificar o sakcharon com o tabaxir, que apparece nos entre-nós do bambu.

Em todo o caso devemos notar que os romanos e gregos não conheciam a India; mercadores dessa parte

da Asia lhes traziam noticias dos productos e por ventura as traziam adulteradas.

Para nós aqui, esta questão é de importancia secundaria. O que nos cumpre apontar é que todos os escriptores gregos e latinos que tratam do assunto, affirmam unanimes ser o sakcharon producto exotico. Da India veio a fazenda e com ella o nome. Lá foram buscar uma e outra cousa os arabes: De *çarkara* fez o grego *sakcharon;* á prosodia arabe conveio simplificar a expressão indiana em *sukkar.*

Descoberto e conhecido na India o processo de extrahir assucar de canna, passou a cultivar-se a planta tambem na Persia Meridional e na Arabia. Depois estenderam os Arabes o cultivo ao Egypto, á Sicilia, ao sul da Hespanha.

Na Sicilia introduziram a cultura logo apoz a conquista (em 827); e taes progressos fez, que já no anno de 900 o assucar siciliano era consumido na Africa.

No reinado de Abd-ur-Rahman III (912-961) toda a costa meridional da Andalusia estava coberta de esplendidos cannaviaes, sendo grande o consumo do assucar na fabricação de xaropes e conservas de frutas. O calendario de Cordova do anno de 961 menciona, entre outros, xaropes de rosas, de violetas, de amoras, de ameixas; xaropes e conservas de limões, de nozes, de funcho, de peras, de maçans, etc.

Por esta exposição rapidissima dos factos, vemos quanto é erronea a informação de Larousse, segundo a qual a cultura e extracção do assucar teriam sido importadas na Europa na epoca das Cruzadas, isto é,

no periodo de 1096 a 1270. Vemos ainda que herdamos a palavra *assucar* positivamente do arabe *assukkar* e que nem por sombra podemos filiar um ou outro termo a vocabulo grego ou latino.

Do arabe recebemos igualmente *alfenim*, procedente de *phâni* ou *phânita*, nome com que na India se designava o assucar bruto, impuro. Em lingua persa ha o vocabulo com a forma *fânid* ou *pânêd*, porém applicavel a diversas phases do preparo do assucar, inclusive o assucar branco purificado.

O nome propriamente persa do assucar é *kand*, que se applica em especial ao assucar puro, reservando-se *xeker*, tirado do indiano, ao assucar bruto. Escusado será dizer que ao termo persa se filia o nosso *assucar-candi*.

Porque se escreveu a principio *açucar* com *ç*? E que *ç* ou *c* (antes de *e*, *i*) era a unica letra com que, na epoca do dominio mussulmano, se representava a sibilante dental surda. Tiro esta conclusão do estudo dos textos de aljamia portugueza. E que valor tinham *s* e *ss*? O mesmo que *ch* e *x*. Com quaesquer destas letras se representava a chiante surda.

Se o leitor me permittir que substitua pelo nosso *x* o caracter arabe que representa a chiante, direi que, a julgar pela transcripção arabe, o portuguez pronunciava *xamar* (chamar), *axar* (achar), *xenhor* (senhor), *xaber* (saber), *falxas* (falsas), *xerife* (xerife), etc.

Mas por que não representavam os portuguezes todos esses vocabulos com a mesma letra consonantal? Naturalmente por não ser phonetica a graphia daquel-

le tempo. A escripta portugueza fundava-se no conhecimento da lingua latina. Não havia nenhuma preoccupação etymologica; mas a reminiscencia do latim, que levava a escrever *que,* e não *ke,* fazia tambem com que se graphasse *senhor, saber* e não *xenhor, xaber.* Por outra parte, aquellas palavras que tinham chiante, mas eram extranhas ao latim, faltando-lhes o freio da tradição, eram representadas com *x,* como *almoxarife, xarope,* etc.

O desconhecimento do idioma francez levou a escrever o termo *sire* segundo soava em boca portugueza. Assim Barros, Dec., 2,4,4,: Antepõe esta parte *Xá,* dizendo *Xatamaz,* como se dissessem o senhor *Tomaz,* ou como dizem a el-rei de França, *Xira.*

A ser correcta a nossa explicação, devemos em todo o caso ter como certo que a pronuncia lusitana veio a modificar-se com o tempo.

Jacobus — Um caso complicado

Ἰάκωβος, do hebraico *Yaʿakob*, é nome de varias pessoas mencionadas no Novo Testamento. Assim se chamaram dous discipulos de Jesus: um, o filho de Alpheu; outro, filho de Zebedeu e irmão de João. Este irmão do Evangelista veio depois, diz a lenda, prégar a palavra de Deus em Hespanha. Em Santiago de Compostela mostra-se ainda hoje o tumulo do apostolo padroeiro.

Não menos notavel se tornou o personagem de igual nome que S. Matheus e S. Marcos nomeiam como irmão do Senhor. O verdadeiro grau de parentesco é ponto de controversia, mas não ha duvida que este vulto occupou lugar proeminente na Igreja primitiva.

O nome grego — note-se que todas as partes do Novo Testamento foram originariamente escriptas em grego, que então era lingua geral de communicação no Oriente — o nome grego passou ao latim e espalhou-se pelas diversas nações que abraçaram o Christianismo, alterando-se, porém, e tomando aspectos bem differentes.

Em latim deu *Jacobus*, que os diccionarios figuram sob a forma *Jacōbus*, assignalando como longa a vogal da segunda syllaba em correspondencia com o omega grego. O accento cahiria portanto, segundo as regras de pronuncia, na penultima, e o nome soaria *Jacóbus* ou *Jacōbus*. Tal devia ser a prosodia em boca de quem se utilisava do idioma latino; porém no romanico deu-se necessariamente bem cedo a deslocação do accento para a ante-penultima. Só *Jácobus* com a variante *Jácomus* podiam gerar *Iago*, fr. *Jacques*, ital. *Giacomo*, ingl. *James*, hesp. *Jaime*.

Proferido com extraordinaria frequencia, o primitivo nome, como se vê, não tardou a desgastar-se, a simplificar-se entre as diversas nações christans. Prova da popularidade do nosso apostolo ou dos nossos apostolos.

Iago foi o nome com que os hespanhoes a principio designavam seu padroeiro. Com o costume de proferil-o unido ao termo *santo*, pareceu por fim a todo o mundo que *Santiago* seria *San Tiago*, á semelhança de *San Pedro*, *San Marcos*, etc. Obliterou-se da memoria o verdadeiro nome.

A simplificação *Iago* vagou ainda fóra da Hespanha, sem comtudo transformar-se em *Tiago*. Tomou tal nome aquelle celebre intrigante de Veneza, immortalisado por Shakespeare.

Antonio Pereira de Figueiredo, na traducção da Vulgata, chama *Tiago* aos diversos *Jacobus* do Novo Testamento; porém isto não prova a aceitação geral do nome. Nas antigas historias e narrações, quer de Hespanha, quer de Portugal, nota-se antes que se evita

escrever ou proferir *Tiago,* a menos que não venha ligado a *San.* Dir-se-ia que havia algum tabu em torno do vocabulo simples. Na pia baptismal dava-se preferencia a *Diego, Diogo,* vulgarissimos para memorar, nas pessoas dos peccadores, o santo e glorioso nome do padroeiro.

Vieira e Bernardes chamavam aos *Jacobus* da lei de Christo ora *Santiago, S. Tiago,* ora *Diogo,* ora *Jacobo,* e com toda esta vacillação, evitavam o *Tiago,* simples, sem mais nada:

Diga a *Jacobo* que lhe deixa a Hespanha,... ao outro *Jacobo* o menor Jerusalem e a mesma Judéa (Vieira, Serm. 5,200);

João e *Diogo* eram os dous mais virtuosos do Apostolado (ib. 5,219);

Os primeiros lugares leve-os João e *Diogo* (ib. 4,219);

João e *Diogo* eram conhecidamente os maiores validos de Christo e os mais entrados na sua graça (ib. 2,94);

Se hum dos nossos pretendentes do Evangelho (e seja *S. Tiago,* que veyo a Portugal) viera hoje e, em lugar da cadeira que pediu pretendesse a de qualquer bispado do Reyno, haviam-lhe de responder que não (ib. 2,117);

Tinha [Christo] parentes, porque tinha a João e os dous *Jacobos* primos seus... Tinha amigos, e muyto do seu seyo, Pedro, João, e *Diogo* (ib. 2,348);

Apartou comsigo os tres mais favorecidos discipulos... S. Pedro, S. João, *San-Tiago* e avisou-os assim (ib. 8,103);

Nós, a quem Deus se dignou de fazer testemunhas da sua vinda, juntamente com *Diogo*, irmão do Senhor (Bern. N. Flor. 2,42).

A forma *Jacobo* é latinismo de uso puramente literario. Não consta que portuguezes assim se baptisem. Mas o latim foi por muito tempo a lingua geral dos letrados das nações européas. E', pois, natural que, na falta de expressão vernacula, unica e intelligivel a todos, volvessem os padres Vieira e Bernardes a chamar os santos de quando em quando segundo o original latino.

Excusado era substituir o latinismo ao inglez *James*: *Jacobo* VI de Escocia e I de Inglaterra (Bern. N. Flor. 1,307). Para que isso, se *James*, com pronuncia ingleza, já estava introduzido em Portugal?

Verdade é que o autor da Nova Floresta rectifica *James* para o peninsular *Jaime*, considerando talvez abusivo o emprego do nome inglez.

Houve um duque de Bragança que, sem duvida, alguma, se chamava *James*. Gil Vicente o nomeia em uma de suas tragi-comedias:

Representada ao mui alto e nobre senhor D. Manuel... na sua cidade de Lisboa na partida para Azamor do illustre e mui magnifico senhor D. *Jemes* duque de Bragança e Guimarães no anno de 1513.

Bernardes, referindo-se a elle, escreve:

Com esta mesma arte de cortez e liberal ganhou o coração de todos D. *Jaime* (ou *Gemes*), quarto duque de Bragança (N. Flor. 4,178).

E em outro lugar novamente o nome entre parentheses como que a titulo de concessão:

O mesmo conselho em semelhante urgencia deram outros a D. *Jaime* (ou *Jemes*), filho do infante D. Pedro e neto delrei Dom João o Primeiro de Portugal, que foi cardeal de Santo Eustaquio e Arcebispo de Lisboa (N. Flor. 2,335).

Mas não eram sómente infantes ou duques de Bragança os que em Portugal assim se chamavam. Os chronistas nomeiam um certo *Jemes* Teixeira (Dec. de J. de Barros) ou *James* Teixeira (Castanheda). Fernão Lopes em chr. de D. João, 300, fala de um *James* Lourenço de Evora.

O nome inglez penetrou em Portugal em epoca bem antiga. Chamava-se *James* Eanes [clerigo delrei] um dos que confirmaram os foros de Beja refeitos por el-rei D. Diniz.

Jaime, nome de individuo hespanhol, apparece reproduzido em lingua portugueza com as mesmas letras sem passar pelas forcas caudinas da forma *Jacobo*:

Foi cousa natural que na mesma noite appareceu a Senhora primeiro a S. Pedro Nolasco, logo a elrei D. *Jaime* de Aragão (Vieira, Serm. 2,209).

Antigos no idioma são ainda *Jacome* e *Jacques,* procedentes respectivamente do italiano e francez. Do primeiro topam-se exemplos em listas do pessoal das expedições para descobrimento e conquista da Asia. Da existencia do segundo temos prova neste trecho de Diogo do Couto 7,5,4:

Ao mesmo tempo chegou Henrique *Jaques,* ouvidor geral da India, que andava em huma galeota e vinha de rodear os rios de noite.

Valem hoje por outros tantos nomes proprios *Tiago, Diogo, Jacques, James* e *Jaime*. O *Jacobo* dos seiscentistas cahiu em esquecimento. Não serve nem para designar discipulo ou parente de Jesus, nem para traduzir os nomes *James* e *Jacques* de nações estrangeiras.

Dizemos *Jacques Cartier, James Watt,* exactamente como francezes e inglezes.

Não podemos comtudo desprezar *Jacobo* quando se tratar de personalidade conhecida na historia unicamente pelo nome grego ou latino. Tal é o caso de Jacobus Baradaeus da Idade Media, restaurador da Igreja monophysita syriaca, a qual adversarios gregos passaram a denominar Igreja jacobita.

Filiam-se directamente ao nome usado em lingua classica os derivados *jacobita* e *jacobino*. O primeiro, além do sentido religioso de que acabamos de falar, tem ainda o profano. Na Inglaterra, apoz a revolução de 1688, recorreu-se ao derivado *jacobita* para designar os partidarios do exilado rei James II, partidarios, depois, de seus descendentes, e, extintos estes, dos descendentes de Carlos I.

Jacobinos chamaram-se em França os dominicanos pela circumstancia de terem a sua primeira casa na rua S. Jacques em Pariz. Na revolução franceza, quando o *club bretão* transferiu a sua séde para uma sala do mosteiro dos ditos frades na rua S. Honoré, trocou-se em *club dos jacobinos* o nome desse famoso partido politico.

Si sem função de reflexivo

Na linguagem familiar usada em Portugal nota-se, do seculo passado para cá, o emprego do pronome *si* não sómente com o valor tradicional de reflexivo, mas ainda como forma obliqua de tratamento da 2.ª pessoa do singular mais respeitoso que o *tu* grammatical. Tanto dizem os lusitanos *elle falou de si para si* como, dirigindo-se a outrem, *falavamos ha pouco de si*.

A innovação cinge-se á forma tonica, isto é, ao reflexivo preposicionado; não affecta em caso algum a forma atona. Dativo e accusativo não preposicionados exprimem-se por *lhe, o*: *Communico-lhe isto a si; vi-o hoje a si*.

Se em Portugal se generalisou, ou vai generalisando rapidamente a nova applicação do *a si, para si, de si, comsigo,* etc., outro tanto não podemos dizer do falar usado no Brasil. Aqui vai-se caminhando mais devagar e com mais precaução. Essa linguagem singular que algumas vezes se observa entre nós não brotou espontanea, parallelamente com a pratica de ultra-mar. Deve-se ao espirito imitativo.

Não vemos os brasileiros a necessidade de ir despojar o pronome da função que lhe é propria. Pois a linguagem perde alguma cousa com insistirmos em dizer *vi-o hoje ao senhor, a você, communico-lhe isto ao senhor, á senhora, falavamos ha pouco de você?*

Camillo impugnou a innovação; e tacharam-no de incoherente porque reproduzia, nos dialogos de seus romances, a linguagem propria de certos personagens sem primeiro a passar pelo cadinho da correcção grammatical. Como se por imperfeições e erros do falar alheio fosse mais responsavel o romancista do que o photographo pelas fealdades que reproduz de uma figura que não é bonita.

Pondo de parte essa critica injusta, comprehende-se perfeitamente que tenha duvidas sobre os reparos de Camillo quem em seu paiz vê tão espalhado o emprego do *si* sem ser na accepção reflexa. E' o caso do autor de *Notas Camilianas, Historia de Eusebio Macario e de A. Corja,* obra recente publicada em Lisboa. Obsequiou-me o Sr. Ludovico de Meneses com um exemplar deste interessante trabalho.

Julga o autor resolvida a questão com a communicação a proposito feita por José Maria Rodrigues á Academia das Sciencias de Lisboa. Esta communicação vem impressa, em forma de appendice, no referido livro *Notas Camilianas*.

Começa por transcrever, de segunda mão, o modo de ver de alguns brasileiros que trataram do assunto, nenhum dos quaes acha razão para se recommendar o novo emprego do reflexivo *si*. E admira-se que estes — não nomeia nenhum lusitano — considerem

as frases *tenho dó de si, vou comsigo,* um abuso de linguagem, uma falta e descuido censuravel, um erro crasso, uma incorrecção, um solecismo.

Não verifica se esta critica desfavoravel tem alguma cousa mais profunda que o impeto de submetter anomalias de linguagem á disciplina grammatical. A investigação mostraria por ventura que certas expressões de tratamento que se ouvem em Portugal não coincidem rigorosamente com as de cá, nem quanto ao sentido, nem quanto á frequencia do seu emprego. E reconhecido este facto, não haveria tanto motivo para estranhar a attitude dos mencionados brasileiros.

Sem mais commentarios ás considerações desses grammaticos e philologos, declara J. M. Rodrigues ser opinião sua "que as duas frases são legitimamente portuguezas, pois derivam de uma evolução produzida nas relações sociaes".

Parece-me que deveria attribuir o phenomeno simplesmente a uma evolução semantica. As relações de igual para igual, ou entre superior e inferior não sei em que cousa se alterariam para se mudarem tão espantosamente as formas de tratamento. As vicissitudes por que passaram os pronomes em Portugal haviam de ser as mesmas em outros paizes, e nestes se chegaria por fim tambem ao uso do reflexivo, em lugar do pronome pessoal, pois as relações sociaes eram por toda a parte as mesmas.

O plural de majestade é o ponto de partida a que o autor da communicação affere as considerações com que busca a um tempo resolver a difficuldade lin-

guistica e firmar a legitimidade do *si* sem ser com a função reflexiva. Mas esse luxo oriental do plural majestatico introduzido, como tantos outros, por Diocleciano nos costumes romanos, não mostra que se modificassem as antigas relações entre senado e imperador ou entre o imperador e o povo.

Passo pelas observações sobre o emprego das formas cerimoniosas de *vós, vosso, vossa mercê, você, vossa senhoria,* etc., por já haver desenvolvido o caso, creio que bastantemente, na Lexeologia do Portuguez Historico pag. 64-65 e na Syntaxe do Portuguez Historico pags. 94-97. Conviria talvez accrescentar que o tratamento *vós* tornou-se extensivo aos individuos de condição igual ou inferior á da primeira pessoa.

A communicação á Academia das Sciencias de Lisboa ignora este ultimo ponto. Suppõe que o *vós* ficaria cristalisado sem poder alterar-se a nova função semantica que adquirira. Chegaria, pois, o tempo em que se sentiria a necessidade de ir procurar uma expressão que designasse a pessoa cuja categoria não era nem para o *tu* nem para o *vós*. Ora a linguagem em casos analogos costuma resolver o problema com a ampliação do sentido dos vocabulos, e não com a cata de um vocabulo estranho. Servem de testemunho o *vous* francez e o *you* inglez.

Mas a communicação affirma que em portuguez se recorreu ao pronome *elle, ella,* declinado em todos seus casos, quando se não podia ou não queria tratar por *tu* uma pessoa que não tinha a categoria necessaria para um *vós* ou para um *vossa mercê,* ainda não degradado, phonetica e semanticamente, no actual

você. E aponta dous exemplos tirados do auto Filodemo de Camões e dous da comedia Eufrosina. Porém estes exemplos fazem-nos desconfiar da these que se sustenta.

Logo o primeiro apparece como uma prova negativa. Dionysa, ama de Solina, tem sem duvida alguma a categoria necessaria para o *vós* ou *vossa mercê*. Como é que Solina lhe póde dar o tratamento de *ella?* J. M. Rodrigues explica: Solina perdeu o respeito á ama, pois lhe serve de *terceira* para com Filedemo.

Quer isto dizer que sendo Solina confidente de Dionysa, como de facto o era, podia occasionalmente usar de certas liberdades que lhe permittiam dirigir-se á ama com o tratamento *ella*. Curioso é que a ama por sua vez falasse ou respondesse á criada sempre por *vós*. Falta-nos explicação que accommode esta linguagem á supposta regra do emprego dos pronomes.

A scena 2.ª do 4.º acto da comedia Eufrosina é um longo dialogo em que Eufrosina, dama, prorompe agastada contra a donzella Silvia de Sousa em expressões um tanto asperas. Eufrosina revela o brio da sua situação superior, mas, salvo uma só vez, sempre fala por *vós*. Silvia responde por *vós* e por *ella*. A situação não é para desrespeito. Repare-se neste trecho:

Eufr. Olhai aquella mentirosa, se *vos* cahissem os dentes cada vez já nom os tever*eis*, e se vem a mão tomarmi*eis* de minhas agulhas, que a *vós* nada vos escapa.

Silv. Milhor viv'eu, e milhor me dé Deos saude!

Eufr. He mal, nunca logo *vivireis*. Ora vedes me isto, quem me tirou daqui o alfinete?

Silv. *Sua* mulata, ou algũa dessoutras raparigas que tudo revolvem e enxovalham, ou o perderia *ella*, que nunca o prega.

Eufr. Esse he bom dissimular: *mostrai* que eu o conhecerei: Ah! esse he elle.

Silv. Perdoe-vos Deos, senhora, que em aquella outra casa o achei.

E pouco adiante:

Eufr. Olhai esta desavergonhada, que estaa dizendo!

Silv. Tal me aquecesse! e *guardai*, senhora, nom se vos embaralhe o estomago. Mais quam certo he que *querieis* ante oje que a menhàa e tanto *vos* he de bem que o nam *credes*.

De todo o dialogo menciona a communicação de J. M. Rodrigues e pelas proprias palavras sómente esta resposta de Silvia: "*Sua* mulata ou algũa dessoutras raparigas... ou o perderia *ella*.

Dado que as explosões da linguagem em 3.ª pessoa alternando com o *vós, vosso* fossem devidas á desenvoltura e muita semcerimonia da donzella Silvia, teriamos, ainda aqui, não a prova immediata, clara e evidente do que expõe a these, e sim um argumento tirado de certa situação excepcional. Falta-nos a demonstração directa; faltam exemplos positivos do uso continuado e exclusivo do tratamento *elle, ella*, para com pessoas nas condições figuradas pela these, pes-

soas cuja categoria tornem necessario o dar-se-lhes tal tratamento como intermediario entre *tu* e *vós, vossa mercê,* etc.

Mas na comedia de Jorge Ferreira como no auto de Camões o *elle, ella* apparece sempre, não como "intermediario", entre *tu* e *vós,* mas parallelamente com o extremo mais elevado, alterna com *vós, vossa mercê,* etc.

Por *vós* e tambem pela 3.ª pessoa grammatical (*vossa mercê, ella, elle*) fala a moça ou criada á ama, o moço ou criado ao homem a quem serve. A ama fala geralmente por *vós,* mas o amo a seu moço ora por *vós,* ora por *tu.* Logo o 1.º acto do auto camoneano começa com este dialogo:

Fil. Moço Vilardo... *Trazei* cá huma cadeira. *ouvis,* villão?

Trazida a cadeira, assenta-se e prosegue:

Fil. *Vai* para fora, Vilardo. *Torna* cá. *Vai*-me saber se se quer já erguer o senhor dom Lusidardo, e *vem*-no logo dizer.

E tornando Vilardo com o recado:

Fil. *Traze*-me a viola cá.

Vil. Si, virá, se não estiver dormindo.

Fil. Ora *hi* polo que *vos* mando. Não *gracejeis.*

Vil. A viola, senhor, vem sem primas nem derradeiras. Mas *sabe* o que lhe convem? Se *quer,* senhor, tanger, ha de haver terceiros. E se estas *vossas* não forem para escutar e *quizerdes* esperar, ha mister cordas grossas.

O tratamento ora de *tu* ora de *vós* era de estilo quando o amo se dirigia ao criado. Na querella entre o moço e o escudeiro, que não tem com que sustental-o (G. Vic. 3, 176-178), pede aquelle pobre diabo por fim ao juiz lhe permitta tratar o escudeiro como se trocados estivessem os papeis:

Eu não quero mais sentença, senão que me deis licença e chamar-lhe-hei *tu* ou *vós*.

Que havia antagonia entre os tratamentos *tu* e *elle* é these demonstravel; mas que o pronome *elle* designe a 2.ª pessoa "com quem não se quer usar alguma das formulas cerimoniosas" é supposição sem o minimo fundamento. Casos ha, pelo contrario, em que o uso de alguma das taes formulas é de estricta obrigatoriedade e, ainda assim, se recorre uma vez por outra ao pronome *elle*. Principes exigem o tratamento de *vossa senhoria, vossa alteza,* etc.; sacerdotes o de *vossa reverencia, vossa senhoria reverendissima* e todas estas formulas podem ser substituidas pelo pronome *elle*. Já tive occasião de tornar conhecidos varios desses exemplos. (Formação de Palavras e Syntaxe do Port. Hist., pag. 98).

As formas *lhe, o, a, seu, sua,* applicadas a pessoa com quem se fala, refere-as J. M. Rodrigues tão sómente ao pronome de tratamento *elle, ella*. E assim interpreta a linguagem actual *desejo-lhe saude, já hoje o vi* como uma reliquia daquelle falar antigo. Interpretação muito para estranhar, pois que todo o mundo sem esforço mental considera taes quizeres equivalentes a *desejo saude ao senhor, a você, vi ao senhor, a você, a vossa excellencia,* etc.

Como exemplo do falar antigo aponta aquelle caso em que Solina, respondendo á consulta da ama sobre o que deve fazer, diz: Bofé, se eu tanto amasse e visse tempo e sazão, sem *seu pai*, sem *seu irmão*, que a nuvem triste tirasse de cima do coração.

Mas se o possessivo pode ser considerado aqui como devido ao tratamento *ella*, outras vezes será equivalente directo *de vossa mercê*, etc. E' caso evidente nest'outro passo do mesmo auto Filodemo:

Vilardo a Dionysa: Senhora, o senhor *seu pai*, mesmo *de vossa mercê*, já lá para casa vai; por isso, senhora, andai.

Confrontem-se ainda os varios passos de João de Barros, Diogo do Couto, Frei Luis de Sousa por mim apontados (pags. 94 a 98 do citado livro), nos quaes *lhe, o, seu, sua*, se referem directamente a formulas cerimoniosas e são usadas por *a vossa reverencia, de vossa real senhoria, a vossa majestade, de vossa majestade*.

O padre Vieira nas suas Cartas tinha por costume repetir por extenso a formula cerimoniosa, o que lhe foi notado como defeito de estilo por Luis Antonio Verney: O (tempo) mais bem empregado são esses instantes, e o papel de mais gosto é este papel em que escrevo *a vossa senhoria*, mas não é bem que tome o tempo *a vossa senhoria*, quando *vossa senhoria* tem tanto em que o empregar e de tanto serviço de Deus. O mesmo Senhor guarde *a vossa senhoria* (Vieira, Cartas 1,138).

Mas por vezes recorria tambem ás formas *lhe, seu*, etc.: *Vossa mercê* risque e emende o que *lhe* pare-

cer menos acertado, mas peço-*lhe* muito seja de voto que vençamos (Cartas 1,8); com que impaciencia (escrevo) vendo-me preso e atado para não poder em tal occasião ir-me deitar aos pés *de vossa alteza* e acharme a *seu* lado em todo o perigo (ib. 1,11).

Na carta de D. Manuel para os reis de Castella dando-lhes parte da descoberta da India (na collecção "Alguns documentos da Torre do Tombo") lemos: E porque sabemos que *Vosas Altezas* ham de receber gramde prazer e contentamento ouvemos por bem dar-*lhe* disso noteficaçam".

Da carta do mesmo monarcha ao papa Julio II (de 11 de junho de 1505) extrahimos: Samtissimo em Christo padre e muyto bem aventurado senhor Julio, o vosso devoto e obediemte filho dom Manuel por graça de Deus, rey de Portugal.... encommenda nos *Vossa Samtidade* que *lhe* declaremos o que sobre estas cousas nos parece, o que nos fazemos nam contra nossa vomtade...

A de Nuno Gato dando conta a elrey D. Manuel do cerco que os Mouros puzeram a Safim, tem este começo: Senhor. Posto que seja com muita opresam, he necessario que dê conta *a Vossa Alteza* das cousas tanto de *seu serviço,* e tocaremos o que podermos nas da fazenda.

Da existencia de casos em que a pessoa com quem se fala é tratada por *elle, ella,* conforme o sexo, dá noticia o meu livro de 1923. Expuz o phenomeno, embora como problema obscuro que reclamava estudos ulteriores. Não me occorria por então mais que uma ou outra conjectura vaga que indicaria caminho para

explicar o facto. O que naquelle tempo eu não conseguia, a communicação de J. M. Rodrigues, por um processo mais que summario, e com documentação deficiente, presume agora ter alcançado. A cousa seria simplissima. Faltava um tratamento entre *tu* e *vós*. Um era muito familiar, muito baixo, outro demasiado alto e cerimonioso. "Que fazer nestas circumstancias? Recorreu-se ao pronome da terceira pessoa do singular". E lá ficou cortado o nó gordio.

Havia, já o dissemos, outro recurso mais natural, muito commum no dominio da semantica: ampliar o sentido de um dos vocabulos já em uso. Nem o inglez nem o francez necessitaram de ir bater á porta da terceira pessoa.

Mas estas e outras considerações a que repetidamente dá lugar o exposto na communicação de J. M. Rodrigues parecem-me já agora superfluas, pois creio haver demonstrado com os proprios factos da linguagem que *elle, ella* não exercia função de pronome intermediario.

Attentando bem nos varios exemplos que a literatura offerece, julgaremos antes que este pronome servia de substituir e lembrar o termo cerimonioso, o substantivo das expressões *vossa mercê, vossa senhoria, vossa reverendissima,* etc., dando-se ao pronome a forma masculina ou feminina conforme o sexo da pessoa, de accordo com regra de syntaxe assaz conhecida.

E' provavel, até, que as formas *elle, ella* relembrassem a principio sómente as expressões *senhor, senhora,* a cada momento usadas em forma de vocati-

vo. E d'ahi passaria a distinção de sexo a acompanhar os demais tratamentos.

Lança bastante luz sobre a intenção do emprego do pronome o final da carta de Pero Vaz de Caminha em que o pronome, expresso em genero discordante do sexo do monarcha, está em lugar de *vossa alteza*. Transcrevo o trecho, e quanto ao alternarem as formas em 3.ª pessoa com o emprego de *vós, vosso,* remetto o leitor ao que a este respeito já expuz no livro acima referido:

E neesta maneira, senhor, dou aquy a *Vosa Alteza* do que neesta vosa terra vy; e se a alguum pouco alonguey, *ela* me perdoe, e ao desejo que tijnha de vos tudo dizer me fez asy poer pelo meudo. E pois que, senhor, he certo que, asy neeste careguo que levo como em outra qualquer cousa que de voso serviço for, *Vosa Alteza* ha de seer de mym mujto bem *servida, a ela* peço que por me fazer singular merçee mande vyr da jlha de Sam Thome Jorge Dosoiro meu jenrro, o que *dela* receberey em muyta mercee. Beijo as maãos de *Vosa Alteza*. Deste Porto Seguro de vosa jlha de Vera Cruz.

As formas *lhe, o,* hoje usadas para designar a pessoa com quem se fala, já se vê que não procedem do antigo e, digamos sem receio, occasional tratamento *elle*. Haviam de necessidade usar-se quer houvesse, quer deixasse de haver tal tratamento. São formas reclamadas pelo uso generalisado do verbo em 3.ª pessoa. Uma vez que se abandona a linguagem (*vós*) *cantais, mereceis* e se substitue por (*vossa mercê, você,*

vossa excellencia, o senhor, etc.) *canta, merece,* ao dirigir a palavra a alguem é clarissimo que se ha de usar dativo e accusativo em correspondencia com o sujeito e o verbo em 3.ª pessoa grammatical. E o sujeito que se enuncia ou se tem em mente não é senão uma das expressões *vossa mercê, você, o senhor,* etc.

Contrariando este raciocinio, que é o de todo o mundo, e imaginando, por equivoco, ser outra a causa do emprego de *lhe, o,* a communicação á Academia das Sciencias entende que "para os outros casos obliquos" — quer dizer, de certo, para a forma preposicionada — "recorre-se ao pronome reflexo, que perdeu a significação primitiva, quando se refere á segunda pessoa: *Tenho dó de si* a par de: *Tenha dó de si. Se seu pai morrer, tenho muito dó de si, mas mais o tenho delle".*

Seria esse falar, segundo J. M. Rodrigues, uma demonstração da logica, inexoravel nas suas inferencias. Curioso, curiosissimo é que esse recurso determinado, ao que se affirma, pelo antigo tratamento *elle,* só modernamente se tornasse necessario, quando já andava esquecido aquelle modo de designar a pessoa.

E porque não no tempo em que floreceu, ou se suppõe ter florecido, o *elle, ella?* Ambiguidade? E corrige-se a ambiguidade só depois que a maneira de exprimir cahiu em desuso? Solina, perguntada por Dionysa se folgava muito de ouvir a Filodemo, responde: Si, porque me fala *nella;* e eu, como ouço falar *nella,* como quem não sente, de o escutar, só para lhe vir contar o que *della* diz a gente.

Solina não precisou de recorrer a *porque me fala em si* ou *o que de si diz a gente* para ser entendida pela ama.

O possessivo *seu* referido á segunda pessoa, teria sido causa — segundo o raciocinio da communicação — de dar-se hoje em Portugal ao pronome reflexo a função de pessoal: "Os pronomes possessivos correspondem, como se sabe, ao genitivo do pronome pessoal: *meu — de mim; teu — de ti; seu — de si.* Daqui as locuções: *tenho dó de mim, tenho dó de ti; tenho dó de si* (isto é, *delle,* segunda pessoa).

Ora o possessivo *seu* já em tempo de Camões se podia referir, como hoje, á pessoa a quem se dirige a palavra. Mas desta pratica não resultou nenhuma novidade relativamente ao reflexivo nem na era quinhentista, nem ainda um e dous seculos depois.

Além disso, é de notar que *seu,* no dominio da lingua portugueza e referido á 3.ª pessoa, não equivale a *de si,* e sim a *delle, della, delles, dellas.* O autor da communicação devia ter dado com o engano quando se lembrou de pôr a explicação entre parentheses, e que por confusão applica sómente á segunda pessoa.

E' possivel que a principio só attendesse á derivação etymologica, desprezando de todo a evolução semantica. A prevalecer esta hypothese, está o autor contradizendo a marcha do seu raciocinio, cujo intuito é esclarecer alterações de sentido.

Os reparos que tenho feito aos diversos argumentos com que forçosamente se quer explicar o *si* em *de si, a si, comsigo* usado como se fora pronome pessoal, mostram que é insustentavel a these da commu-

nicação á Academia das Sciencias de Lisboa. Factos ha, todavia, mais simples, mais positivos, que devem dar a solução do problema.

A julgar pelas comedias quinhentistas, o pronome *vós* servia tanto para a linguagem cerimoniosa como para o tratamento familiar: pai para filho, filho para pai, marido para esposa, etc. Mas a par deste *vós* veio a usar-se o tratamento em 3.ª pessoa com o sujeito *vossa mercê* e outros quando em especial se queria exprimir respeito. Tambem se podia calar o *vossa mercê,* empregando tão sómente o verbo. Esta pratica de omittir o sujeito tornou-se muito commum.

Para os casos obliquos havia as formas atonas *lhe, a, o.* Mas para a forma obliqua preposicionada minguava essa linguagem em 3.ª pessoa. Não podia ficar apagada a designação do tratamento. A não querer empregar-se, como frequentemente se fazia, o *de vós, para vós,* etc., era necessario tornar explicito o outro tratamento cerimonioso: *de vossa mercê, para vossa mercê,* etc.

O emprego do verbo em 3.ª pessoa sem menção do sujeito, juntamente com o uso de *lhe, o, a,* dativo e accusativo, e o possessivo *seu, sua,* era uma formula incolor, muito commoda, e sobretudo muito propria para tirar da perplexidade a quem não sabia se havia de dar a outrem *vossa mercê* ou *vossa senhoria.* E quando mais tarde se gerou do alto *vossa mercê* o mesquinho *vossê,* continuando aquelle a viver sem nada perder da sua dignidade, ainda mais occasiões se proporcionaram para o expediente do tratamento incolor.

O desuso, em epoca moderna, do pronome *vós* em linguagem familiar contrabalançou-se com a maior frequencia do tratamento pelo verbo na 3.ª pessoa. A tactica de calar o sujeito, que, qualquer que fosse, pedia o emprego dos nada compromettedores pronomes obliquos *lhe, o,* e do possessivo *seu, sua,* effectuou-se cada vez com mais brilho. Mas teve de esbarrar nas construcções em que a linguagem requeria o pronome preposicionado. Que fazer em taes aperturas? Lançar mão de um *de vós, para vós, comvosco* era chocar o ouvido com um falar já fora da moda. Não havia remedio senão mencionar explicitamente a formula e empregar ou um *de você, para você,* etc., ou algum dos dizeres mais cerimoniosos, *de vossa mercê, do senhor, da senhora,* etc.

O obstaculo que o bom senso levantava á referida tactica desfel-o todavia ao cabo de certo tempo um estratagema singular. Havia necessidade de uma forma pronominal tonica, referivel, como as formas *lhe, o,* e, como estas, simples e apta para silenciar a designação do tratamento. Estava nestas condições o pronome *si,* mas este era reflexivo. A linguagem familiar em Portugal não fez caso da função que lhe era propria e abusivamente, quer dizer, contra toda a tradição e contra os preceitos grammaticaes, passou a usal-o tambem como pronome pessoal.

Por que razão os grammaticos da banda de cá do Atlantico consideram geralmente tal maneira de falar como erronea? Em primeiro lugar, porque aqui falamos a linguagem do Brasil, e está bem de ver que se a enorme irregularidade nascesse e se criasse em

nosso paiz, e nelle tão sómente, soaria como uma abominação aos puros ouvidos lusitanos que aferem o falar correcto ao "purissimo ouro" dos classicos.

No Brasil mui poucas pessoas dizem *estas cartas são para si,* e, ainda assim, por imitação dos lusitanos. Aqui o que geralmente, e sem constrangimento se usa, é *estas cartas são para o senhor* ou *para a senhora*) ou, havendo intimidade, *ellas são para você.* O brasileiro quando vê pessoa de sua estima cahir na desgraça, costuma manifestar-lhe o seu pesar não á neo-portugueza com um *tenho dó de si* mas simplesmente com a frase nada requintada *tenho pena do senhor,* ou *de você.*

E com toda a naturalidade assim se fala em nosso paiz. Não se sente até agora necessidade de fazer violencia á tradição e emprestar ao pronome *si* um sentido que não tinha, apesar do uso, frequente entre nós, do tratamento pelo verbo em 3.ª pessoa, calando o sujeito, com as referencias pronominaes *lhe, o, a, seu, sua.*

Expliquei, e creio que de modo razoavel, o caso do apparecimento, em Portugal, do *si* com a função nova. Admitto, posto que não viva nesse paiz, que a innovação se tenha espalhado bastante no trato familiar. No falar culto até o presente não logrou aceitação. Se ahi se introduzir e se generalisar igualmente, toda a discussão sobre a legitimidade terá de cessar.

Esta conclusão não se póde derivar do que acima eu expuz. Explicar um phenomeno linguistico não significa recommendar a sua aceitação no falar das pessoas cultas. Isto não é da jurisdicção do linguista.

J. M. Rodrigues pensa de outro modo. O linguista, ao seu ver, está ahi para amparar o grammatico, e as alterações semanticas seguem processos rigorosamente logicos, senão no passado, ao menos para o futuro. Mas que tudo isso fosse verdade, a pesquisa scientifica dos factos devia ser mais paciente, mais cautelosa. De conceitos *a priori*, puramente imaginarios, como a sua doutrina sobre o pronome *elle*, não se tiram conclusões legitimas.

INDICE

Prologo 5

Meios de expressão:

O accento em *á* 7
Rimas em frases feitas 21
Alliterações nos Lusiadas 25
Anacolutho 37
Expressões de situação 41
Alterações semanticas 85
Anatomia 89
Termos de anatomia 91
Cabo, cabeça 94
Afagar 98
Couce 100
Convite 101
Policia 104
Interessar, por amor de, pôr freio 107
Fortuna 111
Acquisições novas — Estrangeirismos 119
Chefe 122
Desarranjo 124
Montar, remontar 127
Parlanda, galliciparla 136
Desvalijar 137
Agir, reagir, coagir 140
Por maior, por menor, minudencia, detalhe 146

Capitulos suplementares:

Interjeições 155
Proposital e propositado 181
Copa e copo 193
Assucar 203
Jacobus — Um caso complicado 211
SI sem função de reflexivo 217

N. 2.314 — Officinas Graphicas da Livraria Francisco Alves ,

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, LOS ANGELES
THE UNIVERSITY LIBRARY
This book is DUE on the last date stamped below

MAR 31 1945

MAY 7 1945

Form L-9
25m-10,'44(2491)

THE LIBRARY
UNIVERSITY OF CALIFORNIA
LOS ANGELES

UNIVERSITY OF CALIFORNIA-LOS ANGELES
L 010 705 684 8

PC
5240
S13m

Extracto do Catalogo da Livraria Francisco Alves

Difficuldades da Lingua Portugueza (estudos e observações), por M. Said'Ali, 1 vol. com 318 pags., cart. ..... 12$000

Os Lusiadas de Luiz de Camões, edição commemorativa do 4.º centenario do nascimento do poeta, annotada e revista pelo Dr. Pedro A. Pinto. 1 vol. enc. ..... 3$500

Termos e Locuções — Miudezas de Linguagem Luso-Brazileira, pelo Dr. Pedro A. Pinto, 1 vol. in-16 com 362 pags. br. 6$000, encad. ..... 8$000

A' Margem dos Lusiadas (alguns nomes geographicos), pelo Dr. Pedro A. Pinto, 1 vol. br. 5$000, enc. ..... 7$000

Notas de Advocacia Grammatical (Estudinhos de Linguagem Portugueza), pelo Dr. Pedro A. Pinto, 1 vol. de 210 paginas, br. 4$, enc. ..... 6$000

Notas de Linguagem Portugueza, pelo Dr. Pedro A. Pinto, 1 vol. de 214 paginas, br. 4$, enc. ..... 6$000

Nugas e Rasgos de Linguagem Portugueza (Notas de varios tempos), pelo Dr. Pedro A. Pinto, 1 vol. de 254 paginas, br. 4$000, enc. ..... 6$000

Diccionario dos Lusiadas, com uma introducção grammatical. Livro indispensavel, por onde se póde aprender a lingua, pelo estudo do maior dos seus classicos, pelos Drs. Affranio Peixoto e Pedro Pinto. 1 vol. in-8 com 616 paginas nitidamente impressas, br. 15$, enc. ..... 20$000

Medicina dos Lusiadas, estudo sobre os termos medicos empregados por Luiz de Camões no seu grande poema, pelo Dr. Affranio Peixoto. 1 vol. in-8 com 48 paginas, br. ..... 1$500

Camonologia (A) ou os Estudos Camonianos; iniciativa da creação de uma cadeira de Camões na Universidade de Lisbôa. Conferencia feita no Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, em 4 de Fevereiro de 1924, para celebração do 4.º centenario do nascimento do Poeta, pelo Dr. Affranio Peixoto. 1 vol. in-8 com 66 paginas, br. ..... 2$000

Noções de Semantica (Estudos da Lingua Vernacula), por Pacheco da Silva Junior, 1 vol. in-16 com 177 paginas cart. ..... 2$000

Novos Estudos da Lingua Portugueza, por Mario Barreto, 2.ª edição corrigida e muito augmentada. 1 vol. cart. ..... 7$000